JAN.

I

«Uma só, das memorias da vida
Vale a pena guardar entre mil...»
Garrett: Folhas caídas, no Livro I, VI.

«Que se apresse aquele que quizer guardar alguns fragmentos do passado para as saudades do futuro...»
Alex. Herculano: Monge de Cister, vol. I, pag. X da 3ª edição

Este ano de 1911 foi tumultuoso e foi, na verdª., duma incertêza desagradavel para os que, como eu, se viam envolvidos nos sucessos politicos.

Largado o Commissariado e desiludido co mo contei, veiu depois a eleição para as Constituintes que me deixou mais desiludido ainda. O episodio da Liga Militar não foi de molde a fazer renascer em mim a calma e a fé no novo regime. Via nos ho

UNIVERSIDADE LIVRARIA DA UNIVERSIDADE

mens que apareceram grande contradição com as afirmações feitas durante a propaganda; era necessario crear clientelas politicas, assegurar as votações até aí na quase totalidade, em mãos monarquicas; e assim, a constante admissão dos adversarios das vesperas, veio trazer confusão, dissenções e desconfianças a muitos.

Não sei se foi bom se foi máu o sistema seguido; do lado republicano haveria em certos sectores alguma boa fé; do lado monarquico é que a não houve. Estou disso convencido.

A avalanche de adesivos que encheu o partido historico, vinha com os propositos de manter as posições creadas no regime monarquico e tirar o possivel proveito da tolerancia e ausencia de pratica dos republicanos. Eu via esse desenrolar de factos umas vêses sem atingir bem as consequencias, outras com manifesto desgosto; depois, as ameaças de insurreições realistas, o descredito provocado no estrangeiro por agencias pagas e organizadas á custa de capitais dos monarquicos e especialmente da a reacção ultramontana, causavam um.

biente inquietador que, por muito que quizessemos ser optimistas, era dificil conseguí-lo.

Apesar das minhas desilusões, o certo é que não tive grande emenda...

Ao deixar o Comissariado mantive-me isolado certo tempo e sem aparecer; o José Cardoso veiu obrigar-me a sair de casa para um comicio na Pampilhosa da Serra como contarei; e em 5 de Março apareci num jantar que deram ao Ramos da Costa se me não engano em S.ta Clara na igreja ao fundo da calçada, templo ha muito sem culto — jantar que era, por assim dizer, propiciatorio para a candidatura ás Constituintes.

Deste modo... saía duma e caia noutra. Enfim, era o bom desejo, até certo ponto, de fazer alguma coisa e, possivelmente, a esperança, mais ou menos agarrada, de melhores dias e tambem, como certa personagem de Stendhal, preocupado com a minha ideia e não com a realidade,[1] ou se assim quizeram, um tanto ou quanto

---

[1] Vie de Henri Brulard, cap. 32.

como disse o nosso Fr. Antonio das Chagas; «a cabeça é geral foi sempre e muito pior "por minha culpa do que Deus a fez ...»[1]

Ora pois... As coisas são o que são e vamos adeante.

Não me referi ainda a uns episodios em q. fui comparsa antes das eleições: os comicios de propaganda do novo regime.

O José Cardoso, nascido na freguesia do Fajão, concelho da Pampilhosa da Serra, pensava na sua terra possivelmte já com mira na candidatura e conseguiu levar um grupo de rapazes a essa terreola então ainda sem estrada praticavel.

Esse grupo era constituido pelo Jaime Cortezão, Manuel Marques dos Santos Ferrer, de Semide e estudante de Direito, Alberto Tores Garcia, da Varzea de Gois, estudante de Ciencias e eu. Saímos de Coimbra, em 18 de Fevereiro, de madrugada, para alcançarmos a diligencia no alto da serra, na catraia das Cabeçadas; aqui esperávam-nos umas cavaletas que nos leváram durante

---

[1] Cartas espirituais, c. 29.ª da ed.ª Sá da Costa.

horas, por montes e vales, á vila da Pampilhosa onde nos esperavam o inevitavel foguetório e uma filarmonica com a bandeira costumada perante a curiosid.ᵉ do povileu que acudiu em magotes.

O comicio foi no dia seguinte, Domingo, 19, a seguir á missa; uma especie de coreto ornamentado com heras na praça principal, era a tribuna de onde nós teriamos de arengar, lançando com palavras mansas e simples todos os beneficios que a Republica vinha trazer — cada qual tratando dum assunto que mais conhecesse.

Os homens ouviam com atenção mas sem entusiasmo. Até 5 de Outubro o Concelho era mais ou menos feudo franquista e a mudança de instituições não seria, de certo, fenomeno claramente compreendido. Mas cada um de nós lá disse de sua justiça e chegámos ao fim sem novidade.

Os antigos influentes politicos, depois, vieram pegar pé, amavelmente; e se a memoria me não atraiçôa, até o Prior, o Padre Urbano, velho franquista (salvo erro) veiu á palestra, atencioso e hospitaleiro...

Já em qualquer parte me referi a este P.e Urbano, certam.te na minha descrição da passeiata á Pampilhosa em 1907;[1] mais tarde, no periodo agitado das conspirações monarquicas fui visita-lo á Penitenciaria onde estava preso.

Coisas da vida.

O dia, porem, foi bem passado, na paz da aldeia. O Jaime Cortezão com a sua figura apolinea e maneiras distintas cativara os magnates serranos e sentira, poisados nas suas barbas loiras um ou outro olhar feminino só habituado á rudeza da serra; o José Cardoso impunha-se pela franqueza com q. falava, insinuante e compreensivo; o conjunto agradára a todos, creio eu, a gregos e a troianos.

E na madrugada seguinte lá voltamos nas mesmas _cavaletas_, com nevoeiro cerrado que nos ia fazendo perder o caminho, até apanhar a deligencia á Catraia da estrada; chegamos cheios de frio e estafados, mas _com a certeza_ de que a Pampilhosa da Serra ficára republicanizada de

---

(1) _Passeios e viajatas_, v. II, pag. 237 e seg.tes

vêr a os velhos costumes politicos da Monarquia tinham desaparecido para sempre...

Bons tempos.

Depois foi Góis, terra de "raiva politica" a escolhida pelo José Cardoso para nova envestida libertadora.

A 12 de Março lá fomos, num automovel alugado, o José Cardoso, o Jaime Cortezão, o Augusto Casimiro, o Torres Garcia e o Antonio Leitão e não me recordo se mais alguem. Madrugada fresca, estrada da Beira fóra, conversa alegre e boa disposição, foi como se começou a passeata.

Em Góis, sendo amigo do industrial Francisco Inacio Dias Nogueira, fomos esperados cordealmente por um grupo de pessoas influentes entre os quais notei o velho amigo dr. José de Sousa Saraiva, medico, companheiro de republica em Coimbra de meu tio Francisco e me conhecia desde pequeno. Encaminharam-nos para o Pé Salgado, a casa do comendador Galvão, ricasso feito no Brasil, espirito liberal que aceitou o novo regime de braços abertos e sem reservas.

Ali almoçámos agradavelmente, e depois lá fomos para a praça principal da vila arengar ás turbas.

Não houve estrado ou palanque; os oradores faláram do largo alpendre dum prédio antigo e curioso onde morava o então Secretario da Camara o bom e honrado Aristides Martins Adão; ali se fizeram afirmações identicas ás da Pampilhosa da Serra, ouvidas com calma mas tambem, segundo me pareceu, sem entusiasmo.

Em frente, quase, no proprio prédio e por detraz da cortina, o chefe politico Dias Nogueira deveria estar atentó, á escuta, e, lá no seu intimo, a rir.

Ao anoitecer, na casa da Escola, houve jantarada de gala a que o José Cardoso me obrigou a presidir; tive, por isso, de começar os brindes e de encerrar a sessão e o jantar com quatro palavras e um viva á Republica que ecôou fracamenté pelo ambienté.

Enfim, mais uma jornada de boa-fé e com boas intenções que hoje, 50 anos passados e depois de tantas voltas que o mundo tem dado, e de tantas coisas que tenho visto,

não sei se poderei afirmar que deu os resultados previstos pelos organizadores e pelos comparsas como eu.

Depois, ainda fômos a S. João do Campo, a convite do Jaime Cortesão. Foi um comicio mais pacato, na casa da Escola Primaria, em 19 do mesmo mês de Março, no Domingo seguinte ao de Gois.

O Jaime obrigou-me a presidir e lá me sentei na cadeira do professor, no estrado alto, e dei a palavra ao José Cardoso, ao Jaime e não me recordo a quem mais.

Pouca gente assistiu apesar do prestigio da familia Cortesão; mas notei grande numero de senhoras entre as quais a futura esposa do Jaime, rapariga morena de extraordinarios olhos negros que me deram muito na vista. Depois da sessão, ou antes (já me não lembro) o Dr. Antonio Augusto Cortesão, o sabio filologo e velho republicano, ofereceu um almoço intimo que decorreu em ambiente muito interessante, m.to calmo e com conversação de elevado nivel.

E assim o tempo foi correndo.

Vieram as eleições para as Constituintes já contadas em vol.e anterior; a vida do novo

regime ia seguindo aos encontrões; e para mim, a vida caiu na monotónia da rotina do quartel de Infant.ª n.º 23, com o serviço de inspecção ou prevenção, com uma ou outra diligencia — como a que tive que fazer á Figueira da Foz com o ten.te-coronel António Fernando do Rego Chapas, como escrivão de sindicancia a um capitão de Artelharia acusado de conspirar.

A acusação não se confirmou nesta altura mas veiu a confirmar-se mais tarde, mas sem a nossa intervenção.

Para variar e esquecer um pouco o mal estar politico, tive a m.ª parte na creação do primeiro Jardim-Escola João de Deus de que falei já anteriormente e com alguma larguesa, nos volumes correspondentes aos anos de 1909 e 1910. Depois de varias peripécias em que apareceram boas vontades, a inauguração do edificio fez-se a 2 de Abril com grande concorrencia de gente especialmente de estudantes do Orfeão.

A sessão inaugural realizou-se ao ar livre; a mesa da presidencia ficou no pequeno atrio do edificio; e o Dr. Daniel de Matos aceitou de boa vontade o encargo de presi-

dir á sessão que foi quase tumultuaria não por má intenção dos presentes mas pela irrequieta alegria dos academicos que se tinham, e com certa justiça, por padrinhos da interessante instituição escolar.

O Dr. Daniel convidou-me para secretariar e ao dr. João de Barros já então Director Geral da Instrução no Ministerio do Interior.

Foi uma festa interessante, alegre, cheia de vida; e lembro-me de que o estudante Fernando da Silva Correia, de medicina, hoje aposentado de Director do Instituto Ricardo Jorge, foi para a varanda do 1º andar, do lado do sul e recitou uma poesia; e lembro-me m.to bem de que o bom João de Barros, amigo fraternal de João de Deus Ramos, discursando, aludiu ao monoculo que usava desde estudante e que (dizia com certo entôno) era mal visto nas repartições conselheirais do seu ministerio...

Eram ainda verduras dos seus sádios trinta anos e dos naturais entusiasmos do começo do regime.

Bom João de Barros! Como me lembro dos tempos do Liceu em que ele era já o mes

mo entusiasta, o mesmo generoso e bom rapaz, vivo e alegre!

Ha sessenta e tantos anos...

Quando ele morreu, ha pouco, tive ganas de escrever qualquer coisa, na revista Vertice, de Coimbra, a respeito dele; mas foi em má ocasião da m.ª vida e o ambiente familiar não me deixava o espirito capaz de fazer uma evocação condigna.

Ao rememorar esta festa inaugural q. foi uma nota alegre no meio das preocupações desagradaveis que me atingiam, lembro-me tambem de que, pouco depois, o João de Deus Ramos, sem dar quaisquer explicações, e esquecendo os serviços que os componentes da prim.ª direcção do Jardim-Escola lhe prestaram, substituiu-os por outros á chucha-calada.

Se não gostei do acto por ele representar ingratidão e incorrecção, ao mesmo tempo estimei por me ver livre dum encargo que me pesava já alguma coisa. O João de Deus Ramos, passado tempo, encontrou-me e mal aludiu ao caso, alusão ligeira que eu fingi não perceber; mas disse ainda que me explicaria um dia, etc.

Devo porem deixar notado que, passa dos anos, ao encontrar-me e ainda uma vêz, mezes antes de morrer[1], me afirmava que nunca se esquecia dos serviços que eu lhe prestara e que os deixou consignados nas suas memorias para justiça futura.

Eu respondia apenas com um gesto vago de quem quer dizer:

— O que lá vai, lá vai!

E assim se ia melhor ou pior aguentando os reflexos da constante agitação politica que cada vêz ia dominando mais e sem parecer que melhorava.

E talvez, como reflexo dessa agitação, tive um dia em que estava de serviço, uma quase insubordinação por causa do rancho de manhã. A maior partó dos soldados não levantou o rancho; muitos lançáram-no ao chão, outros faláram altó, protestando. Nunca me tinha achado em tais assados e procurei convencer os homens, perguntando as razões do acto a uns, falando com energia a outros, mas sempre paternalmente.

---

(1) Este encontro, no Museu João de Deus, á Estrela, ficou relatado no meu Diario.

Uns sargentos que ouviram a vozearia, intervieram e o caso serenou, com franqueza, quase sem explicação. Os homens foram para os seus trabalhos e eu fiquei sem ver bem o que aquilo foi.

Tentativa de insubordinação que falhou? Um jornal, querendo encobrir o caso, deu uma explicação que não correspondeu á verdade [1]; fosse o que fosse, o facto é que representou mau sintoma.

Encobertamente teria havido alguma coisa intencional e preparada?

Começou depois a saber-se que oficiais do ex.to desertavam e iam para a Galiza juntar-se ao nucleo de resistencia chefiado por Paiva Couceiro; entre eles foi na leva o meu condiscipulo e amigo Henrique de Sampaio Saturio Pires e ás claras, com o assentimento e auxilio do governo espanhol, organizavam-se, faziam exercicios nas ruas das cidades fronteiriças, preparando uma intervenção armada no País, á moda das incursões do conde de Amarante nos começos do Constitucionalismo.

---

(1) Na pasta da colecção de recortes.

Em Espanha, os jornais carlistas, sem rebuço, «preparam a guerra santa contra "a Republica Portugueza e exaltam os emi-"grados monarquicos» como o jornal A Luta, de Lisboa, publicou em suelto (1) e o dinheiro não faltava porque a Companhia de Jesus era a generosa financiadora destes atentados contra a Patria, alem de sustentar as agencias noticiadoras principalm.te a de Badajoz que largava, á mais pequena desordem em Lisboa, aterradoras noticias de revoltas e morticinios.

Ainda ha pouco, relendo uns artigos do Dr. José de Magalhães publicados n'A Luta por essa altura, ele escrevia, a meu ver com carradas de razão, que era Roma, governada pelos jesuitas á frente dos quais estava um cardeal espanhol, quem tudo manobrava na sombra, bem na sombra, mas com a pertinacia e a argucia de sempre. (2)

Com tudo isto cresceu a inquietação geral e todos os maleficios inerentes carregavam a atmosfera. Não se sabia bem o que se tra-

---

(1) Numero de 13 de Julho de 1911.
(2) Numero de 16 de Outubro de 1911.

mava e havia a certeza de que a Espanha procurava motivos, fúteis que fossem, para reclamações senão mesmo para uma intervenção armada.

O ministro que então a representava em Lisboa era conhecido como provocador e, se bem me lembro, havia todas as cautelas com ele para que não surgisse qualquer novidade de maior.

Suspeitas constantes, denuncias, desconfianças deste e daquele, na maior parte das vezes sem justificação — tudo ocasionou mal estar que dificilmente os mais calmos e optimistas conseguiam desfazer. Foram tempos máus, esses, em que o desânimo entrou em muitos republicanos, em q. insensivelmente se começou a duvidar do triunfo do novo regime; e como nas altas esferas politicas o desacordo se mantinha e até aumentava, o ambiente era cada vêz mais carregado e incerto.

Por Coimbra, desaparecida a união do Partido Republicano, os interesses politicos dos agrupamentos incipientes, começaram a debater-se e, deve dizer-se, com impetos pouco proprios para consolidar o regime e

seu respeito pelas afirmações de austerida de feitas nos comicios e na propaganda dos jornais.

O Dr. Afonso Costa foi o fulcro á volta do qual ficou gravitando a estrutura organizada do velho partido historico; e os homens q. nele ficáram integrados, alegando pergaminhos foram duma intolerancia por vêzes pouco digna.

Com o Dr. António José de Almeida e com o Dr. Brito Camacho ficáram grandes vultos da propaganda, especialmente com o segundo — mas considerados por aqueles como dessidentes e com tendencias reaccionarias.

Ao Dr. Ant.º José de Almeida ouvi eu dizer quando foi da vinda a Coimbra, nos meados de Outubro de 1910 para dar posse de reitor da Universid.e ao Dr. Manuel de Arriaga e conversava animadamente durante o almoço no Gov.º Civil e se previa a natural constituição de partidos:

— Agora, meus Amigos: sempre para a esquerda!

Não garanto, ao fim de meio seculo, se as palavras foram estas exactamente; creio que sim mas se não foram estas o

N-2

sentido era este. Para a esquerda, para a esquerda!...

Bom e sonhador António José de Almeida! Ele, o bom, o tolerante, o apaziguador, capaz de se sacrificar pelos outros, a falar em esquerda com gesto largo!...

Nessa altura, eu inexperiente mas bem intencionado, ao ouvi-lo, tive a impressão, ainda assim, de que aquelas palavras animadas, saíam sem sentido; ao meu lado o António dos Santos Silva comentava a afirmação com certo entusiasmo — mas a verdade é que aquilo soava-me a falso...

Se na ocasião o dr. Almeida falava convicto, com o tempo não comprovou a frase. A comprovação não lhe estaria na índole.

O dr. Brito Camacho era outro homem. Superiormente inteligente, duma argucia extrema, era creatura mais de gabinete, talvez com poder organizador, capaz de estudar, virar e revirar um assunto; reunia á sua volta grande grupo de individuos de escol, sem duvida e certamente o maior e melhor numero de republicanos da propaganda — agrupamento politico capaz de orientar bem o novo regime.

Porem, no campo eleitoral, na tinha força; nas Câmaras conseguia apenas reduzida minoria. A superiorid.ᵉ intelectual do partido parece que assustava a massa eleitoral que só vibrava com o baixo palavreado do jornal do França Borges — orgão quase do velho partido historico, de onde todas as insidias saíam e improperios contra os outros partidos e seus representantes.

E assim, ainda naquele periodo preparatorio do Governo Provisorio, a cisão se manifestou. E' certo que as correntes politicas já vinham mais ou menos claras dos tempos da propaganda e nada admira que elas depois se acentuassem; mas o que foi confrangedôr foi o aspecto de certa violencia, bastante réles até, que tomou a separação e, sem duvida e sem má vontade da minha parte, esse aspecto foi devido á intolerancia dos que ficaram dentro do partido historico e á fraca mentalid.ᵉ dos que rodeávam o Dr. Afonso Costa entre os quais havia adesivos da pior especie, a começar pelo irmão Artur que de chefe regenerador em qualquer concelho da Beira Alta (não me lembro qual) passou a chefe democratico de influencia, apoiado

por outros politicos e caciques monarqui-cos de identico senão pior jaez.

De tudo isto veiu a barafunda politica em que se caiu, por detraz da qual os inimigos do regime e, estou convencido, em especial, a Companhia de Jesus souberam manejar toda a especie de cordeis e cordelhinhos para se chegar ao nunca assaz louvado movimento regenerador de 28 de Maio.

Era, na verd.e, confrangedôr ver como se guerreavam uns e outros enquanto os monarquicos iam fazendo as suas filiações principalmente no partido historico e iam tramando á vontade a possivel queda da Republica.

Mas não antecipêmos.

Tudo o que digo é sabido e bem sabido dos homens que ultrapassáram os 60 anos e foram contemporaneos dos sucessos

Adeante, pois.

Foram, como disse, tempos maus, de sobresaltos e incertezas que me deixaram tristes recordações

Ora nesse ano de 1911 fui, e pela primeira vêz, em Agosto, passar uma temporada á Quintarola da Paz, nos arredores de

Mafra onde mª Sogra e minha Cunhada se refugiáram depois da proclamação da República. E tenho ainda presente as preocupações que me assaltavam, no sossêgo do isolamento, sem saber ao certo o que se passava mas sempre desconfiado do piór.

As sessões das Constituintes onde os <u>adesivos</u> já abundávam e alguns com intenções reservadas como se provou com o correr do tempo, não corriam de molde a tranquilizar espiritos como o meu; e penso muita vêz que se tivesse sido eleito era muito possivel que a certa altura as abandonasse e regressasse a casa de orelha caída e com o fígado mais estragado do que andava há muito.

Recordo-me até de que numa certa manhã desse mês de Agosto, vi ao largo, nas alturas da Ericeira, uma esquadra que se encaminhava no sentido do Cabo da Roca; com o binoculo vi claramente uns poucos de navios de guerra que, não me lembro já porquê, desconfiei de que seriam espanhóis. O que viriam fazer esses navios que se dirigiam nitidamente para o Tejo ? O que teria havido que justificasse a entrada de

uma esquadra no porto de Lisboa? Daí a umas horas ouvi ao longe o som rouco de tiros de canhão...

Sobresaltei-me, pensei em ir á vila de Mafra farejar novidades e passei a tarde incommodado.

No dia seguinte os jornais esclareciam: era uma esquadra ingleza que entrára no Tejo e saúdava, regulamentarmente, a bandeira nacional.

Isto não é, propriamente, caso p.ª rir; o meu sobresalto vinha como consequencia do ambiente desagradavel creado com a reunião de monarquicos na fronteira galega e com as más intenções espanholas.

Passava os dias na Tapada, num pinhal proximo da Porta da Paz, num ponto onde as carvalheiras, em pequeno grupo, davam sombra amena; levára uma cadeira de lona e ali estava a ler, a olhar para as arvores, a ver com o binoculo o movimento de navios ao largo da Ericeira e... e a pensar na vida.

Nesse isolamento, que, se por um lado me agradava por outro não seria muito favoravel á minha inquietação nervosa,

pensei numa carta literaria ao Augusto Casimiro.

E na verdade escrevi-lhe uma epistola que conservei no vol.e das Cartas[1] e nela divagava acerca da solidão da Tapada, dos troncos erectos dos pinheiros q. a imaginação poderia transformar em colunas de abobada que se não concluiu, duma abobada que se deveria lançar por sobre aqueles capiteis de rama... E descrevia a tranquilid.e do local, a marcha do sol, o zumbido dos moscardos, o som afastado dum moinho de vento que gemia dolorosamente ou duma ou outra machadada dos lenhadores que desbastavam o arvoredo mais denso.

E terminava por uma evocação pagã, ao ver passar por cima do mato alto a côr avermelhada dum lenço que envolvia uma cabeça de mulher...»

Era um devaneio ou uma evasão (como agora se diz) para as amarguras (amarguras, sim, amarguras!) da triste quadra que atravessava.

A carta, é possivel que fosse. Não me

---

(1) Vol.e II, a pag. 122 e seg.tes

lembro já, na verdade, se a deitei no correio. Às vêses, escrevia cartas pelo prazer de escrever; guardava-as, esfriadas, no livro proprio e... pronto. Nem esperava a resposta.

E desta vez, se foi para o correio a carta, o Augusto Casimiro ao lê-la teria um sorriso de compaixão.

E assim passou o tempo. Voltei em começos de Setembro para Coimbra, infelizmente no mesmo estado de espirito e com a impressão de desamparado.

Durante a temporada da Paz, a Ordem do Exercito saiu e nela fui transferido, como ajudante, para o 5.º Grupo de Metralhadoras que se ia organizar em Coimbra, no convento de S.ta Clara transformado em quartel.[1]

Apresentei-me em 3 daquele Setembro terminada a licença; mas como o Grupo ainda não existia, ao fim de certo tempo eu e o Eduardo da Cunha Oliveira, unicos oficiais existentes na unidade, fomos mandados apresentar em Infantaria n.º 23, para fa-

---

[1] O.E. n.º 18, 2.ª serie, de 23 de Agosto.

zer serviço de subalternos. E só em 20 de Novembro voltámos ao Grupo, em S.ta Clara para receber o material que o Batalhão de Caçadores n.º 5 aqui deixaria no seu regresso do Norte, liquidado o caso das incursões dos monarquicos.

O material foi-me entregue e ao Oliveira pelo então capitão José Mendes dos Reis e pelo alferes (ou talvez já tenente) Jaime Baptista, com os quais me iria encontrar, oito anos depois, nas andanças da monarquia do Paiva Couceiro, em 1919, de quem terei ensejo de falar mais adeante.

Eu e o Eduardo de Oliveira fomos verdadeiramente os organizadores do Grupo que teve o n.º 5. Faltava tudo no edificio do convento de S.ta Clara que era quartel comum ao Regim.to de Inf.ª n.º 35.

O casarão precisava de obras; não havia mobiliario; recordo-me m.to bem de que se quisémos escrever e organizar a secretaria, tivemos de improvisar mesas com taboas sobre cabeceiras de ferro de camas de soldados — ao que um general da Divisão, o Forjaz de Sampaio, de Engenharia, que lá apareceu um dia achou muita graça e celebrou com

certo espirito — o que, para dizer a verdade, deixou-nos, a mim e aos Oliveira, uma impressão de mau gosto.

Mas, enfim, era assim mesmo que as coisas corriam e percebia-se que havia na gente militar e civil que a Republica conservou nas suas posições a boa vontade de aplicar a frase mais tarde muito usada de «quanto pior, melhor!»

Tudo é possivel.

Seria pelas alturas de Setembro, ainda eu estava no regimento de Infant.ª n.º 23, que houve nova investida do Ministerio da Guerra para se continuar com as comemorações do centenario da Guerra Peninsular que a agitação politica fez naturalmente interromper.

A proposito dessas comemorações o Floro Henriques (o terrivel e enigmatico Floro Henriques!) publicou um artigo em um jornal que eu considerei inconveniente. Nessa altura, porem, não se olhava muito ás conveniencias,[1] e em muitos casos até ao elementar bom senso.

---

[1] Ficou guardado na coleção de recortes.

Não me recordo já se alguma coisa se fez, mas parece-me que as circulares ministeriais ficaram letra morta — o que não admira porque as informações vindas da Galiza davam para breve a incursão monarquica como que para celebrar, com o brilho possivel, o primeiro aniversario da Republica.

Na verdª, no dia 3 de Outubro, estava eu em Luso para comemorar os meus 32 anos com meus Pais que então ali estavam em descanço, correram as primeiras noticias relativas á entrada das hostes monarquicas.

— Os homens já estão em Traz-os-Montes! dizia-se á boca pequena.

Havia quem se alegrasse: desta vêz era certo! a Republica ia abaixo, com seiscentos Diabos! e agora é que se vai ver o bom e o bonito...

Mas, na maior parte das pessoas, via-se a fisionomia vincada: o que se iria passar? seria para bem ou para mal?

Ao regressar, á noite, a Coimbra, fui ao quartel saber o que havia. Não havia ordens especiais, tudo corria mais ou menos normalmente, apenas ligeira prevenção de fi-

prete para a hipotese de qualquer distur
bio nas ruas.

E assim se chegou ao 1º anniversario do regime com ambiente pesado de desconfiança, de incertezas, de desanimo e (porque não dize-lo ?) de quebra de enthusiasmo e fé nas novas instituições. Lembro-me bem da tristeza que me invadiu; a um ano de regime republicano parecia que a descrença abrangia todos os espiritos e o que se via era cada um procurar arranjar-se e crear clientela politica para quando as Constituintes desse por finda a sua missão ter certo peso em futuras eleições e manter ambôjas de influencia.

As incursões monarquicas foram dominadas com facilidade. Os homens recolheram á Galiza para nova organização; a Espanha, é claro, ignorava o que se passava e fazia ouvidos de mercador ás reclamações do nosso Governo.

Depois, veiu o reconhecimento do novo regime por parte do Brasil, Inglaterra, America, França e outros paises; houve então certo relampejar de enthusiasmo nas ruas; fizeram-se manifestações e ouviram-se al-

guns discursos... Mas, passado esse fogacho de alegria e desafogo, tudo voltou á mesma.

O ano de 1911 acabou tristemente; o Governo de João Chagas não se aguentou perante as arremetidas dos já chamados <u>democraticos</u>, avidos de governárem sós, sem apoio dos outros partidos, no esquecimento completo do perigo que essa atitude representava para a Republica ainda a precisar de todas as vontades.

Eu então voltei-me para os trabalhos de Historia como <u>evasão</u> de tantas preocupações e desilusões. Lembro-me de que me surgiu a ideia de deslindar o caso do combate da Cruz dos Moranços em 1828.

Travára relações com o general reformado Francisco Augusto Martins de Carvalho que todas as noites, ou quasi todas, ia conversar um pouco para a Tabacaria Crespo, na Calçada, numa casa que ardeu, ~~perto~~ perto do começo da subida p.ª a rua do Corpo de Deus. Um dia falei-lhe no assunto; ele ofereceu logo a sua livraria, riquissima em ~~obras~~ obras relativas aquela epoca e eu aceitei logo e fui, de facto, um assiduo frequentador da

hospitaleira biblioteca onde passei horas e horas muito agradaveis.

Dessa assiduidade e convivencia veiu certa e mutua simpatia; e com o tempo o general deu-me provas de amisade e até de confiança que a raros dispensava. Era monarquico e acompanhára o João Franco desde o começo da cisão — o que lhe valeu a reforma imposta pela razoira do Pimentel Pinto; ás vêzes, nas conversas, deixava transparecer alguma critica ao que se passava na politica, mas sempre com bonhomia e em forma de gracejo.

Como ele projectava 2ª edição do seu Dicionario Bibliografico Militar, contribuí com muitas achegas; e por vêzes me solicitava diligencias na investigação de duvidas — o que eu fazia com a melhor vontade.

Era um bom conversador, possuia memoria feliz e sabia muita coisa que, em regra não negava a quem o consultasse. Foi por via dele que reatei relações com o bom Ferreira Lima que, desde a Escola do Exercito não mais encontrára; foi lá, na casa da rua do Corpo de Deus, que conheci o Dr. Antonio Ferrão com o qual, durante uns dias em que

ali trabalhou, conversei amistosamente. E é curioso que nunca se esqueceu de mim como provou, muitos anos depois quando foi Inspector das Bibliotecas e Arquivos.[1]

Eram horas agradaveis, essas, passadas na biblioteca do General, na rua do Corpo de Deus, ao cimo da ladeira, num velho prédio com grandes salas onde, em estantes simples de pinho, sem vidros, se acumulavam ricas especies bibliograficas — depois dispersas em leilão muito falado.

Pois foi ali, nessas tranquilas salas, a uma mesa em frente da secretária onde ele trabalhava que eu reuni a maior parte dos elementos com que formei o meu trabalho sobre a acção da Cruz dos Moranços depois publicado na <u>Revista Militar</u>[2] por intervenção do então capitão (ou major) de Artelharia José Justino Teixeira Botelho

O trabalho era grande; e o gerente, nessa altura, da <u>Revista</u>, o major Pacheco Simões, resolveu suspender a publição sem dizer

---

(1) Em qualquer parte do meu <u>Diario</u> deve haver referencias a este operoso e infeliz trabalhador das letras.

(2) Nos vols. 65, 66, 69 e 70 (1913 a 1918).

agora vai a uns dois terços da impressão. Deixei passar um ano e como não continuasse, queixei-me ao general Morais Sarmento presidente da direcção. Este, amavelmente, respondeu-me dizendo que o trabalho continuaria e na verdade continuou em parcelas mínimas até ao fim.

Quer isto dizer que o meu primeiro trabalho sério que eu, aliás, não pedi para publicar mas que foi solicitado pelo Teixeira Botelho teve a má sorte que alguns outros não menos sérios deveriam ter — como para provar que a minha má sina tinha bem o destino marcado...

Em todo o caso sempre deixarei referido, embora me antecipe um pouco na cronologia, que este trabalho sobre a Cruz dos Marouços que a Revista pagava depois da saída de cada numero, me rendeu a quantia de quarenta e dois mil quinhentos e setenta reis (42.570 rs.) que dividida pelo numero de páginas (que ainda foram 88) dá a quantia em media, de 480 reis por cada uma — ou seja um pinto na antiga moeda portuguesa ou ainda uns 40 escudos em moeda actualizada.

Podia ser pior... Hoje, nem um centavo recebo apesar de colaborar em todos os fascículos.

Foi este trabalho e um outro publicado tambem na Revista Militar anos depois sobre a retirada de Massena pelo concelho de Miranda do Corvo em 1811 [1] que mereceu ao já então general Teixeira Botelho na sessão em que fui admitido como societario da empresa da mesma revista, em 1932, as palavras que já citei, creio eu, em qualquer parte destas minhas memorias:

— O sr. major Belis.º Pimenta é um caso novo e unico na nossa históriografia militar...

Mas estou a fugir do ano de 1811 e novamente a antecipar-me, envaidecido, para recordações mais agradaveis.

Regressêmos. E já agora lembro com satisfação a assistência em m.ª casa de certos rapazes como o Augusto Casimiro, entusiasta e sempre optimista; o Afonso Duarte já homem ponderado e sizudo, que pensava já vagamente na sua futura Rajada; por

---

(1) No vol. 83 de 1931.

vêzes, o Virgilio Correia, o Virgilio dos cacos como era alcunhado pela rapaziada, sempre na aparencia bem disposto e já um pouco má lingua como foi sempre; o José Maria Cardoso, então no 5.º ano de Direito, bem como o Manuel Marques dos Santos Ferrer e outros poucos que se entretinham a discutir politica, ou literatura ou mesmo Arte com a sem-cerimonia natural da casa dos vinte anos.

O Afonso Duarte contava comigo para colaborar na sua Rajada apesar de eu lhe fazer ver que os meus 32 anos eram demais para revista de novos; e o José Cardoso e o Marques Ferrer, mais praticos do que o Poeta, pensavam em ~~…~~ se instalarem bem na vida depois de formados.

O José Cardoso, sentado numa poltrona do meu escritorio e bem repotreado, dizia até, com aprovação do Marques Ferrer, o ideal seria arranjar uma mulher boa e rica e... gozar a vida o melhor possivel.

Ambos realmente casáram bem. Quanto á primeira qualidade exigida para o sonhado ideal, nada sei; mas a respeito da segunda qualid.e deram realmente no vinte.

Qualquer das senhoras com quem casáram que eu conheci pessoalmente, era bastante rica, uma da Lousã, da familia Anastacio, com grande fortuna em Santos, no Brasil; a outra, de Miranda do Corvo, da familia Falcão, herdeira de tios ricos e considerada a melhor fortuna do concelho. Quer um quer outro já morreram e não velhos.

O Afonso Duarte tambem largou o mundo ha uns anos. Do grupo resta o Augusto Casimiro, sempre optimista, activo, e hoje director da Seara Nova a seguir á morte do Luis da Camara Reis.

Boa alma, afinal, a deste Augusto Casimiro! Certos defeitos talvez mais contaminados do que por natureza, eram abafados pelo altruismo e seriedade de intenções. Foi sempre meu amigo e ainda neste ultimo Setembro, na quintarola da Paz, deu provas de que me não esqueceu e de que mantinha por mim a mesma estima.

Recordou nessa tarde que lá passou em termecido certos passos da nossa vida do máu periodo de 1911 e 1912 e fez justiça a certas atitudes minhas e a certos sucessos

em que teve intervenção, com elevado critério e ponderadas apreciações lançadas com voz pausada entre fumaças dum cachimbo que estava sempre a apagar-se.

E voltei a devanear, aliás com satisfação, ao querer fechar esse agitado ano de 1911 que tão desagradavel me foi. Estas fugas, porem, ajudam a esquecer os momentos maus desse primeiro ano de novo regime, as inquietações, as incertezas, o mal estar geral, e a preocupação séria pelo futuro proprio e pelo das novas instituições ainda vacilantes.

Creio ter dito o que mais ou menos se passou comigo; é possivel que depois de fechar o capitulo me lembrem outros sucessos que poderiam ficar escritos — pois por falta de notas escritas e por esvaímento da memoria nem tudo veiu á balha.

Fica aí, porem, quanto basta para vago quadro do que foram esses quinze meses de experiencia republicana — experiencia um tanto ou quanto desordenada e bem dura mais por culpa dos proprios republicanos do que ~~mas~~ dos adversarios.

Estas souberam logo aproveitar os erros cometidos muitas vêzes com deploravel insensatez, erros que se poderiam evitar ou se não soube evitar.

Enfim, fecho o capitulo, tristemente e em dia tempestuoso de Março.

Coimbra – Quinta da Paz – Lisboa: De 7 de Abril de 1959 a 8 de Março de 1962.

?

II

«Agora aqui estou eu a escrever sobre coisas passadas desenterrando-as a pouco e pouco... Mas será isto uma narrativa digna de interesse?»

Judite Navarro: Terra de Nod, 1ª ed.ª, pag. 64 e 117.

O começo do ano de 1912 não se materializou por qualquer sucesso especial relacionado com a mª vida que mereça aqui ~~que~~ uma notícia.

Dum ano para o outro o meu estado de espírito não se alterou muito; lembro-me bem de que andava acabrunhado, de que a situação política me preocupava e de que isto junto a outras razões particulares que não vêem para aqui, me ia aos poucos neurastenizando. Eu sentia o começo dessa invasão e, sem querer, transmitia-o ás

vêzes em conversas escusadas — pois po deriam os outros considerar efeito de desâ nimo ou desilusão de republicano perante o caminhar da política e eu, com franque za, não queria dar aos adversarios a impres são de que era realmente o desânimo e des ilusão que me ajudavam a aproquentar a vida.

Voltava-me para os meus livros, ar quitectava vagamente trabalhos históricos; o estudo acerca da acção na Cruz dos Mo rouços em 1828 que ia projectando por boca dos, embora só começasse a escrevê-lo no mês de Novembro, entretinha-me consola doramente o espírito; ao mesmo tempo, qualquer coisa de ancestral me levava a imaginação p.ª uma vida sossegada no cam po, recolhido, com modestia sincera, quero dizer, com modestia sem alardes ou apregoa da, procurando ser esquecido a pouco e pouco, para um deslizar suave a caminho da velhice.

E assim ia imaginando uma casa de aspecto simples, por cujas janelas se avis tasse a verdura dos campos, com cenario de serras ao fundo sobre as quais a luz do

sol, ao entardecer, désse admiraveis tonalidades.

E' claro que tôda esta exuberancia de imaginação se localizava em Miranda do Corvo que nunca esqueci desde os meus remotos anos de meninice, quando corria pela Quinta da Cerrada da Nóra ou me ficava a olhar a represa do Alheda junto da grande nóra que deu o nome á propriedade, admirando inumeros alfaiates a girárem á superficie da agua, ás voltas e reviravoltas; quando contemplava a serra que ás vêzes, a certas horas, metia medo como muralha escura que se levantasse no extremo da planicie...

E como a realidade da vida mostrava a impossibilid.^e duma realização, vaga que fosse, destes sonhos tão intimos, a imaginação comprazia-se em alargar esses sonhos, em crear particulariedades, em entrar em pormenores como se, dai a pouco, pudesse chegar á sua concretização e fosse conveniente ter as coisas preparadas para evitar duvidas ou hesitações.

Lembro-me bem desse periodo mau da vida; e lembro-me de que, um dia, em

casa de meus Pais, em ocasião em q. um grupo de velhotes se reunia, como era vulgar, para partidas de voltarete (salvo erro) o velho dr. José Antunes Vaz Serra deu por o meu estado de espirito sem que eu, aliás, lhe proporcionasse ou facilitasse o diagnostico. Mas o certo é que percebeu qualquer coisa e deu-me alguns conselhos e fez-me prevenções...

Era ratão sabido e inteligente (não fosse ele irmão leigo da Comp.ª de Jesus!) e percebeu que no meu intimo havia o que realmente havia — e vá de aconselhar o combate a esse estado mórbido com distracções, com trabalho intelectual da simpatia e isto com ar de satisfação do reaccionario pelo caminho mau em que as coisas iam para os republicanos e bom para eles que haviam de se aproveitar sagazmente, esperando com paciencia a oportunidade que teria de chegar como na realidade chegou.

Os livros e os trabalhos historicos que tentava eram o meu prazer; as conversas dos amigos que por vezes apareciam não passavam de momentos fugidios, na verdade agradaveis, mas que não tiravam o gosto amargo dos constantes pensamentos maus.

Às vezes refugiava-me no pequeno pátio de m.ª casa, do lado nascente, e aí passeava dum lado para o outro, como animal em gaiola, sentindo os nervos excitados e certo instinto de desespero. O que era tudo isto senão os efeitos da depressão causada pelos sucessos políticos?

Por mais que eu fizesse, o mal manteve-se por m.to tempo e o ram-rão da vida de quartel não era de molde a dissipa-lo. Refugiava-me nos trabalhos e na imaginação que me levava para longe e me afastava da realidade que tão necessaria era ser encarada objectivamente e... porque não dizê-lo? com coragem que eu, com franqueza não tinha.

E os dias iam passando.

Em Coimbra, os chamados democraticos, isto é, os detentores dos «pergaminhos» do partido histórico, elegeram em Março as suas comissões distrital e municipal. Não sei por que bulas incluiram o meu nome na comissão municipal. Esperteza? Tentativa de captação? Julgariam eles que eu me considerava assim ligado a essa turba de intolerantes?

Os nomes, verdade seja, eram de velhos republicanos e alguns de certa cotação social; mas eu logo que vi a noticia escrevi ao Julio de Figueiredo Fonseca, um dos q. mexiam mais os cordelinhos da politica, uma carta amavel repelindo a honra q. me queriam dar — carta que se transcreve para lembrança:

«Coimbra, 16 de Março de 1912. — Meu caro Julio: Fiquei surpreendido ao ver o meu nome na lista proposta para a comissão municipal republicana do Partido Democratico. — Ora como eu ha muito formei a tenção de não entrar na politica, a não ser que se conservasse a velha unidade do Partido Republicano Historico, rogo-te a fineza de declarares, em meu nome, que agradeço a honra que o Partido Democratico me queria dar mas que a não posso aceitar. — Não me interessa a politica e como oficial do exercito tenho largo campo p.a prestar serviços á Republica; por isso desejo antes viver fóra de todas as lutas partidarias. — Peço-te mais que transmitas a todos os teus correligionarios os protestos da minha estima pes-

soal, consideração e gratidão; e crê no teu velho amigo, etc. — (a) B. P. »

Correctamente, nos jornais em que se noticiava a eleição, vinha a nota de que eu recusára o cargo assim como o Dr. Augusto da Costa Pereira, velho amigo, homem sério que foi sempre meu braço direito na Loja Portugal e se inclinava para o grupo do Dr. António José de Almeida nessa altura já chamado Partido Evolucionista.[1]

Este caso ficou arrumado — mas eu fiquei, com certeza, considerado para essa gente como republicano atalaiado se não fosse, mais claramente, como reaccionario.

Devia ser, por essa altura, que no meio das discussões de caracter politico que se levantavam quando meia duzia de conhecidos se reunia e perante as objurgatorias que eu ouvia por me não querer associar aos "democraticos", o Augusto Casimiro ainda no periodo sincero do seu entusiasmo, me dizia que se, na guarnição militar

---

(1) Ver na colecção de recortes de jornais, na pasta propria, estas noticias.

se formassem partidos, ele seria sempre «belisarista...»

Naqueles momentos assim seria; depois... embora se conservasse amigo (que ainda hoje é) o seu «belisarismo» diluiu-se muito e o seu espirito em tanto ou quanto inquieto tomou novos e mais largos rumos vindos de outras influencias aliás honestas e de boas intenções — mas que o levavam ligeiramente para um estado de vaidade que durante muito tempo se lhe arreigou e o tornava por vezes em tudo nada impertinente.

Do Ultramar recebia cartas curiosas do Luis Aug.^{to} de Oliveira Franco que fazia muitas perguntas acerca da marcha do regime; do bom José Fernandes Duarte que se dizia meu discipulo em Filosofia Positiva (Quanto pode a Fantasia!...) e do Manuel de Oliveira Leite, meu antigo sargento, então q. já oficial do quadro das Colonias que deambulava pelas nossas provincias todas, pouco adaptado ao mesmo local, sempre avido de ver algo de novo como qualquer português de outras eras, sempre pronto para contemplar novos horisontes.

Ia respondendo em grandes cartas explicativas,[1] intermeadas com os meus trabalhos de investigação, o arranjo das minhas colecções e os vôos constantes da desordenada imaginação.

Tenho bem presente esse tempo como quadra má da minha vida, pois alem do ambiente politico que muito me influenciara havia desgostos intimos que não vêem para aqui por desnecessarios e me carregavam desagradavelmente o espirito já suficientemente preocupado.

Depois vieram as incursões monarquicas no verão, que obrigáram a deslocamento de tropas para o Norte.

Eu escapei da mobilisação, sempre agarrado á ajudância do Grupo de Metralhadoras e a aturar os comand.tes que tive: primeiramente o ten.te coronel Alexandre de Almeida e Oliveira, um monarquico feito democratico, sem convicções de qualquer especie, homem vindo da Beira-Alta com prosapias fidalgas mas vasio de cerebro e de caracter; depois o outro, que substituiu

---

[1] Algumas estão nos vols. das <u>Cartas</u>.

este em Julho, o ten.te coronel Teotonio Moniz Barreto do Couto, açoreano afidalgado, espertalhão, sem bagagem de cultura, monarquico tambem feito por conveniencias.

Ambos eram o tipo perfeito dos oficiais superiores da quadra incerta que se atravessava, ignorantes e desleixados, sempre a ver em que paravam as modas. O Alexandre de Oliv.ra, no intimo, não seria má pessoa; mas o outro, Barreto do Couto, era velhaco. Enfim, aturei-os com paciencia e diplomacia; não ficaram a dizer mal de mim segundo penso.

Assim foi passando o tempo...

Em Setembro fez-se a experiencia da primeira Escola de Repetição — uma das boas esperanças do então ten.te-coronel João Pereira Bastos, autor da organização de 1911, para adestrar o exercito com utilidade.

O Grupo de Metralhadoras foi conjuntamente com o regimento de Infantaria 23 fazer a Escola que, como experiencia quase nada deu. Apenas se aproveitou a marcha de sete dias consecutivos.

Estou convencido de que noventa e seis por cento da oficialidade, obrigada a sair das

suas comodidades e do ramerrão da vida do quartel e a marchar leguas e leguas seguidam.te, procuram sempre tornar a experiencia antipatica e inutil, com queixas, remoques, censuras, etc.

Em parte havia razões para isso; mas essas razões vinham da incompreensão do espirito da organização destas Escolas e logo de entrada se começou a desvirtuar as intenções com alguma maldade.

As Escolas de Repetição com certas modificações q. a experiencia aconselhasse poderiam ser, na verdade, uma boa e util escola para o tempo.

A marcha começou em 9 de Setembro e nesse dia fomos ficar a Condeixa; em 10 a Miranda do Corvo; em 11 a Foz do Arouce, depois de passar pela Lousã; em 12 fomos bivacar á serra de S. Pedro Dias ou da Mucela; em 13 houve exercicio ou combate simulado na serra, creio que de defesa da passagem do Alva.

Não assisti porque, como ajudante, fiquei a comandar a coluna do material que desceu a Poiares e Louredo para ir encontrar o Grupo em Penacova onde se bivacou; mas

lembro-me bem de que os oficiais quando nos encontrámos nesta última vila, vinham a encolher os ombros quando lhes perguntei pelo exercício.

Em 14 seguimos pela estrada de Penacova f.ª Coimbra até á Mizarela onde novamente se bivacou; e no dia seg.te, 15, fizémos a entrada triunfal em Coimbra, depois de marcha total de algumas dezenas de quilometros.

Resultado?... Pouco mais do que nulo, não pela Escola em si mas sim porq. quase todos a não compreenderam e na maior parte a não quizeram executar a serio e com sinceridade, ou por indiferentismo, má vontade e, para muitos, quem sabe se por maldade. Era preciso desvirtuar a obra da Republica por todas as formas e feitios.

Era o resultado de se deixar o novo regime entregue quase aos mesmos homens que serviram a Monarquia e estavam adaptados aos seus costumes e não viam, com boa cara, um regime que não poderiam compreender e m.to menos estimar.

Do mesmo mal se queixavam os homens de Vinte que ingénuamente deixaram a mo-

quina ~~[illegible]~~ politica e administrativa nas mãos dos absolutistas. E o resultado viu-se então e ... viu-se tambem a mesma coisa de 5 de Outubro em deante.

E aqui vai um episodio que poderá parecer sem valor mas que corresponde ao clima do tempo: em Miranda do Corvo, no dia 10 de Setembro, os oficiais provisores da Escola de Repetição juntaram os jantares das duas unidades, á mesma hora, no areal da margem esquerda do Alheda onde então havia uns chorões de grande copa pitoresca. O jantar foi animado e no final fizeram-se discursos em que sobresaiu o capitão do Grupo António Gomes de Sousa J.or; com os discursos deram-se vivas á Patria, ao Exercito, ás familias dos presentes e não sei a quê mais.

Eu tinha ao meu lado o alferes do Grupo Alberto Viana Coelho e notei-lhe que ninguem se lembrava de um viva ao regime republicano; como ninguem o desse, levantei-me e, de copo na mão soltei, bem claro e sonoro, um

— Viva a Republica!...

Só meia duzia, e dos rapazes, correspondeu... Os oficiais mais graduados ficaram-

se ruidos e vi até o Gomes de Sousa fazer um ligeiro gesto de desagrado.

Entendiam eles que o regime não tinha nada para ali, para aquele areal do Alheda onde se comia uma boa jantarada.

E depois...

Enfim, vou contar outro episodio, diferente, mas que ajuda a explicar as causas do quase nulo aproveitamento da experiencia.

Pouco depois de terminada a Escola de Repetição celebrou-se o casamento do Floro Henriques com a filha do velho republicano Jaime Lopes Lobo, negociante de panos na Praça do Comercio. O Floro quiz dar relevo á cerimonia e convidou o Sr. Francisco José Fernandes Costa, já então ministro de qualquer pasta e muitos amigos e correligionarios antigos.

Houve almoço solene e antes de começar a refeição, o Fernandes Costa dirigiu-se ao coronel José da Silva Bandeira, um dos convidados e perguntou-lhe como tinha corrido a ultima Escola de Repetição. O Bandeira, desentranhou-se em hinos de louvor; tudo correu ás mil maravilhas, não faltou

nada, tudo se cumpriu com as maiores facilidades, etc. etc. — o que o Fernandes Costa ouviu com ar mazombo que lhe era proprio e dizendo, por intervalos, o estribilho:

— Ainda bem... Ainda bem...

Eu, que tambem era convidado, e estava junto deles, fiquei indignado mas não quiz no momento levantar discussão; só depois do almoço, apanhando o ministro longe do Bandeira é que lhe disse que houvera muita falta, aliás justificadas por ser a primeira vez que tal se fazia e que o pouco resultado tirado se devia, como acima contei, ás más vontades, á indiferencia e aos maldosos propositos.

Pareceu-me que o homem não gostou — o que é natural. Estas creaturas quando sobem não gostam que se lhes fale tão livremente.

Paciencia.

Quiz, com este episodio banal, dizer que o ministro Pereira Bastos não teria quem verdadeiramente lhe expuzesse a verdade. Uns, como o Bandeira, cantar-lhe-iam, de cócoras, todos os hinos laudatorios; outros não saberiam expôr o que seria necessario

emendar; e outros, ainda, dir-lhe-iam mal sem saber porquê.

Com a Escola de Repetições acabada, continuou a rotina do quartel; todos os dias lá ia a pé para S.ta Clara, subia a ladeira pacientemente e aturava com a mesma paciência o Ten.te cor.el Vitorino Moniz que começou a abespinhar... Era sujeito esquisito que nem sempre se compreendia.

Pensei em sair do Grupo e como em breve ia vagar o lugar de ajudante do Regimento de Inf.ª de Reserva n.º 23, tratei de agarrar a ocasião e fiz o requerimento regulamentar que foi, é claro, acompanhado das respectivas cunhas!

×

Pelas alturas de Novembro o Governador Civil (cujo nome me não lembra já) convocou várias personalidades conimbricenses para se estudarem «os meios de se "conseguir que as industrias do Distrito de "Coimbra concorram com produtos que se"jam mais caracteristicamente portugue"ses a uma exposição que a Repartição do Tu"rismo pretende organizar.» São estes os dizeres dos jornais do tempo.

Não me recordo se fui convidado p.ª a reunião e se assisti a ela; mas, de certo houve discursos e saiu dela a escolha duma comissão encarregada do assunto em que o meu nome aparece incluído.

Vejo isto nos recortes dos jornais guardados para o que der e vier; mas a verdade é que me não lembro se alguma coisa se fez e se eu tive qualquer intervenção.

Quero, porem, crer que não...

Nisto, no mesmo mês de Novembro, surgiu a constituição dum tribunal militar para julgamento dos monarquicos revoltosos e logo quiz a sorte (ou qualquer falcatrua, quem sabe!?) que eu fosse sorteado em 20 do mês para o prim.º juri.

Este juri foi constituido por os tenentes Luis José da Mota e por mim e pelos alferes Alberto Viana Coelho, Celestino Rodrigues da Costa, Augusto Casimiro e José Fernandes Duarte.

O presidente do tribunal foi o coronel de Infantaria Feijó, antigo monarquico que durante muitos anos foi comandante da Policia do Porto e de quem se contavam varios casos pouco edificantes

que o não honravam como homem e como funcionario. Era, parece, pessoa distinta, mto correcto, atencioso.

Quanto ao juri... Quando vi a sua constituição pensei logo que a presidencia seria dada ao Mota, como mais antigo. Porem o Mota não inspirava confiança, era muito recente a sua conversão e é sabido que os convertidos são sempre os piores.

<u>Conspirei</u>, pois, com o Viana Coelho e com o Fernandes Duarte para que a presidencia fosse dada ao mais moderno que era o Augusto Casimiro. Estes acharam bem e falaram ao Rodrigues da Costa que era de Cavalaria, oficial pratico, um pouco alheio a subtilezas destas. E assim se fez.

Na prim.ra sessão voltou-se o Augusto Casimiro para presidente do juri, não como mais moderno mas... como Poeta! Foi esta a formula...

Percebi que o Mota não gostou mas aceitou, é claro, sem comentarios; e na verdade, as sessões do juri correram sempre bem e com a melhor compostura e harmonia.

O Mota era mal visto nos primeiros tempos do regime porque eram conhecidas as suas

afirmações anti-republicanas e a confian_ça que nele depositava o célebre coronel Duarte Ivens, comand.te do Regimento 23 — confiança que foi até ao momento em q. no quartel se içou a bandeira republicana.

O Julio Vieira de Figueiredo Fonseca, o seu mais intimo amigo, aplanou-lhe as dificuldades resultantes dessa fama; e passado algum tempo deu a sua adesão ao Partido Republicano Português e foi com o andar dos dias e mêses um esteio, na verd.e, apreciavel e foi (é interessante dizer-se) quase um idolo no partido em que se integrou.

O Luis Mota manteve-se sempre meu amigo desde as aulas de instrução primária do Professor Portugal; e manda a verdade que se diga que no periodo de Caxias quando ambos trabalhávamos na tentativa do generalato, ele foi meu leal e dedicado companheiro. Morreu há pouco, depois duns tempos de sofrimento resultante de uma congestão cerebral que o inutilizou.

Impressionou-me o seu desapareci_mento; foi mais um companheiro que largou para o desconhecido e menos um companh.ro que ficava.

Mas voltemos ao juri do tribunal mar-
cial. Comecei cedo a aborrecer aquilo.

E' que ao mesmo tempo que se prova-
vam actos de clara rebelião, percebia-se
bem que muitos individuos vinham ao tri-
bunal trazidos por más vontades e vingan-
ças pessoais e ainda por intolerancia poli-
tica. Tivemos, no juri, algum trabalho em
esclarecer certos casos — pois o juiz auditor
o dr. Antonio de Campos, antigo <u>cacique</u> mo-
narquico creio que dedicado ao Artur Costa,
convertido facilmente aos <u>democraticos</u> e, co-
mo todos os convertidos muito faccioso, fa-
zia os quesitos com alguma velhacaria e uma
ou duas vezes que o chamámos para escla-
recer duvidas de ordem juridica, <u>recusou-se</u>
a dar explicações

Resultado: muitos acusados eram
absolvidos com escandalo dos intolerantes. Ti-
nhamos, porem, resolvido absolver em caso
de duvida; não aceitávamos as <u>provas mo-
rais</u> que o cap.^el^ José da Silva Bandeira queria
que fossem a regra para julgamento.

O Aug.^to^ Casimiro, o Viana Coelho, o Fer-
nandes Duarte e eu estavamos de acordo e
muito acusado veiu para a rua porque a

acusação não era clara e porque em alguns casos se percebia bem que havia vingança pessoal ou facciosismo político que o promotor, o cap.tão João de Morais Zamith não conseguia anular.

Lá fóra começou a murmurar-se que havia muita tolerancia no juri; esses murmurios foram até ao ponto de censuras e algumas ameaças; e como o resultado das sentenças vinha nos jornais, por todo o País parece ter havido indignações...

Recebi algumas cartas a que não respondi; a uma do capitão Alfredo Eduardo da Cruz, o companheiro de infortunio dos começos de 1910, já então muito integrado nos democraticos, aliás creatura ponderada que sempre estimei pelo seu espirito de compreensão, resolvi responder com certa ironia e bom humôr. Deixei essa carta copiada num dos volumes das Cartas e dizia-lhe entre outras coisas que desejava vê-lo no meu lugar e saber como o seu temperamento escrupuloso e justiceiro resolveria certos casos como alguns que se nos apresentaram.

O certo é que me aborreci e verifiquei que não tinha geito para juiz, demais a

mais debaixo de certas pressões exteriores embora m.to ao de leve e com um juiz audi-tor velhaco que procurava comprometer o juri que era constituído por uns rapazes no-vos, com boa-fé e espirito desempoeirado. Aproveitando uma forte constipação que me levou uns dias á cama, dei parte de doente em 13 de Dezembro e fiquei em casa até ao fim do mês.

Neste intervalo, depois de varias peripé-cias, fui colocado no Regim.to de Infant.ª de Reserva n.º 23, como ajudante, pela Ordem do Exercito n.º 24, 2.ª serie, de 24 do mês de De-zembro; e quando me julguei capaz de sair á rua apresentei-me, em 29, no Grupo de Metralhadoras onde recebi guia para aquele regimento onde me apresentei em 30.

Estava livre do Teotonio Moniz Barreto do Couto mas não do Tribunal; passadas as ferias do Natal ainda lá voltei mas a 13 de Janeiro dei novam.te parte de doente e reque-ri junta para me livrar a valer da tarefa como me consegui livrar. A junta deu-me licença que foi alem do trimestre ou qua-drimestre imposto por lei para funcionam.to do juri.

O comand.te do Regimento de Reserva era o Ten.te-coronel Francisco Gomes, Terceirense, excelente homem, belo caracter que largou a sua ilha porque tinha um filho na Escola do Exercito e não tinha vagas para si quando foi promovido no Arquipelago. Fixou-se em Coimbra depois dum periodo em Setubal e em Coimbra veio a morrer com 80 e tantos anos.

Está sepultado em campa rasa, ao lado da esposa, senhora distinta tambem da Ilha Terceira, da familia Monjardino, no cemitério de S.to Antonio dos Olivais.

Ficou meu amigo; e era, de facto um bom e grande amigo a quem fiquei devendo muitas provas de estima e consideração que não posso esquecer. Se conseguir levar ao fim esta tarefa das memorias, terei ocasião de falar nele varias vezes.

Esta situação no Reg.to de Inf.ª de Reserva n.º 23, como situação meramente burocratica, dava-me liberdade para me lançar com certo desafogo aos trabalhos da projectada monografia sobre Miranda do Corvo que no ano seguinte teve grande impulso, infelizmente sem qualquer resultado apreciavel

ou até vagamente apreciável como, com o correr do tempo se verificou.

E assim o ano de 1912 acabou com ver-me livre do Grupo de Metralhadoras, do comand.te Teotonio Moniz, das subidas e desci-das da Couraça de Lisboa e da Ladeira de S.ta Isabel e dos julgamentos dos implicados nas intentonas monarquicas que m.tas vezes me davam a impressão de farçaria.

O juri lá continuou presidido pelo Augusto Casimiro que ia equilibrando quanto podia as decisões com a generosid.e propria e a boa vontade dos outros.

Lisboa e Coimb.

10 de Março a 4 de Maio de 1962.

III

«Voici ce que j'ai entendu de mes propres oreilles et vu de ma propre vue.»

Anatole France: Le Petit Pierre, in cap. XIX.

«Já repararam, senhores, que tudo que se conta, que se lembra, por mais desafectado que nos pareça, por mais limpo ou nu de aparencias que se nos afigure, toma sempre um ar de historia?»

Irene Lisboa: O pouco e o muito. Cronica urbana, pag. 271

Vamos entrar no ano de 1813 e com certa pressa, pois quero ver se chego ao final da tarefa sem novid.e de maior. O tempo corre muito e vejo os mêses passarem sem os poder agarrar.

A vida, durante o ano, foi andando sem grandes incidentes e tudo se resume em pouca coisa.

Para me livrar a valer do juri do Tribunal de guerra, tive de recorrer a uma licença da Junta que só acabou em meados de Março na altura em que já findara o quadrimestre obrigatório.

Assim, com o serviço do Regimᵗᵒ de Infantaria de Reserva 23 apenas burocrático e com a tolerância do excelente tenᵗᵉ-corᵉˡ Francisco Gomes, eu lancei-me, de alma e coração ás pesquizas da história de Miranda do Corvo. Saía do quartel e subia á Biblioteca da Universidᵉ ou ao Arquivo da mesma recentemente aberto ao publico.

O Dr. António Garcia Ribᵉⁱʳᵒ de Vasconcelos levou-me um dia paternalmente ao Arquivo que organizara de modo a poder ser frequentado pelo publico e pelos estudantes que tivessem que tirar a cadeira de Paleografia. Mostrou-me tudo, explicou, indicou as estantes onde estavam os codices que me poderiam interessar e disse ao servente (unico pessoal naquela altura (por sinal o antigo sacristão da capela universitaria) que eu poderia dispôr, a meu talante, de toda aquela papelada e livraria — amabilidade que não posso esquecer.

Passei, realmente, naquelles primeiros tempos, a ser o unico frequentador do Arquivo; o pobre sacristão, alheio á sua nova função, aborrecia-se e subia a escada para o pátio dos Gerais para ir fumar o seu cigarro e tomar ar á sua vontade.

Uma vez por outra apareciam uns estudantes a quem davam uns exemplares de pergaminho encaixilhados entre dois vidros e com moldura fechada a cadeado; os rapazes, visivelmente desinteressados de Paleografia, faziam o possivel para se não demorarem. O unico que se demorava era um padre, bastante novo, tipo amaneirado, com olhar vivo, que se dedicava ao trabalho com atenção; a pouco e pouco começámos a conversar, a trocar impressões acerca dos respectivos trabalhos e pareceu-me que era creatura classificada nos estudos. Muitas vêzes saimos juntos, á hora de fechar o Arquivo e iamos palestrando até á Porta-Ferrea; ele sempre amavel, com voz um pouco melíflua, atento a cortesias e cerimonias e eu a ver nele mais um padre que pretenderia ser professor da Faculdade de Letras.

Era, afinal, o Rev.do Manuel Gonçalves Cerejeira, estudante laureado da Faculdade.

Foi assim que conheci e mantive boas mas cerimoniosas relações com o futuro cardeal-patriarca — até à sua ascenção ao arcebispado de Mitilene; de então para cá... passe muito bem!

Varias vezes, no Arquivo, discutimos interpretações de abreviaturas nos documentos medievais e manda a verdade q. se diga que foi sempre para comigo muito atencioso, sem enfados ou enfatuamento. Mas depois, passou a outra hierarquia a que me não é dado chegar e nunca mais houve ocasião de lhe falar — com o que nenhum de nós certamente perdeu.

Ora voltando ao Arquivo: revolvi muito livro, muito documento, tomei abundantes notas e fiz não menos copias; com o tempo o velho sacristão foi aposentado e nova organização e arrumação com mais pessoal de certa categoria, começaram a dificultar as consultas; e quando para lá foi o Rocha Madaíl como conservadôr e ditadôr depois de um litígio que este venceu

por tristes malas-artes, as dificuldades aumentaram e eu comecei a abandonar a casa. Aborreci-me e mudei de rumo.

Mas não antecipêmos.

Foi por essa altura que comecei a frequentar o Cartório do Seminario onde era cartorario um Padre Lemos que fora condiscipulo de meu Tio Francisco de Assis Pimenta quando este fez o seu curso teologico em Coimbra. Recebeu-me bem quando o procurei para solicitar autorização de consultar os livros paroquiais; disse-me que falaria ao Prelado, então D. Manuel Luis Coelho da Silva, bispo severo e disciplinadôr e que me preveniria.

Vim depois a saber mais tarde que houve devassa a meu respeito; fizeram-se consultas e tudo terminou em bem... Saí aprovado e autorizado a ir ao Cartório sempre que quizesse; e a autorização foi tão larga que, com o tempo, cheguei a ir ao cubiculo do porteiro do Seminario tirar as chaves e entrar no Cartorio como pessoa da casa.

Lembro-me de que uma vêz umas senhoras, m.to beatas, que me conheciam,

deram comigo a entrar, sem cerimonia, no cubiculo, a tirar as chaves e a ir com elas na mão e bem á vista, para o edificio de S.to Tomás de Aquino onde estava o Cartorio; notei o espanto (se não o terror) das damas; cumprimentei-as com os meus melhores modos e segui, triunfalmente ao meu destino — enquanto que elas, de certo, teriam dito uma para a outra que, com certeza, o mundo estava perdido...

O P.e Lemos para coonestar a minha presença no Cartorio, aparecia por lá muita vêz, aproveitando a necessidade de certidões requeridas; mas era doente, diabético e cardiaco e fazia-se substituir repetidas vêzes por um seminarista do ultimo ano do curso.

Travámos relações; ele parecia interessar-se pelo meu trabalho e achei-o simpatico e pareceu-me inteligente e vivo. Com o tempo e depois da morte do Lemos (que foi morrer a Leiras, na terra natal) o rapaz era mais assiduo, conversava, perguntava coisas e ouvia-me com atenção quando eu fazia a apologia da investigação historica.

Esse rapaz ordenou-se, começou a ir ao Senhor da Serra de Semide prati_car nos sermões, feição especial da romaria de Agosto e a pouco e pouco não só por interesse intelectual proprio como tambem por instigações minhas, pensou em fazer uma monografia relativa á capela, á romaria, ás tradições, etc. E se bem o pensou, melhor o fez.

Eu dei-lhe tudo quanto até ai tinha apurado relativam.te ao Sr. da Serra (que, valha a verd.e não era muito); guiei-o dentro de limites, é claro e ele lançou-se ao trabalho. Rebuscou arquivos particulares, frequentou a Torre do Tombo, etc. e publicou o livro que teve por titulo O Divino Senhor da Serra de Semide[1] onde cita lealmente a minha colaboração — embora não se estenda muito como era conveniente.

O autor, João da Silva Campos Neves foi levado depois para Lisboa pelo Cerejeira como coadjutor do Patriarcado, com o titulo de Bispo de Vatarba; e hoje é bispo de La-

---

(1) In 8.º de

mego onde parece que tem feito obra de certo vulto dentro do actual espírito da Igreja Romana.

O mestre era bom e o discípulo era esperto. Que lhes prestem as boas qualidades e sigâmos pois ha mais que dizer alem das minhas amizades episcopais.

A projectada monografia sobre Miranda do Corvo ia crescendo ou, para melhor dizer: os elementos colhidos iam aumentando consideravelmente.

Na Biblioteca da Universid. que frequentava assiduamente, travei relações com o Dr. Francisco Martins, antigo Lente de Teologia, que aceitou reger cadeira na nova Faculdade de Letras; um dia dirigiu-se-me amavelmente dizendo-me que fôra contemporâneo ou condiscípulo de meu tio Francisco de Assis Pimenta ou do outro tio José Augusto Pimenta; não me recordo já a qual deles se referiu e mostrou-me uma bolsinha de prata que fôra presente dado por esse seu antigo companheiro.

Era homem simples e bondoso, nada sectario, bom conversadôr; e ás vezes fica-

va-se á palestra por muito tempo comigo; contava-me coisas de Campo Maior de onde era natural e dava-me indicações de livros que eu poderia consultar para os meus trabalhos.

Fiquei, na verd.ª, gostando dele e tive pena, um pouco mais tarde, quando ele morreu na aula, fulminado por síncope cardíaca ao dar a sua lição em pé, junto do grande quadro de ardósia onde escrevia certas notas.

Era pessoa alegre, parecia-me sempre bem disposto. Um dia, ao entrar na Biblioteca e ao ver-me sentado, como de costume, a uma das mesas com calhamaços em frente, disse-me com o sorriso natural:

— Cá estamos na nossa demanda de Gois...

Eu cumprimentei-o mas, m.to naturalmente viu na minha cara que não compreendera a frase. Sentou-se então no banco, familiarmente, e disse-me:

— Parece-me que não sabe o que são as demandas de Gois...

Respondi que, na verd.ª, não sabia. E

ele então contou-me que a vila de Gois foi, noutros tempos notavel pelas questões e questiunculas levantadas que causavam demandas demoradas e por vezes violentas. Pelo seculo XVIII houve uma que, de instancia em instancia, teimosam.te, subiu ao Desembargo do Paço; o autor dela, fidalgote rico, resolveu ir á capital acompanhar de perto o processo e logo que chegou foi á sala do Desembargo para conhecer o ambiente. Entrou e ficou um tanto ou quanto surpreso por notar que ninguem reparára nele; os grupos que estavam e conversavam, continuaram nas conversas sem darem pelo visitante.

Para se certificar, o homem dirigiu-se a um grupo que lhe pareceu mais acessivel e meteu conversa:

— Então, meus Senhores, o que se diz por cá?

Os interpelados olharam uns para os outros sem saberem o que responder; mas o fidalgote insistia:

— Sim, o que se diz por cá a respeito da minha demanda?

Um dos do grupo arriscou amavelm.te:

— Qual demanda?

O homem, com os braços no ar e já a zangar-se:

— Oh senhor! é a demanda de Gois!

Os outros, com ar indiferente, ficaram-se a olhar para o demandista que replicou com azedume:

— Sim senhores! a demanda de Gois!

Perante a indiferença dos circunstantes ouviu-se uma voz pausada responder-lhe brandamente:

— Ninguem deu por isso, ainda... não sabemos o que isso séja...

— Essa é boa! bradou o fidalgote.

— É assim mesmo... Ninguem aqui fala na demanda do Gois.

— Pois lá, respondeu o demandista já muito irritado, lá não se fala em outra coisa!...

O Dr. Martins riu-se muito ao terminar a historieta e moralizou com bonhomia:

— É o que nos acontece a nós... Andamos, cada um, com as nossas demandas e... ninguem dá por isso!

Achamos graça e rimo-nos, ambos;

mas hoje, passado quasi meio seculo, é que vejo bem como o bom Dr. Francisco Martins previa o futuro dos meus trabalhos sobre Miranda do C.º

Na verdade ninguem deu por eles.

E quanto aos do Dr. acerca de Campo Maior, para monografia identica á minha, naturalmente com a morte subita seriam dispersos ou vendidos como papel inutil — que é a triste sorte de muitos estudos trabalhosos e poderiam ter alguma utilidade.

E assim o ano foi correndo e a politica continuava acêsa e antipatica. Os democraticos teimavam em querer ser uma especie de partido unico; intolerantes, sem compreenderem os perigos da teimosia, só pensavam em crear clientela e manterem permanente predominio eleitoral.

Com o bom ten.te-cor.el Francisco Gomes conversei muita vêz acerca do assunto; ele estava filiado, já ha tempo, no Partido Unionista e era amigo pessoal do Brito Camacho e assim nos entendiamos bem a respeito da situação creada pelos erros de quasi todos.

Eu então resolvi filiar-me tambem embora fosse contrario (não sei por que especie de repugnancia) a qualquer filiação. Mas as insolencias dos democraticos levaram-me a afirmar o meu protesto e em qualquer dia de Maio escrevi para a redacção d'A Lucta com a minha adesão por escrito.

Em 16 do dito mês A Lucta noticiava o facto com regosijo e em local escrita segundo me disseram pelo Julio Dias da Costa, fiquei sabendo que a minha adesão honrou muito a União Republicana..."(1) Assim fiquei unionista até á dissolução do partido uns anos mais tarde.

Pouco depois surgiu a questão da creação em Lisboa de nova Faculd.e de Direito, em que, sem querer, me vi envolvido.

O Parlamento, em 30 de Junho, aprovou uma Lei ou Decreto que creava na Universid.e da capital uma Faculdade de Direito; o facto causou certa comoção em Coimbra

(1) No n.º 2664 de 16 de Maio de 1913. Guardei a local na colecção de recortes.

e as chamadas «forças vivas» alvoroçaram-se. A Academia, em resposta, manifestou-se ruidosamente a favor da nova Faculdade e veiu para a rua, quase em massa, aos vivas e aos morras; alegremente desceu á Baixa gritando certos dichotes ao Comercio local.

Reunidas as «forças vivas» nomeou-se ou fez-se nomear uma Grande Comissão de Defesa da Cidade de Coimbra em que, de mistura com velhos republicanos havia varios monarquicos que em nome da Causa começaram logo a manobrar inteligentemente, como era natural.

O comercio fechou as portas e a cidade apresentou o aspecto de terra abandonada. Certas emprezas fecharam com evidente prejuizo, como a Tipografia Auxiliar de Escritorio de meu tio Albino Caetano da Silva.

A ocasião era excelente para a manobra monarquica e alguns republicanos, infelizmente poucos, viram o perigo. A' sombra de velhos republicanos sérios e do protesto geral do Comercio e da Industria, os monarquicos iam açulando e complicando o problema — pois o governo a que pre-

sidia o Dr. Afonso Costa declarou categoricamente que manteria a Lei de 30 de Junho e chegou a mandar p.ª Coimbra um esquadrão da Guarda Nacional Republicana com ordens terminantes (dizia-se) para fazer abrir as portas dos estabelecimentos á força se o protesto continuasse.

Era um beco sem saída.

Passados uns dias compreendeu-se bem isso. Eu nada tinha com o caso, directamente, é claro e não concordei muito com o movimento de protesto tão espectacular; mas em conversa com velhos maçons, alguns dos quais metidos na chamada Grau de Comissão, viu-se o perigo da intransigencia por parte da cidade e resolveu-se fazer uma reunião no templo da Loja Portugal de que eu era Veneravel.

A opinião quase unânime foi de que se apelasse para o Grão-Mestre da Maçonaria para exercer a sua influencia junto do Governo na intenção de se achar uma solução airosa. Por má sorte, fui eu o encarregado de ir a Lisbôa falar com o Alvaro de Castro, então ministro da Justiça que me deveria apresentar ao Pai, então o Grão Mes-

tre não me recordo se efectivo se interino. E vim, embora constrangido, á capital.[1]

Salvo erro, deveria ter vindo em 6, no rapido da noite, dia em que a Grande Comissão de Defesa publicou uma Nota Oficiosa aconselhando «a maior firmeza e energia» e a continuar na «sua atitude ordeira de protesto.»

A minha missão era, pois, dificil.

Procurei logo no dia seguinte o Alvaro de Castro no Ministerio; recebeu-me excelentemente mas disse-me, de entrada, q. o Afonso Costa estava irredutivel; no entretanto aconselhou-me a ir falar-lhe não só para lhe expôr, francam.te, as opiniões dos moderados como tambem para o ouvir e poder transmitir em Coimbra o que ele dissesse.

Depois de peripécias curiosas causadas pelo permanente bom humôr do Alvaro, fui levado ao Ministerio das Finanças onde se ia reunir um Cons.º de Ministros. Entrei em um salão em que estavam os ministros em grupos, falando animadamente, pois vim

---

[1] Emprego o termo vim porque o capitulo foi todo escrito em Lisboa.

a saber que nesse Conselho se iria escolher o primº ministro da Instrução — escolha que recaiu no dr. António de Sousa Jºr

O dr. Afonso Costa estava sentado á cabeceira duma grande mesa, lendo e remexendo em papelada. Poucas relações, muito poucas, tinha com ele desde os tempos de Coimbra; recebeu-me, porem, afavelmente e mandou-me sentar na primeira cadeira á sua direita, que julgo competia ao Ministro da Guerra que era, então, o corºel do Estado-maior João Pereira Bastos.

Eu hesitei... Mas perante a hesitação em sentar-me, disse a sorrir:

— Sente-se, sente-se, ~~meu~~ caro Tenente... Já aí se teem sentado pessoas com menos direito...

A frase podia ser simples amabilidade ou então larpada para envaidecer o pobre diabo da Provincia... Não sei e fiz de conta que não percebi.

Sentei-me e ele já avisado pelo Alvaro expôz-me com clareza a situação do Governo perante o protesto de Coimbra que lhe pareceu exagerado e estava a ser explorado pelos adversarios não só da Republica como

tambem pelos do Governo — então forma do só por democraticos; disse que Coimbra não perderia com a duplicação da Faculdade de Direito pois tinha recursos para progredir e que o protesto não era simpatico por dar a entender que os principais interesses da cidade só eram de natureza comercial sem se atender a que acima deles estavam os problemas da instrução, etc.

Falou depois da perturbação que o caso traria à marcha politica nessa altura a braços com o alastramento do Sindicalismo, com varias gréves e outras complicações que englobou num gesto largo.

Deu-me uma lição interessante de politica e de governo e terminou por dizer que aconselhasse eu aos velhos republicanos de influencia que fizessem terminar o protesto e depois ele falaria com a melhor vontade acerca dos interesses de Coimbra; os velhos republicanos que compreendessem que ele, Presid.^te do Ministerio não podia tomar outra posição.

Despedi-me convencido de que, por ali, nada mais se faria e pedi ao Alvaro que solicitasse do Pai, o bom Dr. José de Castro, a

ido ao Gremio Lusitano, á noite, para falar comigo.

Na verdade, á noite, lá estava o velho advogado assistido pelo Goulart de Medeiros que era o presidente do Cons.º da Ordem e pelo Filipe da Mata, alto dignitario, numa das salas do Gremio, á minha espera. O Dr. José de Castro recebeu-me bem, até poderei dizer afectuosamente; mas pareceu-me ver nos tres certa cerimonia, talvez do receio pela gravid.e do assunto que ali me levava.

Emfim, depois dos preliminares do costume, pus-lhes a questão e referi-me á conversa com o Dr. Afonso Costa; o Dr. José de Castro, ponderadamente, expôz a sua opinião discordante com o protesto de Coimbra; o Goulart de Medeiros, mais vivo e menos cauteloso, censurou tudo com certa acrimónia — e só o Filipe da Mata se manteve calado, até sem qualquer gesto que desse a entender o que pensava.

Eu estava a ver que perdia o meu tempo e resolvi pôr a questão com nitidez: as Lojas maçonicas de Coimbra pediam ao Grão Mestre que servisse de arbitro na pendencia e que, com o seu prestigio pessoal e lucidez

de inteligencia procurasse encontrar solução airosa para as duas partes.

O Dr. José de Castro, com o seu temperamento bondoso, concordou em parte e depois de se discutir os prós e os contras, por vezes azedados pelo Goulart de Medeiros, assentou-se nisto que eu, deante delas, escrevi: o Grão Mestre para poder negociar com o Governo, pédia que a cidade suspendesse o protesto e comprometia-se a sustentar em toda a parte os interesses de Coimbra; e ainda afirmou que, se o Governo faltar ao que se ajustar, comprometia-se «pela sua honra» a guerreá-lo empenhando nisso o brio maçonico e o prestigio da Ordem e a fazê-lo cair se tal for preciso; com outro Governo que venha, a Maçonaria manterá junto dele o interesse pela cidade e comprometia-se ainda a trabalhar no Parlamento no mesmo sentido — pois entendia que isto tem alta importancia para a Maçonaria. Quanto á manutenção da nova Facul^de. de Direito a Maçonaria entendia que era facto consumado e possivelmente de utilidade para a Instrução em Portugal; e entendia tambem que o funcionamento da mesma quer gradual, quer em cheio, deveria

N - 6

ser obra do Ministro da Instrução que nes
se mesmo dia se nomeou.

Quiz-me parecer que a solução era boa,
tanto quanto possivel; e, demais a mais,
a honorabilid.ᵉ do Dr. José de Castro era sufi-
ciente garantia e deveria ter em conta que
o Afonso Costa não era homem para recuar.

E para prova de q. a situação em Coim-
bra não melhorára, tinha recebido, na ma-
nhã desse dia, de meu tio Albino da Silva,
umas copias da nota oficiosa de 6 a que aci-
ma me referi com o pedido de as fazer afixar
nos «placards» dos jornais diarios — o que
não fiz porque isso iria agravar mais a ten-
são já de si aguda.

Por tudo isto pareceu-me que a solução
apresentada era a melhor possivel e decla-
rei então ao Dr. José de Castro que iria, logo no
dia seguinte de manhã para Coimbra e ex-
poria aos amigos o que se passára e as im-
pressões colhidas; agradeci muito a boa
vontade do Grão-mestre e prometi telegra-
far logo que alguma coisa houvesse que al-
terasse o plano formado.

E saí do Grémio Lusitano convencido
de que não teria triunfado na minha mis-

são suas que, possivelmente, ajudára a afastar uma solução violenta e inevitavel.

No dia imediato, 8, antes de ir para o comboio, telegrafei ao Julio de Figueiredo Fonseca que pertencia á Grande Comissão, para reunir o grupo de velhos republicanos que resolvera a minha vinda a Lisboa, á chegada do comboio; compareceram todos e fômos conversar para o templo da Portugal onde expuz com minucia o que se passára.

Mas, na minha ausencia, felizmente, as coisas modificáram-se um pouco pois se começára a ver o perigoso beco sem saída em que se meteram; mesmo os mais intransigentes monarquicos cediam terreno; de modo que na reunião da Grande Comissão que se iria fazer pouco depois desta conversa no templo, os maçons que dela faziam parte e já industriados pelos que me ouviram, propuseram claramente, alegando varias razões de prudencia e considerando que o Governo não cederia um passo, que seria melhor dar o protesto por findo e como suficiente para mostrar a sua unidade e motivos de justiça e voltar á vida normal da cidade e confiar em que o Governo não visse no

protesto uma acção de politica hostil mas sim uma maneira de expôr causas de descontentamento, etc.

Lembro-me de que esta proposta foi arquitectada ainda no templo da Portugal por mim e pelo Julio Fonseca e aprovada pelos presentes; era um pouco jesuitica, na verdade, mas seria a forma de acabar com uma situação que já não poderia durar sem graves consequencias.

Saimos do templo e os que pertenciam á Grande Comissão foram para o Teatro Avenida onde ela funcionava permanentem.te; eu segui para casa e lembro-me de que encontrei o velho amigo Hermenerico Borja dos Santos em frente do Teatro onde se conservava sempre muita gente curiosa á espera das sessões da Comissão; conversava ele com uns individuos que não conheci; troquei com ele ligeiras palavras de saudação e segui rua acima.

Dias depois, estando com este bom amigo e contando-lhe o que se passara em Lisboa, disse-me ele que ouvira a um operario cujo nome citou e me era desconhecido, a seguinte frase, apontando para mim:

— Vai ali o correio do movimento...

A frase foi discutida no agrupamento, uns a favor, outros contra; não era propriamente verdadeira mas, na verdade, tinha certa razão de ser — com o que, aliás, me não arrependi. Apenas fiquei surpreso da inconfidencia havida. Quem informaria o rapaz da minha missão a Lisboa?

Adeante.

A' noitinha fui á Baixa saber o que houvera; e de facto a noticia de que o protesto acabara e no dia seguinte a cidade tomaria a vida normal, andava de boca em boca. Voltei para casa sossegado e fiz os rascunhos de duas cartas que mandaria no dia imediato e que aqui vou transcrever para lembrança de uma das missões desagradaveis que me caíram sobre as costas.

Assim terminou a questão.

E' claro que depois não segui o desenrolar das negociações; não tomei notas e por isso nada aqui posso dizer com alguma verosimilhança. Quem quizer saber mais, terá que compulsar os jornais do tempo; mas tenho ideia de que, com a intervenção do Dr. José de Castro e do filho Alvaro, o Dr. Afonso

Costa anunciou e fizeram-se promessas amigaveis que, com a instabilidade ministerial, não sei se se teriam cumprido.

O certo é que a Faculd.e de Direito ficou em Lisboa e, como a de Coimbra, tem fornecido ao País a serie magnifica de bachareis de toda a especie que tem feito a felicidade da Nação Portuguesa...

Mas vamos ás cartas:

«Coimbra – 9 de Julho de 1913 – Ex.mo Snr. Dr. José de Castro — Ontem não telegrafei a V... porque nada tinha que dizer. A Comissão de Defesa é muito grande e não foi possivel tão depressa como seria desejavel quebrar uma ou outra intransigencia — quanto á questão especial da existencia de uma segunda Faculd.e de Direito. — Contudo, conseguiu-se outra coisa: como a Comissão não quer reconhecer a Faculd.e de Direito em Lx.a (o que colocava a questão no mesmo pé), resolveu-se voltar á normalidade e sabendo-se que o Gremio Lusitano aceitaria o ser arbitro na pendencia, resolveu-se tambem depositar no seu Presidente todas as justas reclamações da cidade para que ele, com

a sua alta competencia, aprecie o que pelas ha de justiça e procede como a sua consciencia lhe ditar. — Creio que se não desviou nada a questão e que da mesma forma vai dar valor á nossa Aug∴ Ord∴ e que mt.º bem poderá fazer a esta terra. — Em breve mandarei a V∴ ou ao Ir∴ Presidente do Cons∴ da Ord∴ o que sobre o caso a Maç∴ do val∴ entenda dever dizer. — No entanto, desde já me atrevo a pedir a V∴ a sua intervenção para o seguinte: a Camara pediu, no começo do conflito a demissão; prepara-se a nomeação de uma comissão nova composta de creaturas que não estão á altura dos lugares, moral e intelectualmente; não se poderia fazer com que, desde que a cidade voltou á normalidade, o Governo recusasse a demissão pedida? Este é o desejo dos nossos IIr∴ que eu tomo a liberd. de transmitir a V∴ — Agradecendo tudo, sou, etc. etc. »

Segue a carta para o Alvaro de Castro, em estilo mais familiar:

« Coimbra, 9 de Julho de 1913 — Meu prezado Amigo: Em primeiro lugar, quero

agradecer a maneira amiga e atenciosa com que me trataste, a que eu fico reconhecido. — Quanto á questão de Coimbra devo informar-te de que, falando na 2ª feira á noite com teu Pai, este me disse que não tinha duvidas, como presidente do Grémio Lusitano em procurar, por todas as formas, solucionar e a bem o conflito — e eu, reconhecendo a importancia desse auxilio, tenho procurado (desde que cheguei, ontem de manhã) fazer com que a cidade volte á normalidᵉ. para que depois o presidente do Gremio Lusitano, arvorando a bandeira da Paz, possa livremente quebrar esta ou aquela aresta duma e outra parte. — Creio que se consegue este excelente *desideratum* e tudo se encaminha para que amanhã as coisas retomem o seu estado anterior. — Sinceramente, conto tambem com que o Senhor Ministro da Justiça, em tudo o que fizér, procure fazer todo o bem a esta terra que afinal não merece o mal que quase todos lhe querem. — Deves saber q. na minha insignificancia, terei muito prazer em te ser agradavel; por isso espero que mandes o que é teu dedº. amigo e grato, etc. »

A minha acção, neste caso complicado, creio que não envergonha. E se eu tivesse capacidade para isso, deixaria aqui umas paginas divertidas acerca de episodios sucedidos com o Alvaro de Castro que se valeu de mim para fugir a uns pretendentes que o assediavam; e outras paginas acerca da minha entrevista com o dr. Afonso Costa, sentados á mesa do Conselho de Ministros e eu na cadeira solene do Ministro da Guerra então o Pereira Bastos.

Mas adeante: não seria capaz de escrever com brilho e ando com pressa em acabar esta tarefa das memorias antes de me faltar a vista, ou o pulso, ou ... a propria vida.

Foi por essa altura que se deu o caso da estatua da Imaculada Conceição erecta no adro ou pátio da Igreja de S.ta Clara, pertencente ao antigo convento.

A estatua, inofensiva como era, não fazia mal a ninguem se não fosse, de origem, uma manifestação reacionaria perfeita.

Os republicanos e especialmente os mações, ao passarem no pátio ou a olharem de longe os altos de S.ta Clara, repontavam

com a estatua, no alto da coluna, bem á vista, como se dissesse: «quer queiram, quer não, eu cá estou no poleiro!»

Um dia o assunto foi tratado nos templos maçonicos e solicitou-se a interferencia do Conselho da Ordem no sentido de conseguir do respectivo ministro a ordem do bota-abaixo. Eu ainda falei no caso, em 1912, ao meu cunhado Ant.º Aurelio da Costa Ferreira quando este foi ministro do Fomento; mas, com o seu espirito tolerante e superior (e com razão) a estas pequenas caturrices, riu-se e preguntou-me se a estatua fazia mal a alguem...

Realmente a estatua não fazia mal a ninguem e o Costa Ferreira não deixava de ter alguma razão; mas tambem é verdade que os reaccionarios se riam da fraqueza do regime que os deixava ás soltas e iam aproveitando a tolerancia e boa-fé dos governantes para prepararem (como afinal prepararam) o golpe de misericordia.

Enfim, a questão continuou. Não me recordo já de pormenores; mas lembro-me de que alguns exaltados, perante a demora da resolução ministerial, pensaram em

desarrimar, de noite, o monumento. O bom senso, porem, dominou e nos fins de Junho os jornais anunciáram que o ministro deu a almejada ordem.

E a estatua foi apeada e arrecadada lá dentro, entregue á confraria.[1]

Depois... veiu o verão. Não me recordo se houve qualquer outra coisa digna de aqui ficar mencionada; naturalmente continuei na minha tarefa bem ingrata de desvendar os arcanos da historia de Miranda do Corvo, com a tolerancia do bom ten.te cor.el Francisco Gomes, meu comandante, tarefa (vá lá a confissão!...) de que hoje me arrependo embora sem resultado. Poderia ter empregado o tempo e a actividade em trabalhos de mais proveito.

Emfim, paciencia.

E tive-a e bastante perante tanta incompreensão dos mandantes e influentes no concelho, cheios de prosapia e de ignorancia. Mas, adeante: vamos seguindo, que

(1) Depois de 1926 foi novamente erecta mas no claustro, e á socapa...

ainda ha muito que dizer e muita coisa para contar. Oxalá tenha tempo para tudo isso.

Em Setembro, tive pela frente segunda Escola de Repetição e, desta vêz, fóra da terra. Não tratei de saber para onde iria; entreguei-me ao acaso das escalas ou das nomeações feitas não sei com que critério nas repartições do Minist.º da Guerra.

O certo é que fui parar ao regimento de Infantaria n.º 21 que se concentrou em Castelo Branco, no quartel do seu 2.º Batalhão, antigo quartel de Cavalaria.

Lá fui no dia 11 do dito mês de Setembro com os tenentes Luis Guilherme Nunes de Carvalho e Cesar Amadeu da Costa Cabral, ambos da guarnição de Coimbra. No dia seguinte, feita a apresentação, fui nomeado como tenente antigo, comandante da 3.ª Companhia do 3.º Batalhão — a ultima companhia do regimento, isto é, a do cauda da coluna.

Nos dois dias de preparação da Escola, demos uma vista de olhos á cidade que me não agradou muito. Do castelo ha boa mirada contra a Guardunha, a Estrela e mais

sobre a direita, o dorso bem pronunciado da serra da Gata, já em Espanha; para o Sul, é a planície mais ou menos alentejana.

Foi-me distribuído o plano da Escola que aqui deixo reproduzido por curiosidade. O comandante do regimento durante a mesma era o cor.[el] do Est.[o] Maior José Gonçalves de Mendonça J.[or] que me deu a impressão de homem irresoluto, sem valor, apenas burocrata do Estado-Maior sem hábitos de lidar com tropas; era correcto e distinto de maneiras como pessoa bem educada. O comandante de Batalhão era o major Guilherme da Costa Passos, beirão de Penamacôr, bom homem, insignificante, sem cultura de qualquer espécie e talvez pouco inteligente.

Na conferência preparatória que fez aos oficiais do Batalhão, limitou-se a ler o tema dos exercícios e terminou por dizer, sorrindo, que quem melhor désse no inimigo é que venceria a campanha. E levantou a sessão sem mais cerimónia.

Vim encontra-lo depois em Coimbra como Inspector de Infantaria. Inspector!...

Segue o quadro com o plano de marcha tal como me foi entregue:

Quadro da distribuição do tempo:

Local da partida	Local da chegada	Distancia	Manobras p.ª executar nos diversos dias:	Forma de estacionam.to
Castelo Branco	Casa de cota 360 estrada Castelo Br.co - Escalos de Baixo	6,K5	Dia 15 Marcha. Escola de soldado, pelotão, companhia ou bataria	Bivaque
Casa de cota 360	S. Miguel d'Acha	20,K5	Dia 16 Marcha. Escola de companhia ou bataria, batalhão ou grupo. Marcha c/serv.º de segurança. Ataque ás posições q. defendem a ponte de S. Gens. Segue a marcha p.ª S. Miguel d'Acha.	Acantonamento.
S. Miguel d'Acha	Penamacôr	21,K4	Dia 17 Marcha. Ataque á povoação de Pedrogão e das alturas do sul. Continuação da marcha p.ª Penamacor e estabelecim.to do serviço de segurança.	Idem
Penamacôr	Capinha	19,K5	Dia 18 Marcha. Ataque das posições q. defendem a ponte da Meimôa. Segue marcha p.ª Capinha. Estabelecim.to do serv.º de segurança	Idem
Capinha	Alpedrinha	20,K9	Dia 19 Marcha de retirada em 2 colunas q. depois se reunem numa	Idem

			só. Combate de guardas da rec taguarda no vale da Cafrinha. Estabelecim.to do serviço de segurança á rectaguarda de Alpedrinha.	
			Dia 20	
Alpedrinha	Alcains	23,6	Marcha em retirada, tendo a guarda da rectaguarda de combater em 5 posições sucessivas. Estabelecim.to do serviço de policia.	Idem
			Dia 21	
Alcains	Cast.º Branco	12,3	Marcha simples a quarteis	

Quartel-General em Tomar, 1 de Setembro de 1913.

O Chefe do Estado-Maior
(a) José Fortes Costa
Ten. Cor.el

Ao partir de Castelo-Branco pela tarde de 15, caía uma chuva miúda, fria, incomodativa, que dispôz mal toda a gente. Fizemos uma pequena marcha de 6 quilometros e meio pela estrada que sobe para Escalos de Cima; ao chegarmos ao local do bivaque o terreno já estava encharcado e a Manutenção Militar teve de mandar m.to fardo de palha para as camas. Eu e os meus dois subalternos ficámos na mesma tenda, á espé-

ra que a chuva, então em grandes bátegas, amainasse um pouco p.ª comermos qualquer coisa e darmos o rancho á soldadesca.

Anoiteceu e pelo campo apenas o vulto das sentinelas se destacava e o brilho das fogueiras das cosinhas, a custo mantidas, ia amortecendo. A certa altura, uma reviravolta do tempo fez com que a chuva parasse e desprontasse um belo luar; deu-se então o rancho de que nós comemos tambem porque as nossas cosinhas desappareceram com a chuva; veiu a seguir o recolher e nós passámos uma noite má — pois a humidade era intensa, da terra molhada, e o frio era superior a uns cobertores que cautelosamente tinhamos trazido.

No dia seguinte a marcha começou tambem debaixo de chuva; houve exercicio em q. a minha companhia, na reserva, não chegou a entrar; e pelas 2 h. da tarde chegámos a S. Miguel d'Acha, aldeia sertaneja onde as casas quase não tinham cal mas em compensação nas janelas e balcões havia vasos com flores e longos pingentes pitorescos de trepadeiras que vinham até ao pavimento da rua. Terra curiosa para o etnografo e até

para artistas mas que, para quem chegava molhado e sujo de lama depois de 20 quilometros de marcha, não apresentava grau de esperança de qualquer comodidade.

Depois das inevitaveis hesitações, o regimento foi acantonado apesar da exiguidade do povoado; a mim e aos meus oficiais foi dada uma casa quase vazia, sem camas; teve a Manutenção de suprir a falta de colchões com fartura de palha em que dormimos mais ou menos resignados.

O ~~dono~~ da casa, porem, um bacharel em Direito que casára em Coimbra com uma patricia minha, filha do conhecido Padre Pedro de Albuquerque, ofereceu-nos o jantar que não soube mal e nos evitou o trabalho de organizar as cosinhas.

Este bacharel cujo nome agora já me não lembra, era em Coimbra um bêbedo autentico e segundo ouvi dizer na aldeia, mantinha a tradição. Ao jantar, todavia, foi correcto e liberal.

A Escola de Repetição continuou mais ou menos ~~…~~ conforme o plano; em Penamacôr o major Passos foi fidalgo: ofereceu de jantar aos oficiais do seu batalhão

no seu proprio solar, jantar de sete pratos a que fizemos as honras como esfomeados que palmilharam 20 quilometros sem comer.

E ainda a mim, comandᵗᵉ de Companhia, foi-me oferecido um quarto excelente, de mobilia antiga, com cama de lençois ricos que deu certo repouso agradavel.

Depois seguiu-se marcha para a Capinha onde dormimos em bivaque junto de um monumento á Virgem, no jardim do palacio de certo milionario Franco Frazão emigrado em Espanha por ter andado em bolandas com o Paiva Couceiro.

Lembro-me de que apesar da protecção celeste apanhei frio e humidade que me fizeram ter saudades da boa cama solarenga do bom major Passos.

No outro dia atravessámos a celebre e fecunda Cova da Beira, direitos á Gardunha, á vista da Covilhã, alcandorada á maneira de presepio nas abas da serra; passámos pelos belos soutos de castanheiros, na subida para a Portela e quando se alcançou esta de novo se avistou a planicie em q. apenas, á esquerda, se avistava o morro de

Monsanto — que, com o correr dos tempos foi elevado ás honras de aldeia mais portuguesa deste jardim da Europa.

Depois Alpedrinha onde se bivacou pelos largos e praças da terra e pelos terrenos imediatos; a 20, de Alpedrinha, muito pitoresca vila cheia de frescura, lá fomos para Alcains, percorrendo a maior distancia que tivemos em toda a escola e no outro dia, finalmente; andados mais uns 12 quilometros, chegámos a Castelo-Branco sem novidade de maior e, diga-se a verdade, menos mal dispostos.

Eu, pelo menos, lembro-me muito bem de que ia bem disposto, aparte certo cançasso natural depois de marcha de 125 quilometros contínuos, com más acomodações e irregularidade de alimentação.

Percorri grande parte da Beira-Baixa q. eu não conhecia e lembro-me da impressão recebida no segundo dia de marcha, para S. Miguel d'Acha quando a chuva parou, as nuvens se rasgáram e delas emergiu o colosso de Monsanto, á direita, negro, a brilhar com o sol, como que suspenso no meio da névoa densa, parecendo, com algum esforço de imaginação, um gigante que ali surgia

se de repente, a escorrer agua — para dentro em pouco desaparecer quando as nuvens voltaram a cerrar-se e a deitar chuva.

No mais, achei interesse na variedade de cenarios: a planicie ao norte de Cast.º Branco, o grande dorso pedregoso de Penamacôr e os restos magnificos do seu castelo; as ondulações da Meimôa e da Cafrinha; a subida para Fatela, a beleza ampla da chamada Cova da Beira; o pitoresco alcantilado da Guardunha com a vista para os contrafortes da Estrela — tudo me agradou pelo inedito e me deixou vontade de por ali voltar um dia.

A 22 de Setembro regressei a Coimbra, apresentei-me em 23 e fui á Figueira da Foz alugar casa para lá passar o mês de Outubro.

Foi nos Palheiros, quase a chegar a Buarcos, que encontrei um 1.º andar conveniente; lá passei o mês de Outubro por sinal q. com bastante irregularidade de tempo mas q. ainda me deixou dar umas voltas á serra da Boa-Viagem, como nos tempos de rapazinho quando subia por Tavarêde e depois de percorrer a lomba da serra descia pelo

LIVRARIA DA UNIVERSIDADE

Cabo Mondego e me ficava a ver as ondas na luta constante com as penedias.

Eram, então, bons tempos.

Durante este mês de Outubro houve uma tentativa monárquica de rebelião; se me não engano (nem vale a pena verificar) foi a de Mafra que redundou em desastre estúpido.[1] O caso foi tão simples que não mereceu chamada de oficiais que estavam, como eu, de licença.

E assim o ano acabou, tristemente; e a vida continuou na mesma tristeza.

Lisboa:

4/28 de Junho de 1962.

?

---

(1) Não foi em Mafra q. se deu esta ~~...~~ revolta. Não me recordo onde foi e, no mom.to, não ~~...~~ vale a pena verificar. Fosse, pois, onde fosse... [Nota em Agosto de 1962, como errata).

IV

«... e com isto, o rosario dos anos
a esfiar-se nas transigencias da vontade e nas orgias da imaginação.»
João Barreira: A rota do bergantim e outras alegorias, pag. 50

«J'ai peu d'aventures à vous raconter, mais j'en ai entendu beaucoup.»
Alfred de Vigny: Servitude e Grandeur militaires, pag. 11 (Ed. de 1933)

Este ano de 1914, que vai agora começar, foi na minha vida um pouco mais variado.

De começo, nada de novo; continuei com a faina de investigar o passado de Miranda do Corvo quer na Biblioteca quer no Arquivo universitários, quer no Cartório do Seminario; e continuei na mesma situação oficial no Regimento de Inf.ª de Reserva 23 com o bom do tenente-cor.el Francisco Gomes como comandante.

Até que, em fins de Abril, me prepa-
rei para ir até Mafra onde ia funcionar, pe-

la primeira vez, a Escola Central de Oficiais com o curso chamado do 1º grau ou seja de tenentes para capitães.

Lá fui, no dia 1º de Maio até à Quinta da Paz com a família; e no dia 2 fiz a minha apresentação ao Coronel do Estº Maior Tomás Antº Garcia Rosado, comandte. ou director da Escola.

A Escola funcionava, se não estou a mentir, no 3º pavimento do edifício, em salas da ala sul e ala nascente. O corel. Garcia Rosado era pessoa distinta, de apurada educação e passava por ser um dos nossos melhores oficiais do Estado-maior. Usou sempre, para com os tenentes, de perfeita urbanidade, colocando-se no seu lugar sem que a distância hierárquica o impedisse de ser o mais possível cortez e pronto, constantemente, para nos atender.

Entre os instrutores que constituiam o corpo docente, estavam o tente-corel. João José Sinel de Cordes, do Estº-maior e o major de Cavalaria António Oscar Fragoso Carmona, nomes que depois ficaram conhecidos por várias das malas-artes imprevistas, que o tempo consagrou não menos imprevistamente.

Outro instructor foi o ten.te cor.el de Cavalaria, Francisco Sá Chaves, oficial distinto e conhecido escritor militar que eu gostei de ouvir nas excelentes prelecções que fazia.

Os tenentes que frequentaram a Escola pertenciam a todas as armas e não me lembro se tambem serviços. Os de Infantaria pertenciam aos do meu curso da Escola do Exercito e a chamada ainda apanhava alguns do curso seguinte cujos nomes já me não lembram; o mais antigo era o José Leoni Palermo de Faria que na escala de aspirantes tinha o n.º 29 e por consequencia era o chefe de turma e até o mais antigo de todos os concorrentes — o que o aborrecia muito porque ás vezes tinha que exercer funções oficiais perante os instructores ou perante o proprio director.

E' curioso lembrar que os meus companheiros, apesar de tenentes antigos e todos com mais de 30 anos, na sua maioria, e pais de familia, não perderam os habitos de colegiais, isto é, em certas ocasiões ressentiam-se dos vicios dos tempos escolares como a desconfiança, a emulação, algumas <u>enrascadelas</u> proprias de meninos de escola, hesitações improprias perante problemas sim-

ples, ância de conquistar boa classificação mesmo á custa de pequenas deslealdades, etc. etc. — misérias correntes na pobre Humanidade desde (segundo dizem) o veneravel Pai Adão e respeitavel familia.

No entretanto o curso correu sem novidade de maior; os instrutores foram solicitos e procuráram ensinar; as sessões, por vezes, eram monotonas (como as do Zinel de Cardes que tinha pessima exposição) mas correram toda a escala das obrigações dum futuro capitão quer no campo quer no quartel.

Tivémos missões exteriores e lembro-me bem de que eu e mais dois companheiros, o Aurelio de Azevedo Cruz e o Vasco Braz de Campos, tivemos que fazer um reconhecimento do caminho Igreja-Nova — Mata Grande — Mata Pequena — Casal de Pero Pardo, caminho ao longo do vale da ribeira de Chaleiros até quase á povoação do mesmo nome.

Foi missão dura porque apanhámos uma trovoada com chuva torrencial e tivémos que percorrer caminhos inverosimeis que não sei como chegámos ao fim sem trambulhão dos pobres cavalos por vezes transformados em cabras.

Em Chelaíros metemos os animais numa cavalariça e fomos abancar numa taberna, não só para enxugar a roupa como para fazer o relatório, acompanhado de qualquer comezaina saloia para compensar a tremenda estopada que apanhámos. Os meus companheiros, apesar de eu não ser o mais antigo, confiáram-me a elaboração do relatório que gizei enquanto tinha a memoria fresca dos pormenores; eles, bastante alheios ao assunto, iam comendo e bebendo; e depois, no dia seguinte, passado tudo a limpo com a minha letra (tive esse cuidado) assináram sem reflexões.

Não fiz isso, por velhacaria, confesso, mas o deixar a m.ª letra que se conhecia á legua para comprovar melhor ou pior o autor, foi simplesmente para dar o seu a seu dôno.

Este relatório, como os outros que fiz durante o curso ficaram copiados no meu volume relativo ás andanças oficiais da minha vida militar

Não fiquei com o plano do curso se o distribuiram aos instruendos; mas fiquei com notas dos exercicios e missões que tivemos no

~~[illegible]~~ campo; e por ela verifico que houve um reconhecimento à povoação da Mungeira em que eu, como comand.te das secções de quartéis fiz o trabalho da divisão do povoado para acantonamento de um batalhão e mais duas companhias de um outro. O estudo foi feito sobre uma planta sumária levantada na ocasião; e fi-lo sob minha responsabilid.e como comandante das secções.(1)

Recordo-me de que, no final, o mostrei a um grupo de companheiros e que estendi a planta do local sobre um muro; e de que nesse grupo estava o tenente Julio Pereira Lourenço, de Artelharia, e futuro oficial do Estado-maior, que se não intrometeu no meu serviço, se limitou a olhar soberanam.te pelo monóculo que usava o que eu ia expondo e no final, sem observações de qualquer espécie, fez um gesto de aprovação...

Era o <u>nihil obstat</u> da autoridade superior...(2)

---

(1) Ficou copiado no cit.o volume da m.a vida militar.

(2) Este ten.te morreu recentem.te general. Não era má pessoa mas em novo tinha vaidade exage-

Eu não conto isto por vaidade, mas para, como acima disse, dar o seu a seu dono. Nunca me importei de trabalhar e nunca neguei aos outros os meus conhecimentos (que aliás não eram muitos) e tam bem nunca recusei as facilidades que tinha para o desenho topografico áquelles a quem fal tava essa aptidão que, em muitos destes casos era de importancia.

Direi até que gostava de fazer esses traba lhos e em regra não me saiam mal.

Tambem tive qualquer exercicio de bina que de companhia a S.O. do lugar de Monte mas, proximo e a Leste de Pero Pinheiro. De pois do trabalho eu e os meus companheiros que tiveram identica missão, abancámos em uma hospedaria que havia neste ultimo lu gar, hoje populoso centro de grande indus tria de marmores.

Fez-se o relatório e confortámos o estoma go e recordo-me m.^to bem de que notei nas paredes da casa de mesa que era no 1.º andar e tinha aspecto de arranjo e limpeza, uns

---

rada para os seus reduzidos meritos. Com a ve lhice perdeu essa vaidade e era sociavel.

quadros com litografias coloridas, de desenho menos mau, que representavam o drama de Inês de Castro. Ficaram-me os olhos nas litografias, em que as figuras trajavam exoticamente ricos vestuarios da segunda metade do seculo XVI; e tentei com certo cuidado uma compra — mas a recusa foi formal.

Ha poucos meses, no consultorio do Dr. Vasco de Sousa Chicharro, em Lisboa, vi quatro litografias iguais que me evocaram os tempos a que me refiro; disse o medico que as comprára numa lojeca na rua de S. Bento e as mandára encaixilhar a um especialista de tratamento de gravuras. Serão as mesmas de Pero Pinheiro?

Quando passo neste lugar, ao ver o predio que ainda tem o mesmo aspecto e creio que ainda é hospedaria, lembro-me sempre das litografias e com a maior pena de as não ter adquirido — pois nunca mais vi iguais por muitas voltas que tenha dado nas varias andanças da vida. As litografias, como os livros, tambem habent sua fata... Como os livros e como tudo que anda por este mundo desgraçado.

Tive tambem um reconhecimento á povoação do Gradil para acantonamento de tropas e defesa do sector leste do logar — trabalho feito de colaboração com os dois companheiros do reconhecimento do caminho da Igreja-Nova a Cheleiros; o relatório que é relativam.te certo foi feito por mim e assinado pelos tres.[1]

Houve o estudo de uma marcha dum local de concentração a Leste da Carreira Velha, freguesia da Azueira, na parte N. do Concelho de Mafra, para o logar das Antas, na mesma freguesia, que deveria ser reconhecido e ocupado devidamente. Este, foi trabalho individual como comand.te de companhia — assim como o trabalho de ocupação do sector N. do logar do Turcifal, tambem como comandante de companhia.[2]

Todos estes exercicios bem como um outro de combate, a S. de Cheleiros em que, como reserva do batalhão o meu papel foi de estudar o caminho que teria de seguir para reforçar a frente da linha de defesa e a posição que iria

---

(1) Copiado no cit.º vol.º relativo á vida militar.
(2) Idem, idem.

ocupar à direita da 6.ª companhia,[1] todos esses exercicios, dizia, obedeciam a um plano geral de conjunto que deveria terminar pelo exercicio de quadros nas Linhas de Torres em q. eu comandaria uma 7.ª Comp.ª do 2.º Batalhão do 1.º Regimento do Partido Vermelho.

Nesse tempo ainda a côr vermelha não assustava os governantes nem os graduados do exercito...

E assim o tempo correu, com certa variedade de serviços exteriores para compensar o monotono das teorias que nem sempre os instrutores conseguiam tornar agradaveis.

Para final de instrução, como disse, houve exercicio de quadros nas Linhas de Torres. Para lá fomos a 24 de Maio, de manhã, a cavalo e cada instruendo com sua ordenança de cavalaria.

Ao passar no Gradil a chuva começou a cair embora mansa; descançou-se no Turcifal, aldeia pitoresca que contrasta com a agressividade daquelas montes sem beleza; depois sempre debaixo de chuva e com o cavalo a

---

[1] No vol.º A minha vida militar.

coxear duma ferradura, chegámos á vila histórica onde nos alojáram no hotel, ao tempo, o melhor da terra

O exercicio de quadros correu normalmente e, verdade seja, sem grande interesse. Não me recordo que problema nos puzéram, certamente seria de defesa; mas lembro-me de que o meu papel foi estabelecer uma companhia de Infant.ª na lomba de uma daquelas elevações a sul de Torres com a esquerda sobre o desfiladeiro de Runa e a direita para Leste do moinho da Carrasqueira, no grande dorso do Barrijeudo, salvo erro.

Neste trabalho tive por companheiro o condiscipulo João M.ª Duarte Benfeito que alegrou a missão com o seu constante bom humôr e a sua mais do que comprovada ignorancia. Entreguei a resolução, é claro, assinada pelos dois, mas a copia que guardei ficou incompleta como a 8.ª Sinfonia de Schubert e a memoria já me não dá para mais pormenores.(1)

Do que conservo lembrança é do deploravel episodio do meu condiscipulo Julio

---

(1) Idem idem.

Carrão de Oliveira que veiu ter comigo aflito porque lhe parecia que no têma havia erro grave.

Com efeito, lendo o têma, que lhe deram identico ao meu, houve espanto e os pontos indicados para apoio da companhia que ele comandava estavam trocados de modo que, se obedecesse ao que estava escrito teria de dispôr a sua gente com as costas para o inimigo e organizar a defesa contra as nossas reservas.

O Carrão de Oliv.ª era desembaraçado e nada pêco; mas era pouco inteligente e na ocasião fez-se colegial <u>enrascado</u>... Tentei mostrar-lhe o erro, devido a qualquer gralha da maquina de escrever; não houve maneira de o convencer e de o dissuadir de considerar o erro como certo. Lembrei-lhe que procurasse o instrutor e lhe expozesse a duvida; não concordou com receio de que «eles não gostassem...»

E assim, como verdadeiro menino de escola, teimou em dispôr a companhia de costas para o inimigo — o que lhe ia valendo uma reprovação se não fosse o proposito do grupo docente da Escola não reprovar

N – 8

ninguem atendendo a que era o primeiro ano, etc.

O caso, porem, foi tão exotico que na sessão final, em 27, na presença do ministro Pereira de Eça, o cor.el Garcia Rosado ao fazer o resumo dos trabalhos, referiu-se a essa prova de falta de decisão e de iniciativa, bastante grave em quem teria de assumir responsabilidades.

Nesse dia, depois do exercicio, retirámos para o Turcifal onde se almoçou; e depois duma ligeira troca de impressões com o director Garcia Rosado regressámos a Mafra para no dia 26 fazermos a ultima prova, que foi escrita.

Numas salas, duas, salvo erro, no 3.º pavimento, lado sul, e em mesas ovais, déram-nos temas para respondermos á vontade durante não sei já quantas horas. Os instrutores não ficaram a vigiar, só de vez em quando apareciam a preguntar se havia alguma duvida.

Conversava-se, fumava-se, chalaceava-se á boa mente.

Lembro-me de que ao pé de mim sentou-se o Antonio Pires Pereira J.or, inteligen

te, bastante lido, com quem trocava uma vêz por outra qualquer baracha, sem deixar, é claro, de escrever. Daí que procurei dar forma literaria á prova pois que profundidade no assunto não poderia mostrar.

O têma dado prestava-se bem a largar as redeas á imaginação: Combate ofensivo. Como actuam e mutuamente se apoiam as armas no periodo de preparação.

Comecei por fazer rascunho que conservo ainda[1]; mas a certa altura vi que o tempo não era muito e deixei o rascunho e continuei a escrever no papel carimbado que os instrutores me deram. Creio que não iria mal e na verdade disseram-me depois que a mª classificação final foi uma das poucas classificações melhores.

No dia 27 recebemos guia de regresso depois da sessão com o ministro; e em 29 fiz a minha apresentação em Coimbra, no Regimento de Infª de Reserva 23 onde daí a dias chegou, em confidencial (!) a minha informação do curso que me dava como aprovado com um «Muito Bom.»

---

[1] No 2º volº da Vida Militar.

Estava, pois, apto para ser promovido a capitão como na verd. foi daí a uns quatro meses e dias.

Mas antes de continuar, sempre quero contar como travei amistosas relações com o major de Cavalaria António Oscar Fragoso Carmona que me tornou á conta de um erudito em Guerra Peninsular e mais outras campanhas.

No primeiro dia em que ele deu instrução de tactica, apresentou-se com a distinção que lhe era propria e depois dum cumprimento geral pegou numa folha de papel e disse que ia fazer a chamada dos instruendos, não para notar faltas mas simplesm.te para ficar conhecendo os tenentes q. ainda não conhecia.

Ao passar pelo meu nome e depois de um «presente!» com que eu amavelmente respondi, disse-me que me não afastasse, no final da instrução, porque me desejáva falar.

Isto causou certa curiosid.e na turma de meninos de escola pois, como acima disse, os tenentes estavam mais ou menos transformados em colegiais irrequietos.

O que seria?... O que não seria?... pensavam todos.

No final fui ter com o homem. Atenciosamente, disse-me que tinha m.to gosto em me conhecer pessoalmente e que andava a ler, m.to interessado, o meu trabalho sobre a acção da Cruz dos Marcuços ao tempo em publicação morosa na Revista Militar e queria discutir comigo certos passos que notara durante a leitura.

É claro que respondi que estava às suas ordens; e ficou combinado que no dia seguinte iríamos à biblioteca da Escola Prática pedir os números da Revista e falaríamos então.

Com efeito, no dia imediato, lá fomos. Já não sei que dúvidas o homem teve mas a conversa foi larga e não deixou de me ser agradável. Ele era cavaqueador e interessava-se pela história militar; de modo que ficámos sócios na cavaqueira quando nos encontrávamos nos intervalos das instruções — o que causava alguns engulhos a certos tenentes que, ao verem a afabilidade com que conversávamos, suspeitariam, da minha parte intenções propiciatórias para conseguir boa classificação.

Tudo é possivel neste mundo de misérias...

Duma vêz, preguntou-me ele se eu conhecia Chaves e se me lembrára de estudar a retirada de Soult em 1809. Como antigo oficial de Cavalaria do regimento flaviense, percorrêra a região e falou-me com entusiasmo das dificuldades que o marechal francês teria encontrado na marcha de retirada, nas agruras do caminho, na beleza do passo de Salamonde.

Eu respondi que, de facto, nunca me lembrára de estudar esse episodio mas agora, com a descrição que ele fizera, me abrira o apetite; porem, para realizar esse trabalho, eram necessarias deslocações e despesas que só por mim não era facil fazer. Contudo, poderia ser que um dia tentasse.

O major, então, perante as minhas objecções teve esta saída que me ficou bem na memoria:

— Pois é assim, meu tenente: neste desgraçado País ninguem está no seu lugar...

Nas vesperas do exercicio de quadros em Torres, disse-me:

— Olhe que eu lá o procurarei para me dar explicações acerca das Linhas...

De facto, quando fazia o meu trabalho na posição que me foi dada nas alturas do Barrpedo, o Carmona apareceu, a cavalo, apeou-se e quiz saber qual era o sector em que estavamos e a importancia que teve no grande plano defensivo. Lá lhe disse o que sabia, fumámos fraternalmente um cigarro, e ele continuou, serra fóra, a sua inspecção — se era inspecção o que andava a fazer.

Assim se formaram as boas relações entre mim e ele, relações que se mantivéram sempre e ás quais, no meu Diario deve haver referencias varias. E devo confessar que ainda tive a veleidade de esperar, quando ele foi ministro, primeiro com o Cunha Leal e depois com o movimento de 28 de Maio, que ele se lembrasse de que «neste desgraçado País ninguem está no seu lugar» e me mandasse oficialmente estudar a retirada de Soult em 1809 pelas agruras de Salamonde... Mas não mandou.

Foi veleidade minha o supôr que um homem elevado a tal altura se lembrasse dos

que andam cá por baixo — veleidade, aliás, que não me fica mal...

Eu também, valha a verdade, nunca o procurei e nunca fiz valer a lembrança das nossas boas relações.

Regressado a Coimbra, voltei ao serviço do Regim.^to de Inf.^a de Reserva n.º 23 com o bom Ten.^te-cor.^el Francisco Gomes que, por motivo de promoção a coronel em Setembro, deixou com pesar meu, o cargo de comandante.

Ora durante o verão que passei em Coimbra, surgiu a guerra entre a Alemanha e a França que deu muitas e justificadas preocupações.

Estabeleceram-se logo duas correntes como é próprio do nosso temperamento; a da intervenção e a da não intervenção.

Havia muitos germanofilos, os reaccionarios, que viam na vitória da Alemanha a queda da Republica e perante a possibilidade da nossa intervenção armada, houve, em grande parte do exercito, movimento claro de reprovação, não tanto talvez por medo de ir para a guerra mas porque se previa que essa intervenção consolidaria os

como até certo ponto consolidou, as novas instituições.

Foi uma quadra calamitosa a que adeante deverei fazer referencias.

Lembro-me bem de que numa tarde de Agosto, indo eu á Baixa, em Coimbra, encontrei o Ten.te de Engenharia José Marques Pereira Barata, estudante laureado na Universid. e que (dizia-se) não entrou para a Faculdade de Filosofia por ser muito novo.

Conversámos, é claro, acerca da guerra então no periodo da marcha quase fulminante dos Alemães em França, depois da invasão da Belgica; subimos pela Avenida Sá da Bandeira, pacatamente, depois pelas ruas Oliv.a Matos e Castro Matoso e durante este percurso o Barata expunha com entusiasmo a marcha vitoriosa e o possivel esmagam.to do exercito francês por uma manobra envolvente, exposição feita com inteligencia e pormenores e, direi, com convicção do reaccionario que ele era em alto gráu.

O Barata era natural de Alcains e foi discipulo dilecto do Colegio de S. Fiel.

Ao despedirmo-nos, aos Arcos do Jardim, eu ia incomodado. O Barata sonha

dar á exposição tanta verosimilhança e tanta clareza inteligente, que eu regressei a casa acabrunhado e meio convencido da derrota da França. Nessa noite mal dormi.

Lembro-me disto como se fosse coisa recente e não esqueci a impressão funda que a conversa me deixou.

Felizmente, a predição do José Marques Barata falhou.

Voltando ao Regim.to de Inf.a de Reserva 23. Depois da promoção a coronel do bom Francisco Gomes (que foi substituido por Viriato Ribeiro de Lemos, meio oficiál do exercito e meio filosofo), pouco tempo lá fiz serviço; requeri licença disciplinar porque a minha promoção estava proxima e eu queria não ser surpreendido por ela.

O ajudante do ministro Pereira de Eça era o Henrique de Carvalho Dias, tenente de Artelharia e primo prox.o por afinidade, de minha Mulher; avisou-me de que eu iria para Castelo Branco e entrei de licença em meados de Outubro á espera do que desse e viesse — resolvido a não forçar os acontecimentos ou, se quizerem, o Destino.

Por decreto de 10 deste mês de Outubro, fui promovido a capitão para a 6.ª Comp.ª do Regim.to de Infantaria n.º 21, do 2.º Batalhão aquartelado em Castelo-Branco[1]; em 18, na ordem regimental fui abatido ao efectivo do Regim.to de Inf.ª de Reserva e no dia 1.º de Novembro vim para Lisboa com a familia, pacatamente, á espera do dia de marcha para Castelo-Branco.

O jornal A Luta não quiz deixar de mencionar uma visita q. fiz á séde, no palacio do Calhariz; e em correspondencia de Coimbra veiu tambem a noticia da m.ª retirada para Castelo-Branco com palavras mais do que amaveis ao mesmo tempo q. pesarosas.[2]

E assim se faz a historia...

Ora durante os quinze dias em que andei por Lisboa (de 1 a 15 de Novembro) deu-se um episodio curioso que, para m.ta gente a quem o contei, parecia mentira.

Meu cunhado Costa Ferreira deu-me o vol.º XXI do Dicionario Bibliografico de Inocen

---

(1) Na Ord. do Exercito, n.º 25, 2.ª serie de 15.
(2) As 2 noticias ficaram na coleção de recortes.

cio, dedicado ao centenario de Alexandre Herculano e organizado por José Joaquim Gomes de Brito, conhecido investigador, bibliofilo, arqueologo, etc [1] ao tempo director do Arquivo da Camara Municipal de Lisboa.

Folheando o volume, dei por falta, na relação das publicações alusivas ao centenário, do numero das Folhas Novas [2] dedicado ao Herculano e escrito por mim, em Abril de 1910, em estilo faceto, a pedido do Tomás da Fonseca e do Álvaro Henriques que dirigiam a publicação — que muita gente considerava, não sei porquê, anarquista.

Resolvi, por isso, procurar o Gomes de Brito, informa-lo da omissão e oferecer-lhe um exemplar das Folhas sem lhe dizer, é claro, quem era o autor.

Um dia fui á Camara Municipal de Lisboa e entrando na grande sala do Arquivo, deparei com um velho, de barba branca, barrete de sêda na cabeça, sentado em cadeira de braços a uma secretaria cheia de papelada.

---

(1) Morreu a 16 de Abril de 1923, com oitenta anos.

(2) Folhas Novas. Factos e Razões, de Coimbra, n.º 5 de Abril de 1910, 4 paginas.

Disse-lhe quem era e as razões que lá me levavam; e fiquei um tanto ou quanto embatucado por não ver no homem qualquer sinal de atenção ao assunto e até de delicadeza — pois deixou-me sempre, enquanto falei, em pé, ao lado da mesa, sem mostrar nele qualquer gesto de rudimentar cortezia.

Quando lhe ia a entregar um simples apontamento bibliografico das Folhas e em especial do numero comemorativo, falou então um pouco bruscamente dizendo-me que nada tinha com o caso e isto com gesto de quem me despedia.

Peguei no chapeu e tambem um pouco asperamente, observei-lhe que o nome dele figurava na capa do volume e perante toda a gente era ~~ele~~ o unico responsavel pela omissão. E com «passe muito bem...», voltei costas.

Como compreender uma coisa destas? Estava ele mal disposto? O certo é que ao sair a porta tive vontade de lhe acenar com certo gesto obsceno... Mas não.

Saí do edificio municipal, desci pela arcada ocidental do Terreiro do Paço e fui ver o esvoaçar das gaivotas no Tejo, espectaculo

superior e mais edificante que o que me deu um velho intratavel convencido de que era olimpico.

Neste mês de Novembro fui encontrar meu tio José Augusto Pimenta instalado em uma casa do Dafundo, sobranceira ao rio. Deixára a rua de Antero do Quental recesso de revoluções, segundo dizia; ali sempre estava mais possegado e não tão á vista como antigo monarquico...

Era o que ele dizia mas nunca percebi bem as razões da deslocação.

Deu-se o caso que ficou visinho do Alfredo Pimenta, nessa altura já monarquico categorizado e lisonjeado. Meu tio conhecia-o não sei de onde e o certo é que entraram em boas relações de visinhança e, dentro em pouco, o Alfredo Pimenta passou a fazer a côrte ao correlegionario que (apesar de se considerar finório) se sentiu um pouco lisonjeado e envaidecido.

Meu tio era inteligente e espertalhão; todavia era vulneravel á lisonja e o Pimenta, percebendo isso, quase o conquistou com boas artes. A certa altura pediu-lhe dinheiro, de

princípio pouco, mas com o tempo e a confiança, as quantias foram aumentando — com o que meu tio começou a dar o cavaco. Seguro, como era, em matéria financeira e vendo que o Pimenta não dava sinais de restituição, decidiu negar-lhe amavelmente mais empréstimos.

Aconteceu, porém, que ~~[illegible]~~ em certa noite de inverno, o Pimenta foi lá a casa conversar; à despedida notaram que havia temporal e o visitante não levara agasalho. Meus tios, condoídos, não o deixaram sair sem a protecção dum sobretudo; e como se tratasse de um homem notável nas letras, no jornalismo e na Causa Monarquica, pareceu-lhes mal emprestar qualquer abafo mais usado e foram buscar um rico sobretudo com golas de peles, o melhor que lá em casa havia.

O Pimenta agasalhou-se, sentiu-se bem e foi-se embora. E o rico casaco, quase novo, não voltou bem como o ilustre polemista que não se sentiu com coragem de entrar na casa hospitaleira sem restituir o vestuário emprestado com tão boa fé.

O dinheiro e o abafo desapareceram; e era curioso então ouvir meu tio sem querer

dizer muito mal, desculpar vagamente o logro com argumentos infantis; não queria confessar que fôra enganado e não queria tambem que o julgassem capaz de não perceber que iria ser enganado. Fraquezas que todos nós temos...

O certo é que as relações acabaram e creio que as quantias emprestadas ainda subiram a certo valor. E meu tio, para concluir, teve que mandar fazer novo casaco de abafo porque os que lá tinha não estavam em estado de os usar.

Lisboa:

3-18 de Julho de 1962.

V

«É conveniente conhecer estas bagatelas...»

Lessing: Cartas sobre a Literatura Moderna, carta XVIII

Ora antes de partir para novos destinos, sempre quero deixar aqui contado certo episódio que me fez abandonar, de vez, a Maçonaria.

Acerca da minha acção na Maçonaria pensei em fazer volume especial em que contasse o que se passou em Coimbra desde que (como referi no 1º volume destas memorias) eu entrei para essa instituição oficialmente secreta mas que afinal não era. E para isso tenho grande documentação na maior parte copiada luxuosamente em dois volumes de papel de linho farpado.

Por essa documentação e puxando, aos poucos, pela memoria, poderia reconstituir

N-9

na generalidade e tanto quanto possível os meus trabalhos que, francamente, não sei se valeram alguma coisa.

Pertenci a várias Lojas, consoante as questões e questiúnculas levantadas; por fim filiei-me na Portugal que era Loja séria presidida pelo Dr. Franc.º José Fernandes Costa que um dia me chamou ao escritório de advogado e me disse que gostava de me passar o malhete; queria descançar desses trabalhos e reservar o tempo para outros não só profissionais como também de propaganda política então em certo incremento.

Realmente fui eleito, um dia, se me não engano de 1908, e lá fui dirigindo conforme podia a barcaça mais ou menos a meu contento e segundo me parecia a contento de todos os obreiros.

Pelos volumes referidos poderá recompor-se alguma coisa da m.ª vida maçónica; mas francamente, volume especial... para quê?

Até à proclamação da República, o trabalho era sendo mas a sério e por vezes com alguma eficácia; todavia não seria já capaz de o reconstituir com pormenores. Porem, depois de Outubro de 1910... valeria a pena

desenrolar um panorama pouco edificante desde que todo o bicho-careta entrou de roldão para compartilhar dos «sagrados mistérios» e tratar de se governar?

Durante os últimos anos da Monarquia ainda era tomada a sério a instituição maçónica e nela se forjou grande parte o ambiente que veio a facilitar a revolução de 1910.

Nas lojas em Coimbra, principalmente na Perseverança onde pontificava o velho Manuel António da Costa, ainda havia velhos maçons que cheiravam vagamente ao tempo da Maria da Fonte, homens respeitáveis, ouvidos sempre com acatamento. Ainda me lembro, quando era garoto, de ver á porta do estabelecimento de Manuel Antº da Costa o velho Abílio Roque de Sá Barreto, de Condeixa, liberal de quatro costados, combatente da Patuleia; e também, se não estou em erro, o bom Guilherme Teles de Menezes, da Quinta da Machada, também pertencente, se me não engano, á mesma Loja; e outros.

Pode dizer-se que os republicanos históricos estavam todos na Lojas de Coimbra.

Porem, depois de 5 de Outubro, uma aluvião de adesivos caiu-nos em cima e na ma

maior parte dos chamados democraticos. Entre estes, o meu condiscipulo Luis José da Mota que entrou por influencia benevola do Julio da Fonseca (seu intimo e bom amigo) de Valsar te captou as boas graças na Loja Redenção em que foi filiado, que neste ano de 1914 já estava seu veneravel e com grande predominio entre os maçons de fresca data e entre alguns dos antigos.

Ora aconteceu que o Conselho da Ordem resolveu que em Coimbra houvesse um seu representante p.ª efeitos de certas determinações que seriam desnecessarias ir ás estações superiores, com vantagem de brevidade de consultas, etc. nos termos do art.º 374 do Regulamento Geral.

Pois com motivos que em parte desconhecia e tambem por maquinações de um dos irmãos da m.ª Loja e seu secretario, Gil Pereira Gonçalves, um dos tais a que acima chamei adesivo, foi o Luis Mota nomeado por prancha de 24 de Setembro, membro honorario do Conselho da Ordem e por consequencia seu representante no vale de Coimbra — função q. dava certa jurisdição sobre todas as Lojas do mesmo vale.

Eu, ao saber do facto, não gostei. Nunca tive nada de desagradavel com o Mota, dei-me sempre bem com ele e no *Diario* tenho varias e justas referencias a sua pessoa e ás boas relações que sempre tivemos. Mas não gostei por uma questão de principios: então dava-se esse cargo, de tanta responsabilidade e representação a um recem-chegado que não era republicano historico e veneravel da mais moderna das Lojas, preterindo umas dezenas de velhos maçons e as Lojas antigas como, principalmente a *Perseverança*?

Disse sempre e fiz certa diligencia para que as honras de representante do Conselho fosse para esta ultima oficina onde era veneravel o velho e respeitavel Manuel Antonio da Costa embora este pela sua idade não aceitasse e escolhesse entre os seus quem devesse ser nomeado.

Mas não: a politica dos *democraticos* impunha-se com certa força e o Luis Mota, elevado quase a pessoa insubstituivel, foi o nomeado por prancha de 24 de Setembro sem qualquer consulta prévia como seria natural e de mera cortezia para com as Lojas co

nimbricauses — e isto na hipotése de essa consulta não ser regulamentar.

Resolvi reunir o Capítulo da oficina q. foi convocado para 22 de Outubro, ao qual compareceram quase todos os capitulares; expuz as razões da convocação, procurei fazer ver a injustiça do procedimento do Conselho da Ordem e, até certo ponto, ofensa aos velhos maçons de Coimbra, etc. Censurei a intervenção do Irmão secretario Gil Pereira Gonçalves que reputei de certa gravidade e esperei a opinião dos presentes que, na maioria, foram de parecer que se acatasse a ordem superior.

Essa maioria era constituída por filiados no Partido Democratico onde o Mota, ha algum tempo, já era pessoa graduada.

Quanto póde o sectarismo politico...

E' claro que me calei, encerrei a sessão e resolvi não acatar a determinação do Conselho da Ordem e abandonar a Loja e por consequencia a Maçonaria. Ha certo tempo que andava aborrecido com o caminhar dos trabalhos onde a politica democratica dominava e onde transparecia a ancia dos adesivos em solicitar favores e beneficios.

Aproveitando a m.ª proxima saída de Coimbra, para dar certa conformidade ao acto, resolvi pedir o meu atestado de quite — o que fiz de Castelo-Branco em 8 de Dezembro em prancha oficial.

Antes desta resolução troquei impressões com alguns dos Irmãos categorizados como o António de Oliveira Marques que era 1.º Vigilante e velho e serio republicano e o bom e seguro amigo José Colaço Alves Sobral.

Ambos, na verd.e, não concordavam com a nomeação do Mota mas, mais calmos talvez do que eu, eram de opinião de que se acatasse a prancha de 24 de Setembro e se esperasse pelos resultados.

Não me conformei e o meu requerimento surgiu como uma bomba. Ninguem o esperava, julgava-se que a minha oposição seria simples caturrice de momento.

O José Sobral, o Gaspar dos Santos, o Oliveira Marques, o Mendes Alcantara escreveram-me; e o proprio guarda-externo, o bom António Borges de Melo me mandou cartinha amavel.[1] Todos lastimavam o meu pro

[1] No 2.º vol.º da documentação maçonica,

pósito e pediam para reconsiderar — até que, vendo que me mantinha nele, a Loja Parsifal concedeu-me a 25 de Fevereiro de 1915, o desejado atestado de quite nos termos normais.

De então para cá não mais me preocupei com a Maçonaria, convencido de q. se tornou uma agremiação inútil e só serviria para alcandorar certos cavalheiros arrivista.

E vamos adeante.

Coimbra
27/29 de Julho de 1962.

---

ficaram arquivadas e copiadas todas estas cartas que dão bem a ideia do ambiente.

VI

«Vou-me entretendo também a escrever [...] alguns casos da minha vida...»

Teixº Gomes: *Miscelanea*, vol. I, pag. 206 da 2ª ed.ᵃᵐ

Apresentei-me no 2º Batalhão do Regimento de Infª nº 21 no dia 18 de Novembro de 1914. Chegára na vespera, pela tarde.

Já conhecia Castelo Branco dums dias de Setembro de 1913 por ocasião duma Escola de Repetição que percorreu quase o distrito como atraz deixei dito.[1] Não fiquei, nessa altura, com grande impressão da cidade; e lembro-me de que, desta vez, á chegada em tarde nevoenta e fria de Novembro, a impressão desagradavel que mantinha aumentou bastante.

---

[1] No cap. III, pag. 92 e seg.ᵗᵉˢ

Mas enfim, lá fui para a hospedaria que dava pelo nome de Hotél Central onde estive da outra vêz e lá me alojei num quarto do 1.º andar com a reduzida bagagem que levava.

Assumi o comando da 6.ª Companhia; o quartel era o do regimento de Cavalaria em tempos ali de guarnição; amplo, largos corredores, escadarias com ar solene, o corpo de comando com boas salas onde também se instalára um Grupo de Metralhadoras que mantinha correcta vizinhança.

Mas em tudo havia um ar frio, desconfortavel; tetos a grande altura arrifriavam e como naqueles primeiros dias houve bastante humidade, a impressão que colhi não foi das mais cativantes. Mas tive de me conformar.

O comandante do Batalhão, o major António Joaquim Gonçalves era boa pessoa, atencioso, em tudo nada «não te rales», mas sempre correcto e, pode dizer-se, simpatico. Estava integrado no Partido Democratico não sei se sinceramente; mas o bastante para me tratar com tôda a urbanidade.

Tive a sorte de lá encontrar o meu condiscipulo João José de Santana Barazol que passou quase o tempo de subalterno na Guarda Municipal e depois na Gª Republicana e foi um excelente companheiro não só no serviço como fóra dele porque se hospedou no mesmo hotel e comiamos á mesma mesa.

A oficialidade era o mais banal possivel; se bem me lembro, metade era constituida por oficiais praticos que, deve dizer-se, não eram dos piores. Os da Escola do Exercito formavam um conjunto amorfo: lembro-me do tenente Virgilio de Menezes Fontes, bem educado e frivolo; do alferes Agostinho do Nascimento Crisostomo, discipulo dos Jesuitas, velhaco, bisbilhoteiro, intriguiçante, muito beato. Este ultimo, para gloria do exercito, é hoje brigadeiro certamente já reformado.

Tambem lá estava um tenente Ferraz de Carvalho que depois fez o curso abreviado do Estado-maior e me pareceu de caracter bastante inferior como ~~bop~~ se provou com o tempo.

Dos praticos lembro-me bem do tenente Antonio Dias Bargão que no Batalhão ti-

nha a seu cargo as funções de oficial da Administração Militar; homem serio, cuidadoso, republicano e que, como contarei, ia sofrendo por minha causa.

Nas Metralhadoras cujo comand.te, um Ten.te-coronel (já me não recordo quem era) havia, como figura principal, o capitão José Martins Carneira, oficial com qualidades, desembaraçado, estudioso e especialisado em metralhadoras; era do curso anterior ao meu e encontravamos-nos muita vez em conversa no quartél.

Assim, passados os primeiros dias de adaptação quer á terra quer ao serviço, a vida seguiu normalmente; logo no dia 19, o imediato á m.a apresentação, fui nomeado secretário do Conselho Eventual do Batalhão onde trabalhei, de muito boa harmonia com o Dias Barpão; não era serviço do meu agrado, mas á falta de outra distracção, lá fui cumprindo o mais honestam.te possivel o novo cargo.

Até ao fim do ano a vida correu com a vulgar monotónia; veiu o inverno, as noites passávam-se, em geral, na sala de mêsa do hotél, depois do jantar, em con-

versa (eu e o Banazol) com o dr. Luiz Lucas Emílio Monteiro Leitão e com o Delegado, o meu patrício Bento Pereira de Carvalho, ambos lá hospedados; e ás vezes um engenheiro agronomo Taloni, lisboeta sempre bem disposto, com armazem de anedotas nem sempre limpas.

Quando o tempo deixava eu e o Banazol, depois do jantar, bem agazalhados, saíamos dar uma volta, vagarosamente, pelas ruas quase desertas. O meu companheiro, como foi da Guarda Municipal, dizia-me:

— Vamos fazer a ronda...

E lá iamos, ruas fóra, a passo de patrulha, conversando, comentando os acontecimentos quer os do País quer os do quartel, maldizendo a sorte que nos levou a Castelo Branco, etc.

Estáva em Cast.^o Branco professor de desenho na Escola Industrial, um rapaz de Coimbra, Eurico Sales Viana, antigo e bom discipulo de Antonio Augusto Gonçalves; concorrera á vaga e por interferencia do velho Mestre lá foi colocado. Era um rapaz vivo, um tanto ou quanto estouvado mas com razoavel cultura artistica.

Ele procurou-me logo que cheguei e foi bom companh.º durante a m.ª permanencia na terra. Por seu intermedio travei conhecimento com um farmaceutico João Mourato Grave em cuja farmacia se reunia um grupo de republicanos democraticos.

Este Mourato Grave era pessoa interessante, dado com sinceridade ás Letras, poetava um pouco se bem que recatadamente; e apesar de temperamento um pouco reservado era excelente e correcto conversador.

Frequentei a farmacia, á tarde, quando tinha ocasião e me achava bem disposto para isso; lá encontrei o Prof.or primario Antonio Moreira de Sousa, chefe dum grupo maçonico e aferrado democratico; o então administrador do conc.º Manuel Lopes Gonçalves e outros cujos nomes me esqueceram.

Era um centro republicano, um pouco intransigente em politica, onde ás vezes aparecia o professor e reitor do Liceu, o Dr. Barros Nobre, homem de fina inteligencia, muito sereno, sincero amigo de Brito Camacho e que, nas palestras habituais, dava sempre a nota calma da Tolerancia e do Bom-senso.

Estas conversas na farmacia tornávam-me suspeito no Batalhão onde a maioria dos oficiais (assim como nas Metralhadoras) era reaccionaria; os poucos republicanos que por lá havia eram cautelosos nas suas manifestações de opinião.

Mas, sem grandes solavancos, fazendo os dias á unidade com pequenos intervalos, dirigindo o Com.º Eventual de boa harmonia com o Bargão que conhecia bem o assunto, os dias lá iam passando melhor ou pior até que chegou em 24 de Dezembro uma Ordem do Ex.^to com a constituição da Divisão Auxiliar Portuguesa que deveria ir até França integrar-se no exercito inglês.

Nesta Ordem vinha o modo de nomear os oficiais, sargentos e soldados, qualidade e forma de fardamento, numero de carros, cavalos, etc. Fiquei então sabendo que o Regimento de Inf.ª n.º 21 constituiria o 1.º Batalhão do 3.º Regimento da Divisão Auxiliar; depois de organizado o Batalhão seguiria para Leiria onde o Regim.^to de Inf.ª n.º 7 formaria o 2.º e 3.º Batalhões do referido 3.º Regimento expedicionario. Estas determinações já se sabiam desde 14 por confiden-

ciais chegadas á secretaria; a Ordem, porem, foi mais completa e deu ensêjo a conversas, comentarios e remoques...

Aproximava-se a crise...

E neste dia 24, vespera do Natal, o termometro do Observatorio do Liceu marcou 5 gráus abaixo de zero.

E direi ainda que conheci neste periodo o Teofilo Duarte, tenente de Cavalaria se me não engano; ia algumas vezes ao Conselho ou receber o soldo ou tratar de qualquer assunto. Era sujeito curioso, tipo de desembaraçado que costumava entrar pela janela, dum salto, para o Conselho que era no rez-do-chão do quartel; conversava á vontade, alegremente, e despedia-se para voltar á sua aldeia de Olêdo (ao norte da cid.e) sua terra natal e onde estava se me não engano, com residencia fixada.

E assim acabou o mês de Dezembro e surgiu o ano de 1915 que entrou com maus prenuncios.

O major Gonçalves andava morto por ir para Lisboa e conseguiu colocação na capital; nos começos de Janeiro despediu-se

e seguiu ao seu destino; o Barrazol, capitão mais antigo, assumiu o comando; e dentro em pouco começou a agitação política.

No dia 11 de Janeiro assumiu o comando do Batalhão o major João Carlos Craveiro Lopes transferido por conveniencia de serviço do Regto de Infant.a nº 28 então na Figueira da Foz. Estava eu, nessa altura, a comandar interinamte o Batalhão porque o Barrazol fôra a Elvas ver a familia.

O major vinha nervoso. Logo de manhã mandou-me chamar pelo creado do hotel e por uma fisga da porta (porque estava em trajos menores) deu-me ordens para a ceremonia da posse, não dispensando qualquer formalidade regulamentar.

Vinha resabiado como aliás era natural e nada de estranhar.

Ao assumir o comando foi quase malcreado como se nós tivessemos culpa da transferencia; e fez alusões politicas inconvenientes e fóra de proposito. Desagradou-me se bem que os reaccionarios exultaram — e lá sabiam porquê.

Ora o caso foi que este major, pouco respeitador das conveniencias e dado ao <u>dan-</u>

N-10

juanismo, tinha amores com a mulher de um sargento, creio que de Artelharia n.º 2, na mesma cidade. Afirmáram-me que o marido ofendido o apanhára em flagrante delito na propria casa, o espancára e o fizera pôr na rua em trajos menores.

E' claro que isto levantou escandalo na terra; o comandante viu-se obrigado a tratar do caso com o ministro que houve por bem transferi-lo logo para a vaga aberta em Castêlo-Branco.

O caso, mais coisa menos coisa, foi êste — que logo correu de boca em boca.

Corria outra versão a respeito da mulher; esta não seria dum sargento de Artelharia mas sim dum mestre sapateiro, um tipo carbonario. Não cheguei a averiguar nem francamente o caso me importava. O essencial é o episodio do adulterio que ele, major, nega com firmeza num requerimento que em 25 do mês dirigiu ao Ministro da Guerra pedindo sindicancia aos seus actos, alegando ser «vitima de uma infame calunia.»

Seria? Não seria?... Fosse como fosse, o que se dizia era que a transferencia

seria obra da Carbonaria, que os sargentos da guarnição a impozeram como desagravo ao colega atraiçoado, etc. E o facto de entrar no episodio a Carbonaria, exacerbou a má vontade da oficialidade que, na perspectiva da ida para a guerra, começou a mexer-se e a agarrar o sucesso pelos cabelos.

O Craveiro Lopes era monarquico confesso; logo a transferencia era perseguição da Carbonaria que assim impunha a sua vontade e se imiscuia em assuntos com que nada tinha.

Este era o tema...

E como tal, o desenvolvimento começou com variações apropriadas — para me servir de linguagem musical...

Tenho presente um recorte dum jornal catolico de Castelo-Branco que dá a noticia da chegada do major e transcreve comentarios de outros jornais da mesma côr que dão bem a entender que o caso lhes causou engulhos e por isso mesmo procuravam desvirtua-lo.

O rastilho estava lançado; era já dificil evitar que a bomba deflagrasse; mas infelizmente, quer da direita quer da esquerda

não houve a serenidade necessaria nem o bom senso correspondente.

No quartel sentia-se claramente o fermentar da revolta. Os oficiais não se escondiam para comentar os sucessos politicos nem para criticar asperam.te personalidades principais do regime; a pessoa do Dr. Manuel de Arriaga era enxovalhada; o jornal A Nação era muito lido e apreciado e o semanario Os Ridiculos, contrario ás instituições e sempre com intenção de achincalhar, era lido e divulgado com certa boa vontade e gosto.

O quarto do major, no hotel, passou a ser centro de reunião de monarquicos da terra; e no proprio gabinete do quartel, não era raro encontrar certos individuos q. eu mal conhecia e padres, em conversa amavel, com ares de misterio. E quando eu entrava, em serviço, é claro — que cára que todos faziam!

O ambiente era manifestamente hostil a que o major Bravo Lopes dava bastante impulso e ânimo — quando no dia 20 de Janeiro, os oficiais dos quarteis da Calçada da Ajuda, em grupo, apresentaram-se

na rua, a caminho de Belém, e entregá-
ram as espadas como sinal de protesto con-
tra a transferência do imposta pela Polí-
tica. Era uma «saldanhada sem Salda-
"nha» comentaria João Chagas no seu _Diá-
rio_, dias depois; «o Brito Camacho por de-
"trás, escondido como sempre...»[1]

A bomba, pois, explodira e, muito na-
turalmente, o estampido espalhou-se pelo
País. Em 20, nesse mesmo dia, pela 1 ho-
ra da tarde, recebi um telegrama de meu Pai,
com resposta paga, preguntando «como eu
"estava...» — frase que encobria preocupa-
ções derivadas das notícias e mais possivel-
mente dos boatos exagerados que, em regra,
acompanham estes sucessos.

Mas nesse dia, em Castelo Branco, o sos-
sego era completo e pouca gente, mesmo
muito pouca, saberia o que se passava em
Lisboa.

De começo, valha a verdade, a solida-
riedade dada á manifestação da Calçada da
Ajuda, não foi unânime; do próprio regi-
mento de Infª nº 28 a que o major pertencia

---

[1] _Diário_, vol. II, pag. 25.

parece que se hesitou e o comando limitou-se a um telegrama que afirmava a lealdade ás instituições (prova, me parece, de que logo se suspeitou das intenções monarquicas dos manifestantes) e, vagamente a não cooperação com o movimento. E quiz-me parecer que o major andava um pouco desatinado ou, como diz o Povo, «de cara á banda.»

Mas o Brito Camacho, talvez sem má intenção, que ele depois deante de mim, já me não lembra onde, dava certo animo á onda manifestante; queria ele, com tal procedimento, que a reacção contra o Governo demócratico de Vitor Hugo de Azevedo Coutinho, não caisse nas mãos de Monarquicos e tivesse, mais ou menos, côr republica.

E' possivel que fosse boa politica, não digo que não, mas era perigosa porque, ao mesmo tempo, dava apoio aos Monarquicos que dele se aproveitaram com certa inteligencia e, diga-se, com eficacia.

Havia, em tudo, bastante confusão e hoje sei que nos arraiais reaccionarios do exercito, havia verdadeiras resoluções de aproveitar o momento p.ª estrangular, de vez, a

Republica. Estas coisas contam-se agora sem rebuço e já as tenho ouvido a alguns oficiais, novos nesse tempo, a quem hoje a idade avançada não deixa mentir e a quem a actual situação politica dá certa e boa conformidade.

Porem, o então ministro da Guerra, o oficial de Engenharia (salvo erro) Joaquim Basilio Cerveira e Sousa de Albuquerque e Castro, antigo professor da Escola do Exercito e antigo monarquico, pessoa apagada e bom homem não era creatura para arcar com tão estupenda barafunda, nem os seus sentimentos republicanos seriam tão fundos ou sinceros para o levarem a uma decisão de energia. Não se sentiria com a coragem necessaria para isso.

Quiz negociar — o que já era transigir; e mandou uma circular ás unidades preguntando a opinião, isto é: se concordavam com a manifestação feita ou se discordavam.

Esta circular tão estranha e tão reveladora de fraqueza, chegou a Castelo-Branco em 24 e o major Grav.º Lopes reuniu os oficiais no gabinete de comando; e, circuns_

tância que notei: deixaram a porta aber-
ta para a sala da secretaria onde trabalha-
vam os suspeitos que, evidentemente,
de orelha à escuta, deveriam ter ouvido
— tanto mais que se percebia bem que an-
dava coisa no ar...

E aqui começa a comédia-drama...
Seriam 12 horas.

O major, solenemente, tomou o seu
lugar junto à secretária; os oficiais, em
frente, em semi-circulo, mais ou menos por
ordem de antiguidade. Como o Barrasol con-
tinuava de licença eu era o mais antigo
e, por consequência, ocupava a estrema di-
reita da fila.

Com ar grave, o Craveiro Lopes começou
por ler uma carta do ten.te cor.el Julio de Abreu
Campos, cheia de frases desagradaveis para
com o Governo porque não teve coragem de
as dirigir ao Regime e afirmando que o mo-
vimento do dia 20 teve a adesão quase com-
pleta de todas as guarnições.

Logo a seguir, quase interrompendo,
sem o comandante lhe dar a palavra, o ten.te
Ferraz de Carvalho informou, de modo brus-
co e com pouca correcção, que tinha infor-

nações de Estremoz e Elvas e, salvo erro, de Evora, no mesmo sentido, conforme cartas recebidas que mostram mas q. não tem.

Devo notar aqui que o ten.te Ferraz de Carvalho falava com antôno, como se estivesse em sua casa, e não em presença do comandante e de superiores.

Foi então q. o major anunciou a celebre circular da Repartição do Gabinete; começou a lê-la com vagar e por paragrafos, metendo certos comentarios intervalares em dois dos quais afirmou q. o Ministro mentia. O ultimo paragrafo da circular pedia aos oficiais a declaração de concordancia com o movim.to de 20 ou da sua discordancia; e o major, ao acabar a leitura, declarou que já fôra perante o Comand.te Militar de Castelo-Branco (que era o ten.te cor.l comand.te das Metralhadoras) afirmar a sua concordancia e, se necessario fosse para a manter, abandonaria o comando do batalhão.

Acabada a declaração, voltou-se para o mais moderno que era o Agostinho Lerisostomo e perguntou-lhe a opinião e se o acompanhava na afirmação que fizera perante o comando militar da cidade; o alferes, acanha

damente, respondeu que faria o que o comandante entendesse...

O brav.º Lopes que não era parvo, antes pelo contrario, observou-lhe logo:

— Não, não se trata de fazer o que eu entendo; ha dois caminhos apenas: ou me acompanham ou não me acompanham.

O Crisostomo, então, disse que sim, que acompanhava o seu comandante; e o mesmo disseram o alferes Pasquinho da Fonseca q. era o ajud.te do Batalhão e o ten.te Ferraz de Carvalho; o Barzão, serenamente, declarou que apenas se solidarizava com o protesto feito contra a intervenção de elementos civis nos serviços do exercito — o que suscitou uns murmurios nos outros q. anteriormente falaram.

Chegou então a minha vêz...

Tivera tempo de pensar na resposta. Comecei com serenidade por considerações acerca da Solidariedade — que era coisa que nunca encontrára no exercito em varias situações da minha vida quando dela precisei; falei tambem da intervenção de civis na vida militar q. sendo reprovavel em absoluto era a consequencia da pouca confiança que o exercito me

recia ao regime republicano; e depois de afirmar que a minha discordancia não envolvia menos consideração pelo comandante cuja situação compreendia, disse que não aderia á manifestação do dia 20 com que não podia concordar em especial por ver á sua frente oficiais cuja má vontade ao regime era claramente conhecida.

Estas minhas palavras, ditas com sossêgo e com brandura eram por vezes interrompidas bruscamente pelo Ferraz de Carvalho que se permetia fazer observações que o brasileiro Lopes, com o seu silencio, consentia.

Quando terminei, o major com gesto de desprezo, atirou-me esta insolencia:

— Está bem! eu já sabia que o sr. era da «formiga branca!»

Eu, felizmente, não perdi as estribeiras, mas tomei posição mais militar e disse um certo numero de coisas duras ao homem; disse-lhe que esse apôdo de «formiga branca» era mais para ele, major, um rebate de consciencia e que ele, o causador de toda a barafunda, não deveria estar a presidir a uma reunião em que se discutia a solidariedade que solicitava; disse que, não só pelo acto em si

como pelos antecedentes, a manifestação do dia 20 era puramente um pronunciamento caracterizado monarquico a que não podia de forma alguma aderir. E terminei com qualquer frase de q. me não lembro mas que queria dizer que ele, major, saíra muito fóra da compostura devida a um oficial como eu, de vida limpa, como era facil provar-se.

O major não respondeu e para terminar com a cêna que já ia alem do que se esperáva, mostrou o telegrama em cifra já feito pouco antes com o auxilio do inseparavel Ferraz de Carv.º, que afirmava a solidariedade do Batalhão. E sairam todos do gabinete com o comandante deixando-me lá só... E' claro que saí atraz deles e fui para o quarto do oficial de dia porque estava então, como tal, á unidade.

Constou-me que lá fóra, na sala de oficiais, o Craveiro Lopes aconselhou a oficialidade a virar-me as costas — o que ela, de facto fez pois daí a pouco notei bem que me evitavam. E no Conselho Eventual onde eu tinha de trabalhar, o ten.te Dias Barpão disse-me, em voz baixa, que os outros o ameaça-

ram por ele não se ter mostrado completamente solidario e por se recusar a cortar as relações comigo.

E aqui está como tudo se passou, contado sem má vontade; já lá vão 45 anos e o mundo tem dado muita volta e os rios teem deixado correr muita agua para o mar...

O dia seguiu como de costume; á tarde, antes da ordem, como capitão mais antigo, fui levar a correspondencia para assinar ao comandante; as palavras trocadas foram apenas as necessarias e depois do toque da ordem fiquei só e com vagar para meditar nos sucessos que foram, na verdade, de certa importancia.

Nessa mesma tarde, escrevendo á minha mulher dizia: « Os oficiais daqui, cautelosamente, dizem que se solidarizam, mas "não passam dessa afirmação platonica; eu fui "o unico que definiu a sua atitude — o que pa"rece ter espantado todos. Eu ando sempre "ao contrario de toda a gente... »

Depois do recolher, ao passar a ronda ao quartel, a seguir ao toque do silencio, notei na sala dos sargentos, no pavimento terreo, animação anormal; aproximei-me

para verificar, quando o sargento-ajudante, que me viu, se me dirigiu e me disse com certo ar exaltado que a corporação dos sargentos se indignára com o que me fizeram e estavam ali prontos para me acompanharem se necessario fosse.

Chamei-o ao quarto do oficial de dia e fiz-lhe ver o inconveniente dessa atitude que eu agradecia como homem mas não podia consentir como capitão, demais a mais de serviço ao quartel; aconselhei a retirarem-se para suas casas e manterem-se dentro da disciplina; o contrario seria agravar a situação em geral e a minha em particular. Ele concordou e daí a pouco eu vi que sairam todos os que tinham residencia fóra.

Nessa noite não dormi, andei sempre a pé e lembro-me de que rapei um frio dos demonios porque se apagára a braseira e não quiz chamar ninguem.

E já agora não fecho o relato do dia 24 sem contar um episódio que define bem o ambiente.

Estava determinado, oficiosamente, é claro, que o oficial de dia jantasse em sua casa e durante esse tocado, um outro ficasse no

quartél com a bandoleira (sinal, ao tempo, de serviço); como os oficiais eram poucos eu trocava com o ten.te Dias Bargão com quem sempre convivi muito bem; quando este estava de serviço eu ia ao quartél e ficava por ele enquanto ia jantar.

Ora nesse dia 24 eu entendi que não deveria ir jantar ao hotél para não comprometer o Bargão; mas este insistiu e á hora propria apareceu no quartél e quase me ia obrigando a ir comer á hospedaria.

Quando cheguei á sala de mesa, o Brandeiro Lopes já estava a jantar com o inseparavel Ferraz de Carv.º; notei que á minha entrada eles cochicháram e bruscamente o tenente levantou-se e saiu.

Eu calculei logo o que seria. De facto, daí a um bocado, o tenente voltou e ao sentar-se á mesa disse em voz baixa mas que eu ouvi:

— E' o Bargão...

O tenente fôra ao quartél verificar quem seria o traidôr que ficou em meu lugar.

Era este o ambiente militar em que eu tive o papel principal. O dia 25 amanheceu

chuvoso; e com a noite passada em claro e com frio de rachar, constipei-me. Quando entreguei a parada da guarda ao sucessor que me não falou e resumiu as suas relações comigo numa continencia mais ou menos regulamentar, saí do quartel com uma ponta de febre e fui para o meu quarto resolvido a dar parte de doente.

De facto, meti-me na cama, onde almocei, e mandei pedir ao medico p.ª me ir ver. Este era o Dr. Antonio Lopes Russo, medico civil que fazia serviço nas unidades da guarnição. Conhecia-o bem das cavaqueiras da farmacia do Mourato Grave; era um velho republicano e filiado nos democraticos de modo que nada tinha a recear.

Quando apareceu, solicito, contou-me que na vespera á tarde e á noite, o meu caso se espalhára rapidamente pela cidade e causou certa sensação. E' claro que as opiniões, conforme a politica de cada qual, se dividiram; mas, dizia ele, só os reaccionarios me censuravam pela «falta de lealdade» para com os camaradas. Duma maneira geral, a minha opinião, no caso, foi bem vista — tanto mais que eu era conside-

um sincero «carnachista» com certa importância no partido.

Quanto á parte de doente, o doutor garantiu-me que a despachava favoravelm.te; que me deixasse estar no quarto uns dois dias, receitou qualquer coisa e foi-se embora.

Daí a pouco mandei pelo soldado impedido uma participação de que o meu estado de saude me não permitia comparecer no quartel e um requerimento dirigido ao General comand.te da Divisão solicitando uma sindicancia aos meus actos.

O requerimento fica já aqui para lembrança...

«Ex.mo Sm. Gen.al Com.te da 7.a Divisão do Exercito — Belisario Pimenta, capitão da 6.a comp.a do Regimento de Infant.a n.o 21, tendo percebido que os oficiais deste Batalhão e bem assim os do Grupo de Metralhadoras n.o 7, desde as 13 h. de ontem evitavam a sua presença; e tendo verificado depois que deixaram de lhe falar quase todos; e sendo certo que tal facto só deve ser motivado por questões de dignidade e, portanto, os oficiais desta guarnição tiveram certamente, razões poderosas para o fazer;

mas como é tambem certo que ele não pra-ticou acto algum que em sua consciencia clas-sifique de indigno e desejando que tal situa-ção se esclareça para evitar falsas interpreta-ções, embora naturais — Vem rogar a V.Ex.ª se digne ordenar uma sindicancia aos seus actos de militar e de cidadão, afim de que se defi-nam responsabilidades e elas vão a quem de-vem tocar. — Quartel em Castelo-Branco, 25 de Janeiro de 1915. — (a) B. P. capitão.»

Sobre a tarde, pelas 2 h. e meia, chegou-me um telegrama de minha Mulher que ao re-ceber a minha carta da vespera se lembrou de me dizer: «Recebi carta erro grande» — não sei se imaginando que a minha resolu-ção tivera origem em calculos interesseiros.

A permanente incompreensão!

Nesse mesmo dia, do comando do Ba-talhão foi mandado para o Quartel-General em Tomar, um telegrama cifrado, certam.te resposta a qualquer consulta; esse telegra-ma alarmou meu Pai porque então as li-nhas telegraficas de Cast.º Branco para Tomar passavam por Coimbra; e como no telegra-ma em cifra aparecia o meu nome, o em-

pregado que fez a transmissão copiou-o e foi mostra-lo ao seu director que mo remeteu uns dias depois p.ª eu explicar o que houve.

O telegrama vale a pena ficar aqui, já agora que estou pormenorizando tanto quanto possivel os acontecimentos

« Para Tomar — de C. Branco — N.º 800 — Palavras 79 — Em 25 ás 12,21. — Chefe E. Maior 7.ª Divisão. Tomar = Informo V.Ex.ª que em resposta n.º 10 nota 111 repartição gabinete foi comunicado secretaria guerra o seguinte que 52536 $ 43111 $ este 19966 31812 capitão Belisario Pimenta declaram-se 51069 $ como 16886 19728 $ 34853 Lisboa 46866 24066 rua 46376 reconhecido como foi que 41887 não tinha. »

O que haverá naquelles numeros? Na ocasião não me era possivel sabe-lo e agora muito menos.

Nem vale já a pena mexer em porcarias. O telegrama fica como curiosidade e nada mais. Algum especialista de criptografia que o decifre

E para Lisboa, mandei eu dizer em carta a m.ª Mulher, em resposta ao telegrama que recebera e classificára de erro o meu procedimento: « Tens razão, foi um "erro grande [...] E' possivel que uma in-"exoravel fatalidade me arraste sempre pa-"ra estes declives; mas tem de se cumprir a "fatalidade...» Etc.

Na mentª era erro não aderir exactamente quando a tropa ia vencer a demanda em que se metêra.

Nesse dia 25, á noite, (disseram-me dias depois) os democraticos com os sargentos quizeram fazer-me uma manifestação pacata de solidariedade — o que era, sem qualquer duvida, uma tremenda asneira; no quartel soube-se isso e a oficialidade correu ao Governo Civil a afirmar ao Governador que, se se realizasse essa manifestação, a guarnição toma-la-ia como provocação e tomaria as medidas convenientes.

Felizmente nada se fez; mas o projecto, se de facto o houve, teve a vantagem de me dar certa força e de mostrar aos colegas que não estava tão só como poderiam pensar.

Ainda nesse mesmo dia, á tarde, recebi pelo correio uma carta do José Martins Cameira, capitão do Grupo de Metralhadoras de quem já aqui falei. Como é pequena dei-xo-a aqui transcrita: está feita com inteligencia e... jesuitismo:

« Ilustre camarada — Os oficiais do 2º batalhão do 21 e os do 7º Grupo de Metralhadoras consideram como singular a sua atitude de hoje num caso de tamanha importancia para o nosso prestígio. Por este motivo os mesmos resolveram guardar perante esta atitude as relações simplesmente oficiais. — Como me tornei solidario com os meus camaradas e desejo manter o decôro da situação que criei {verso} assim lho comunico com toda a lealdade e a maior franqueza. — Sentindo esta nossa discordancia de ideias, sou com respeito, atº vºdor, camarada e obgº — (a) José Martins Cameira. »

Encontrámo-nos depois, 43 anos passados, nos estágios para o generalato; logo que deu comigo falou-me afectuosamente

como velho amigo e como nada tivesse havido entre nós de desagradavel.

Neste entrementes o meu condiscipulo Santana Banazol regressou de Elvas; sensato como era, censurou os oficiais pela cêna do dia 24 e, apesar da presença do Crav.º Lopes, continuou nas melhores relações comigo, comendo á mesma mêsa no hotel, e sempre companheiro leal. Disse-me que em conversa com o major fez-lhe ver, por boas palavras, a incorrecção e a intolerancia do procedimento havido para comigo e afirmou-me que, se ele estivesse presente, as coisas não se passariam como passáram.

E quero crer que assim fosse porque o Banazol era homem de energia e capaz de se impôr. Foi pena não estar e as coisas descambáram no que se viu.

Nesta altura, o Costa Ferreira que era amigo e patricio do Adolfo Cesar Pina, ten.te coronel de Engenharia, então chefe do gabinete do ministro Pimenta de Castro que, em virtude dos acontecimentos subira ao poder (1) ditato-

(1) Em 28 de Janeiro, a seguir á queda do

rialmente, o Costa Ferreira, dizia eu, escreveu-me a perguntar o que é que eu queria. Respondi que conseguisse que fosse chamado a Tomar, á séde da Divisão, enquanto se não resolvesse o meu destino pois que evidentemente, eu não podia continuar em Castelo-Branco.

Mas não fui chamado á séde da Divisão porque o seu comand.te o Gen.al Jaime Leitão de Castro, não quis segundo depois fui informado; como tambem fui informado de que no meu requerimento foi lançado um esquisito despacho que me punia com cinco dias de prisão disciplinar para cumprir em Elvas.

E assim, esperando o que poderia vir conservava-me no hotel saindo apenas, se o tempo deixava, a um pequeno jardim que tinha a casa, ou a uma varanda de onde se descobriam as serras, ao norte, cobertas de neve, a brilhar ao sol quando este se dignava aparecer. A Guardunha, a da Gata, em Espanha, e até o morro do Monsanto for-

---

Ministério de Vitor Hugo de Azevedo Coutinho no dia 25.

mavam um belo espectaculo para mim quase novo.

Nos primeiros dias de reclusão tive muitas visitas; os republicanos da terra foram amaveis se bem que, com essa amabilidade, me comprometiam um tanto ou quanto — pois a espionagem deveria dar conta disso. E a Coimbra com certeza chegáram quaisquer zuns-zuns porque meu Pai mandou-me segundo telegrama com resposta paga perguntando como eu estava, ao que respondi, ás 15 h. e 20 m. dizendo: «Boatos falsos, "nada novo escrevo.»

Parece que constou que eu fôra preso por ter chamado talassa ao Craveiro Lopes... Não o calumniava, é certo; mas era coisa que, evidentemente, eu não fazia. A cêna do dia 24, embora eu me exaltasse um bocado, correu dentro das formulas mais ou menos regulamentares.

O que eu não percebi, apezar do ambiente não ser calmo, foi uma quase manifestação da oficialidade da guarnição na noite de 29; informáram-me no dia seguinte que, em grupos, os oficiais andáram pelas ruas da cidade, até tarde, como quem suspeita de

coisa grave. O Santana Barrazol não foi chamado para isso e só o soubemos no dia seguinte.

O que haveria? Seria simplesmente manifestação de força? Ou consequencia de qualquer boato alarmante?

Fosse o que fosse — a minha vida continuava dentro de aborrecida monotonia; aos poucos ia redigindo ou compondo uma exposição que não sabia bem a quem dirigir, na qual narrava os sucessos a que me referi acima e fazia um ou outro comentario mais ou menos acusatorio.

Encerrei-a em 28 de Janeiro e ficou, afinal, guardada sem levar destino.[1]

E foi melhor assim.

Com a saída para Lisboa do major Carneiro Lopes a minha vida modificou-se um pouco. Em 30, á noite, largou para Lisboa chamado amigavelmente para lhe darem o prémio que merecia — o de comand.te da Policia de Macau. Eu, porem, fiquei livre da sua presença no hotel e passei a ter um pouco mais de liberdade.

---

[1] Ficou no vol.e da Vida militar

Deu-se até o caso que causou certo escandalo em Castêlo-Branco: o jornal republicano da terra Notícias da Beira publicava em 31 de Janeiro uma entrevistá comigo, na prim.ª pagina, para dar nas vistas e puxar á sensação.

Fui eu quem a escreveu por instancias do Enrico Sales Viana que pontificava no jornal. Ele, que me visitava a miúdo sugeriu-me a intervista para arreliar os outros e tambem para valorizar a gazeta que desejava tomar posição no caso; fez-se logo o projecto e tirante as amaveis palavras a meu respeito, a prosa é toda minha.

Saiu no n.º 530 de 31 de Janeiro. Era director da folha o professor do Liceu Dr. Gastão Correia Mendes, velho republicano do meu tempo de Coimbra e agora pertencente ao Partido Republicano Português ou seja aos democraticos. Vim a saber que a entrevista foi lida e comentada nos centros de cavaqueira; porem não provocou reacção dos reaccionarios locais. Passou em julgado, para não irritar mais os animos...

A verdade é que, nos poucos dias que tinha o governo do Gen.al Pimenta de Castro

via-se bem que a situação creada não estava muito firme e vivia num ambiente de constante suspeição. Era necessario, pois, não exagerar os entusiasmos e deixar correr, um pouco, o marfim...

Apenas em Castelo-Branco um jornal catolico O Beirão que tinha por sub-titulo Deus e Patria, no seu nº 111 do mesmo dia 31 de Janeiro deu uma noticia relativa á tal manifestação de que eu ia saindo alvo, « um "sr. capitão (diz o noticiarista) cujo nome nos "esqueceu e agora não queremos indagar de "novo... » A noticia estranha que assim se pensasse « quando toda a gente louva a "solidariedade dos oficiais que se esqueceram "das suas opiniões politicas para só se lembrá"rem de que eram camaradas dos que na ca"deia expiavam... etc. »(1)

Uma amabilidade dos senhores padres para comigo.

Assim os dias passaram e eu sofre á espera de solução, sem saber o que fariam de mim, até que chegou o dia 6 Fevereiro

---

(1) Guardei o recorte, assim como a interwista, na cit.ª coleção de recortes.

ainda com alguma neve a cair em flocos e com frio desagradavel.

Na vespera, o Costa Ferreira telegrafou-me com a noticia de que iria para Lagos; a minha Irmã, confirmando o telegrama dizia-me em carta recebida nesse dia 6 que houve imposição da oficialidade revoltada para não ir para Coimbra, mas sim para outra qualquer parte.

Ainda nesse dia 6, á tarde, o Bacazol mandou-me, do quartel, o bilhete seguinte acompanhado dum telegrama oficial. O bilhete dizia:

« Meu caro Pimenta: — Acabo de receber este telegrama. Diz-já se te queres apresentar hoje ou se informo de que estás doente em casa. Como descalçar esta bota? — Teu cam.^da am.^o: (a) João Bacazol. »

O telegrama que vinha junto era o seg.^te:

« Covilhã em 6. 12 h. 40 m. Comandante do 2.º Batalhão. — Castelo-Branco — Urgente. — Em virtude ordem superior mande apresentar imediatamente capitão B... P... em

Infantaria 33. Se não poder conferir guia primeiro transporte informe esta via. — Comand^te^ Inf.ª 21 — (a) Portugal da Silveira, major."

Pareceu-me que o Banazol ficou atrapalhado apesar de ser creatura desenrascada; escrevi-lhe logo um bilhete dizendo que me apresentaria no dia seguinte e que respondes se ao telegrama só depois de eu me apresentar; ele achou a solução razoavel e assim fez evitando-se a complicação duma baixa ao hospital e mais sarilhos que daí viriam.

No dia seguinte, 7 de Fevereiro, apresentei-me no Batalhão logo de manhã; o Banazol telegrafou para a séde do regimento dando conta do facto e informando de que me conferiu guia de marcha — e assim tudo correu sem novidade.

Estava, pois, livre de Castelo-Branco e ia para o Algarve que me pareceu ser, nessa altura, o Paraiso.

O Noticias da Beira, o jornal dos democraticos onde saira a entrevista a q. acima me referi, noticiou logo a transferencia com palavras amaveis; e informava ironicamente

de que, de certo, se iria dar outra manifestação de solidariedade « visto que estamos "em tempos solidarios... »

Tratei de fazer as minhas despedidas e as malas; e ficou assente com o Barrasol que me daria o itinerario para o dia 8. e para o comboio da manhã.

Nessa noite de 7, no hotel, tive a visita dos republicanos com quem me relacionei que, dadas as circumstancias, quizeram manifestar a sua simpatia; depois, conversei até tarde com o Juiz Dr. Leitão, com o Delegado, Dr. Bento de Carvalho e o Barrasol; despedi-me das boas senhoras donas do hotel e recomendei ao impedido que me aparecesse á hora necessaria para acompanhar á estação o homem da bagagem.

E assim, com tudo arrumado e as contas todas pagas, deitei-me na cama com satisfação e dei corda ao despertadôr.

Mas não dormi.

Poucas horas, até, teria para isso; a ida para a estação seria ainda de noite; mas a recapitulação dos quase tres mêses de Castelo-Branco ~~[illegible]~~ deu-me alimento para a insónia e para comentarios.

Fiz a revisão dos meus serviços no Batalhão onde trabalhei com lealdade e seriedade e prestei toda a atenção ao comando da Companhia onde, em matéria de disciplina, não tive razões de queixa.

As punições não passaram duns pacatos 10 dias de detenção e 7 guardas distribuidos por varios soldados, cuja redacção deixei arquivada noutro volume.[1]

No Conselho Eventual fui um auxiliar a serio do tenente Dias Bargão que, com outros capitães (dizia ele) o serviço caia-lhe todo em cima.

As relações com os oficiais foram correctas até ao celebre dia 24; e com os civis tambem sempre foram perfeitas e não quero esquecer o medico Dr. Garbete Martins director e creio q um dos donos das aguas de Monfortinho (então em começo) que era camachista e deu para simpatizar comigo.

Tudo corria menos mal á espera da mobilização da tal Divisão Auxiliar que deveria ir para França comandada pelo Jaime Leitão de Castro e que os homens da entrega das es

---

[1] No m.to cit.o vol. da Vida Militar.

padas na Calçada da Ajuda, deram em aguas de bacalhau. O Craveiro Lopes escangalhou os planos e ali estava eu, ao virar-me na cama, incapaz de dormir, a pensar em tudo isto e ainda no que viria a ser a minha vida em Lagos.

Mas ao menos considerava com certa satisfação e, não me lembro já se com alguma vaidade, que cheguei para elas e que a posição que tomei na barafunda lhes deu que fazer e algumas dores de cabeça.

Enfim, o despertador tocou; meti-me; estava muito frio e chuviscava; o impedido[(a)] veiu com o bagageiro; descêmos as escadas do hotel com cuidado para não acordar os hospedes e lá fomos, os tres, ruas fóra, até á estação — onde já estava á minha espera, o Enrico Sales Viana.

Enregelava. Encrespei o Viana pela ida aquela hora e com madrugada de tal ordem. Disse adeus ao impedido a quem gratifiquei generosamente[(a)] e depois do abraço ao Sales Viana meti-me na carruagem e o comboio abalou. Puxei dum termometro pequeno que levava na maleta: marcava 2 gráus abaixo de zero.

(a) Era bom rapaz, chamava-se José Marcelino, natural do Vinho do Açor, Sinalhas. Lavrador.

O comboio caminhava por entre chuviscos frios, opacos, que nada deixavam ver para fóra; e assim se seguiu quasi até perto de Alferrarede onde o sol apareceu, rompendo a névoa e fazendo brilhar os terrenos encharcados.

Lembro-me de que na estação de Alferrarede, a assistir ao carregamento de palha enfardada num comboio parado em linha de resguardo, estavam dois sujeitos bem vestidos, com belos casacos de golas de pele, polainas nas pernas, a dar ordens soberanamente para a direita e para a esquerda; seriam certamente dois ricassos que, indiferentes ao frio porque os agasalhos não o deixavam passar, dirigiam idas e vindas de filas de escravos carregadores.

Este quadro impressionou-me e nunca me esqueceu; ao fim de 46 anos ainda o tenho presente.

No Entroncamento cheguei a tempo de apanhar o rapido para Lisboa. Nessa época, com a escasêz de combustiveis, os comboios foram reduzidos e o meu itinerario mandava-me descer no Setil, seguir o ramal de Coruche-Vendas Novas e aqui esperar o com-

boio da noite para o Algarve. Deste modo, seguindo no rápido p.ª Lisboa, ia ver a família e á noite tomaria o comboio no Barreiro, comboio que teria de esperar pacientemente em Vendas Novas.

E foi o que fiz.

No rápido, se me não engano (ou talvez ainda na carruagem da Beira-Baixa) encontrei-me com o Alfredo Balduino de Sealra, creio que já ten.te-cor.el ou coronel do Estado-Maior, influente carnachista em Abrantes porque casára com uma senhora de certa idade muito rica. Era deputado e «pessoa de importância» ou de *ⁿ* como hoje se diz, em calão fino.

Quando deu comigo, ao entrar no compartimento, tive a impressão de que me não falaria; mas reconsiderou e fez-me o favor de magestosamente me estender a mão. Já sabia da m.ª transferencia e perguntou-me se ia, realmente, para Lagos; e com ares de conselheiro e sorvendo o fumo dum rico charuto (o dinheiro da velhota dava bem para isso...) quase me repreendeu pela minha atitude anterior no caso da manifestação chamada das espadas.

Eu respondi um tanto ou quanto mal humorado; e recordo-me de que lhe disse que pediria a demissão do partido unionista para não complicar ou prejudicar a política do mesmo. E não se falou mais no assunto e sem novidade chegamos a Lisboa.

Este Balduino de Seabra quando estudante cadete em Coimbra era conhecido pela alcunha de Napoleão por ser baixo, emproado e um tudo nada insolente.

Em Lisboa vi a família, jantei com ela em casa de meu cunhado Costa-Ferreira em Belem e á noite lá fui no combóio da noite, depois de ter marcado previamente um compartimento com cama.

A bagagem despachada em Cast.º Branco seguia conforme o itinerario marcado na minha guia e lá a iria encontrar em Partimão como, de facto, encontrei. E lá fui, confortavelmente na cama do compartimento e, se me não engano, dormi.

Em Tunes, tive de largar a comodidade do compartim.to aquecido. Saltei na plataforma da estação agasalhado como vinha e

senti um ar tépido; ainda era noite e fui tomar um café á cantina da estação. A roupa pesáva-me, estranhei o facto e pensei q. não estaria bem. Tomei o pulso...

Não me lembrei que estáva no Algarve, q. Castelo-Branco estáva longe.

O ramal de Tunes a Portimão foi passado em parte de noite, em parte com o amanhecer; de vez em quando via a brancura de umas amendoeiras em flor; com o clarear, os campos apareceram verdejantes e ao parar na estação ou apeadeiro de Estombar, fiquei quase atonito ao ver uma povoação mourisca na encosta fronteira e em baixo, na estrada, um homem embrulhado em qualquer coisa branca sobre as cangalhas dum burro.

Onde estáva eu? No Algarve ou em Marrocos?...

Mas o comboio seguiu e em Portimão, ao desembarcar, abafado com o peso dum capote de sarapoça que mandára fazer em Castelo-Branco, tive a estranha sensação, aliás agradavel, de que estáva em outro clima.

Cá fóra, no largo, enquanto um moço da estação me contratáva uma <u>carrinha</u> e me arrumava a bagagem, eu contemplei

o espectaculo do nascer do sol sobre a bacia do Arade, por decima dum castêlo cuja sombra se projectava pela agua espelhada.

Fiquei-me, encantado, a olhar; e esse cenario nunca se me apagou da memoria.

Hoje, passados 46 anos, não descreveria pormenores porque a minha caneta de escrever não daría a prosa necessaria para fazer viver tal maravilha da Natureza e tambem porque a memoria já não ajudaria muito.

Fiquei-me a olhar, enlevado, até o cocheiro me chamar á realidade. E Castêlo-Branco veiu-me á lembrança como sonho máu... A beleza, a calma, a sugestão de tudo aquilo!... Como é que eu consegui passar tres meses nas agruras de Castêlo-Branco sem dizer mal?

Passava um vaporzinho para a barra, tão ~~suavemente~~, deslizando como um brinquedo que mal agitava a agua, lançando uma colunazinha delicada de fumo; do outro lado da baía, um casarêdo muito branco começava a sobresair na encosta; gaivotas esvoaçavam, palreiras, por entre os barcos que iam largando a amarração. Uma adoravel simplicidade em tudo.

O cocheiro chamou-me; tirei o capote de paragoça que escandalizaria o bom algarvio; fiquei-me ainda agazalhado com o sobretudo forte; aconcheguei-me na carrinha que me pareceu fragil de mais para o passageiro e para a bagagem; olhei ainda para a maravilha da enseada e... o carro partiu.

Lembrei-me de ver o termometro que trazia na maleta: marcava 12 gráus acima de zero. O céu estava limpo, o ar muito calmo. Tudo á volta respirava frescura amoravel.

Para onde caminhava eu, naquela tranquilidade pitoresca, por estrada branca que cortava campos e esteiros verdejantes? Deixei-me embalar sonolentamente; e quando já o sol ia alto e se sentia já com alguma força, ao contornar uns muros brancos, eis-me em frente do casario de Lagos, com o vago cheiro da maresia a lembrar as proximidades do mar e, dentro em pouco, a antever, para a esquerda, por sobre umas construções banais, o deslumbramento da baía.

Chegára ao fim da jornada. Castelo-Branco ficára bem longe, como sonho máu; aque

la alegria do ambiente contrastava com a triste secura da planicie beirôa de que eu já me não queria lembrar. Entrei na hospedaria acolhedora onde duas senhoras me receberam com cortesia; deram-me um quarto alegre que deitava para uma rua de casas caiadas, com janela de onde se via o sol brilhante e se respirava qualquer coisa de tranquilidade e de bem estar.

—Considerei-me, não sei se justamente, são e salvo. Como ainda me lembro da satisfação com que me sentei á mesa para um almoço saboroso e repousante!

*

Apesar de considerar acabadas as lembranças da aventura de Castelo-Branco e antes de contar o que foi a minha temporada em Lagos, quero ainda referir-me a uns restos que ficaram arquivados do episodio e que serviram para remate da pandegaria.

Vamos, pois, terminar com isto para que esta minha boa prosa não fique a cheirar ~~mal~~ mal...

—E' claro que os jornais exploráram o caso da minha transferencia.

Logo em 9 desse mês de Fevereiro o jornal O Mundo, em telegrama da Covilhã, noticiava o facto comentando que eu tivera assim o prémio da minha lealdade e amor á Republica.(1)

Em 11, O Debate, de Coimbra, democrático, transcrevendo este telegrama da Covilhã, acrescenta uns comentarios amaveis relativamente á posição que tomei.

Em 12, vinha novamente O Mundo com remoques ao Brito Camacho por não fazer qualquer alusão ás perseguições no exercito tanto mais que um dos perseguidos era eu, «velho republicano que é correlegionario do "sr. Manuel Camacho.» Etc. etc.

Sempre a mesma história que era necessario explorar para tirar efeitos.

Em 13, veiu A Defesa de S.ta Clara, de Coimbra, que insiste na mesma pergunta: onde está a solidariedade do exercito perante a minha transferencia e de outros oficiais que não aderiram?

E' claro que todas estas noticiais amaveis

---

(1) Tanto esta como as outras noticias rep.tes, ficáram guardadas nas cit.as folhas de recortes.

a meu respeito eram dadas porque serviam excelentemente aos democraticos — pois frizavam sempre que eu era camachista e assim os remoques tinham mais valor.

Não lhes fiquei agradecido.

Porem o que deu no gôto a muita gente foi o artigo do Brito Camacho na Luta do dia 15 de Fevereiro. O artigo entitulava-se « É bom esclarecer » e de mistura com alusões á barafunda politica, referia-se á minha transferencia em termos tais que eu, lendo, perguntei a mim mesmo quem era o oficial visado pelo autor.

O Dr. Faria, chefe unionista em Lagos (de quem adeante falarei) é que me mostrou o jornal com palavras de aprovação. Fiquei aturdido porque não contava com tal coisa e devo dizer, com franqueza, que me senti lisonjeado.

Aquelas palavras, escritas e assinadas pelo Camacho que me não conhecia e que eu nunca vira, eram verdadeiramente de bota abaixo e causaram engulho a muitos camachistas que, como o Balduino de Seabra, de quem acima falei, entendiam que eu deveria aderir á manifestação das espadas... sem pensar. Fiquei, na verd.^e, atonito.

O artigo tem por titulo: *É bom esclarecer* e a parte que me diz respeito é esta:

« Vimos q. foi transferido um oficial que é nosso amigo politico, republicano de sem- pre no passado, sempre republicano no fu- turo, porque não mudam de crédo os homens da sua tempera e do seu caracter, e o seu ca- racter é duma rara nobreza. Não sabemos porque o transferiram; mas antes mesmo de lançarmos a esse respeito quaisquer infor- mações, temos a certeza de que ela não deri- va de qualquer falta que manche a sua ho- norabilidade de oficial, porque nenhum ha capaz de lhe dar exemplos de correcção, de brio ou de altivez. »

Não se pode pedir mais. Foi, por assim dizer, um triunfo ou, visto por outro aspec- to, uma vingança depois de toda a trapalha- da em que me vi envolvido.

O Brito Camacho tomou a m.ª defesa sem eu pedir nem sequer insinuar; não me conhecia e o que escreveu foi (soube-o depois) por informes e garantia do dr. Alber- to de Moura Pinto e do almirante Amaro

de Azevedo Gomes, irmão do coronel Francisco Gomes aqui m.to falado já.

Posso eu dizer mal do Brito Camacho nessa altura apodado de traidor á Republica?

Só chegamos á fala uns anos depois, aí por 1918, como ainda tenciono contar.

Na vespera desse dia em que chegou a Lagos o jornal, isto é, a 15, escrevi eu duas cartas em resposta a solicitações; uma do dr. Moura Pinto, outra do cor.el José da Silva Bandeira, de Coimbra. A ambos respondi e aqui deixo abaixo, por curiosid.e, as duas respostas q.e correspondem bem ao meu estado de espirito.

Estas cruzaram-se com o numero de A Luta em que vinha o artigo cujos termos não seriam estranhos ao artigo de O Mundo, de 12, a que acima me referi. O Camacho, indirectamente, respondia ás insinuações com a finura e rigor que sempre costumava manter em casos como este ou semelhantes.

Aí ficam as cartas apenas como documentos. Primeira a dirigida ao dr. Alberto de Moura Pinto:

«O sossêgo desta bela terra, a esplendida baía e a excelente temperatura que o meu termómetro tem marcado, restituiram-me a tranquilid.e ... o bom humôr. E devo desde já confessar-lhe que se não respondi logo á sua muito presada carta foi porque a entrega da Companhia me tomou bastante tempo. — Muito e muito grato me confesso ao meu Ex.mo Amigo e ao Dr. Brito Camacho — tão longe estava de supôr que a minha atitude podesse ser apreciada como foi! — E' injusta esta minha frase, de certo, mas ela refere-se ao tempo de Castelo-Branco em que num meio absolutamente reaccionario e numa região feia como os demonios, eu via tudo com errada visão. Quero acreditar nisso; e agora, sem ver á volta as serras negras encapeladas de neve ou charnecas extensas sem um ponto de beleza onde pousar os olhos, sem sentir á volta os olhares desconfiados dos bons amigos discipulos de S. Fiel e ouvir a «talassaria» apaloada que constituia a guarnição da cidade — eu sinto-me, na verd.e, outro, com os nervos tranquilos e menos mal humorado... — Muito e muito obrigado, pois; desejava falar-lhe mais largamente acerca do

que se passou em Castelo-Branco; mas parece-me que será suficiente eu remeter-lhe uma copia duma exposição que fiz para a hipotese duma sindicancia que requeri e que nunca se realizou. — Por ela verá o meu Am.º o que se passou e o que determinou a minha atitude. Se achar comprida não a leia; mas se tiver paciencia poderá fazer ideia do que se passou e ficará fazendo ideia, tambem, do meu genero literario... Não a mando hoje porq. não tive tempo de a copiar; vai logo que possa.[1] — E creia-me com estima, etc. etc. »

Segue-se a outra carta para o coronel José da S.ª Bandeira:

« Recebi a sua prezada carta de 11, já depois de ter deitado no correio uma outra. O correio aqui é distribuido quasi á hora da saída da diligencia e dificil é responder no mesmo dia. — Recebi tambem uma carta do Alvaro de Castro a que quero responder hoje, na qual me conta coisas varias — mas

[1] Tenho ideia de q. a não cheguei a mandar.

em que tambem diz o que eu pensava, isto é, que ha no ministerio republicanos sinceros que nunca deixariam as coisas caminharem de forma a que a Republica se perdesse. — Eu gostei de ler aquilo que, demais a mais, é escrito por um democratico graduado, pois por muito que digam eu não concordo com o epiteto de traidor e de monarquico q. dão ao Brito Camacho. — Teria errado? Teria sido corrido? Não sei; porque neste espectaculo da politica, ocupo um modestissimo lugar de geral e não fui ainda aos bastidores; mas aquilo de que me não convenço é de que ele, Camacho, andava de mãos dadas com os monarquicos. — Não! de forma alguma. — Por isso ponho sob reserva, a conspiração de q. o meu Cor.el me fala. Eu tenho obrigação, pela sua amisade, de lhe falar claro, sem reticencias, não é verdade? Creio que me faz a justiça de acreditar que, por muito opostas que estejam as nossas opiniões, eu nunca deixo de o o considerar como sempre o considerei: um amigo e um homem de uma só fé. Pois bem: para mim, essa organização militar que antevejo pela sua carta e pela do Alvaro, é uma organização democratica... — Não será?...

Mas de quem ha-de ser se se considerar trai-
dor o Brito Camacho e talassa o dr. Antonio Jo-
sé de Almeida? — Eu creio que fui uma ex-
cepção, por esse País fóra, neste maldito caso;
de mais, os que não aderiram eram ... demo-
craticos. — Quanto a defender a Republica,
estou sempre pronto e neste caso o mostrei;
mas a favorecer a subida do partido demo-
cratico, com o pretexto duma Republica ho-
nesta que é necessario implantar, é que não
estou disposto. O meu Cor.el, com o seu entu-
siasmo absolutamente louvavel, não estará
um pouco alheado das coisas terrenas? Olhe
que os homens são sempre máus, mesmo
os bons ... — Desculpe estas palavras, mas
eu disse que tinha obrigação de lhe falar claro.
— E creia-me, etc. etc.»

E para acabar, sempre quero aqui re-
ferir o que o velho amigo Julio Ribeiro dos
Santos escreveu no seu Comercio da Lousã
em 19 do mesmo Fevereiro, ao transcrever
o tal telegrama da Covilhã para O Mundo.

São simples palavras que lembram as
relações comigo desde creança e a certeza da
minha linha de conduta se não afastar do q.

deveria sempre ser. Este Julio Ribeiro dos Santos foi moço da maquina de imprimir na tipografia de meu Avô Manuel Caetano da Silva, quando eu era creança m.to pequena e muitas vezes andou comigo ao colo. Era bom homem. Não deveria muito á inteligencia mas foi sempre honrado e leal e como republicano sofreu pela Republica... depois dela implantada.

A Lousã monarquica e reacionaria dos pés á cabeça, não lhe perdoava.

A noticia, pois, enterneceu-me. Guardei-a, como outras, na coleção dos recortes.

E ponto final.

Paz, S.to André de Mafra:
5 a 23 de Agosto de 1961.

?

VII

«Ora vamos com paciencia ao seguimento da historia.»

Camilo Castelo Branco: Como Deus castiga. Cronica, in Dispersos, vol. V a pag. 234.

Lagos, depois da rapida volta, ao acaso, em que procurei desvendar a grande baía, deu-me a impressão de calma e de bem estar. Não sería, evidentemente, a terra de promissão — nem eu contava com isso; mas que serenidade subía da vasta baía, da praia do lado nascente, em curva regular, a perder-se, lá adeante, para as alturas da aldeia do Alvôr!

E depois, as ruas claras, com casas em regra baixas, muito caiadas, a reflectir a luz solar, pareciam-me acolhedoras. Seria tudo consequencia da mudança rapida que fiz da triste e fria cidade albicastrense, onde a mé-

me caía sobre a negrura da terra, para es-
ta claridade magnífica da beira-mar, com
aguas da côr de ametista e a verdura im-
ponente da serra de Monchique a emmoldu-
rar o horisonte do lado norte.

É possivel que o meu embevecimento
tivesse natural origem na ocasião; mas ho-
je passados uns terriveis 46 anos, quero crer
que os motivos fossem não só provenientes
da beleza do ambiente como tambem de me
ver livre do pesadelo, da suspeição e espio-
nagem que me cercava, do quasi prisão no
hotel pouco confortavel. Agora, via-me
ali, a respirar fundo um ar maritimo puro,
com temperatura primaveril que me fazia
pesada a roupa com que vinha desde a ma-
nhã da vespera.

Emfim, depois duma volta ao acaso pelas
imediações do hotelsinho acolhedôr, fardei-me
e fui apresentar-me, sobre a tarde, ao co-
mando do regimento de Infª nº 33.

Só no dia seguinte fui dado por presen-
te nos mapas respectivos e assumi o coman-
do da 5ª Compª, do 2º Batalhão que era co-
mandado pelo major Antonio Justino Ramos.
No caminho para o quartel ia pensando co-

não poderia ser recebido. Não esperava, com franqueza, que o fosse de braços abertos; todavia contava com a indiferença pelo menos da maioria.

Comandava a unidade o coronel Augusto Cesar Pires Baromenho, o homem dos códigos, muito conhecido pelos seus manuais explicativos de autos e sindicancias de que eu, varias vezes, me servi em diligencias de Justiça; e como não conheceria ninguem ia com curiosidade bem natural — pois era tambem natural que no regimento houvesse curiosidade de ver o heréje que vinha tombado da Beira-Baixa por faltar aos deveres de Solidariedade.

Afinal, tudo correu bem.

O ambiente era outro. O coronel recebeu-me cortezmente, sem alusões á causa da minha transferencia; o 2.º comandante que era o major José Veloso Leote (que foi meu comand.te de Batalhão desde 23 de Fevereiro[1]) falou-me afavelmente; o ar severo e car-

---

[1] Em 23 de Fever.º chegou a Lagos a O.E. n.º 4, 2.ª serie, de 17, q. confirmava a m.ª transferencia e me colocava na 3.ª Comp.ª do 1.º Batalhão de q. era comand.te o major Leote. Tomei posse nesse dia.

rancendo era um rosto muito trigueiro com farta bigodeira lhe dava, teve um momento de brandura... Quem sabe se no seu espírito passou a ideia do desarranjo q. sempre causa uma transferencia forçada?

O ajudante do regimento era o capitão já antigo Marianas[1], conhecido matematico que me não ligou nenhuma importancia quando o fui cumprimentar; a sua secretária estava sempre limpa, apenas sobre a pasta um caderno de papel em branco onde se viam garatujas algébricas ou geométricas; passava as horas da sua obrigação congeminando calculos e problemas e se alguem se atrevia a ir á sua presença por motivo de serviço, dizia amavelmente que se dirigisse ao sargento-ajudante.

Os oficiais receberam-me todos com certa afectuosidade, distinguindo-se o alferes Leonel Neto de Lima Vieira (hoje general) rapaz de certa distinção, inteligente, meio literato, versejador nas horas vagas, com quem me dei bastante durante a minha permanencia em Lagos. Tambem me

(1) ...

acolheu bem o Tenente Ratô (1) que depois fez o curso do Estado-maior e veiu a morrer em consequencia dum grave desastre de automovel em Angola. Este rapaz era, no regimento uma especie de topa-a-tudo, quasi indispensavel em todos os serviços, com feitio um tanto absorvente, mas ao mesmo tempo muito prestavel.

Encontrei lá, já alferes muito recente, o antigo 1.º sargento de Caçadores 3, do meu tempo de Valença do Minho, David Monteiro, filho da dona do Hotel Valenciano onde eu tive hospedado em 1907-1908. Este era o unico oficial conhecido; os outros, que não eram muitos, constituiam um aglomerado sem valor que, já a 46 anos de distancia, a memoria se nega a enumerar e classificar com um ou outro pormenor.

O 1.º sargento da minha 3.ª Companhia, João Garcia de Barros J.or era rapaz com ares finos, casado com uma rapariga bonita (que gostava muito que a mirassem e apreciassem) e tambem distinta; percebi logo que o rapaz era um dos mais notaveis

---

(1) Raul Frederico Ratô.

espíritas de Lagos, terra em que o Espiritismo pululava; na minha pasta apareciam várias vezes papelinhos de propaganda espírita e até folhetos com poesias ou prosas de escritores mortos transmitidas por <u>mediuns</u>. Nunca liguei importância ao facto e fiz de conta que não tinha conhecim.to desse proselitismo — aliás inocente.

Fiquei com boa impressão de todos e até do quartel que tinha a particularidade de estar dividido. O comando e as secretarias estavam num bom edifício dos fins do século <u>XVIII</u>, amplo, com janelas sobre a barra e sobre a baía, com a principal fachada a deitar para a praça nobre da terra, rectangular, com grande passeio central calcetado de pedra miudinha. As casernas estavam separadas uns bons 200 metros, em construções antigas da velha praça de guerra, ao fundo de uma rua estreita sem interesse.

Esta parte do aquartelamento tinha uma cerca ainda grande, em declive suave, onde se fazia a instrução dos recrutas. A cimo, num recanto, havia uma espécie de retiro, com telheiro e assentos ladrilha-

dos de onde se avistava, em cheio, a maravilhosa baía, com a curva da praia a estender-se para nascente, limitada pela verdura de matas ou figueirais.

Uma beleza que nunca me esqueceu.

Disseram-me que esse recanto fôra arranjado pelo cor.el Jacinto Inacio de Brito Rebelo, o historiador e biografo de Gil Vicente, quando comandou o regimento. Era para ali que ele ia sempre, fugido á prosa das obrigações do comando, ler e escrever os seus trabalhos.

Eu tambem muitas vêzes para lá fugia com qualquer livro quando apanhava algum intervalo de trabalhos; era um bocado bom, de calmaria, alegrado pela aneridade do canário, pelo ar fino do mar que ali, naquele fim de mundo, era duma brandura sem par. Ali passei horas, recatadamente, lendo, meditando e impregnando-me daquele ambiente — para guardar reservas suficientes para quando saisse do Algarve e, muito naturalmente, voltasse a Coimbra.

Em 1927, salvo erro, durante uma reunião do meu curso da Escola do Ex.to no Buçaco, a que ~~…~~ compareceu o Ernesto Ju-

dice de Oliveira, então como eu ten.te-cor.el; comandava nessa altura o regimento de Infantaria 33 e lembrei-me de lhe preguntar se ainda existia esse recanto tão agradavel no alto da cerca do aquartelamento; ele respondeu logo que sim, e que exactamente por ser sitio hygienico mandara ali construir as sentinas dos soldados.

E' claro que não fiz comentario; mas pensei que os ossos do bom Brito Rebelo, quando se fez a construção das sentinas, deveriam entrechocar-se de pasmo.

A vida do quartel era a mesma de outro qualquer; para mim, porem, com a separação da secretaria e das casernas onde estavam os quartos de comando das companhias, vinha ensêjo de umas deslocações que eu, quase sempre ampliava para os lados da baía, para contemplar a sua beleza e, em especial, um conjunto de rochedos que surgiam logo adeante, das aguas, limitando umas praiasinhas de pitoresco digno de boa atenção.

Não me fartava da contemplação, por muitas vezes furtiva, desses admiraveis recantos; a agua, quando as ondas que-

brávam na areia, davam a impressão de que se liquifaziam pedras preciosas...

Isto não é exagero. O que pode ser é eu não traduzir com fidelidade aquele impressionante conjunto que para sempre me ficou nos olhos. Sentia-me sensibilisado; e perante tudo aquilo, e como contraste, a lembrança dos dias de Castêlo-Branco surgia-me por vezes como pesadelo.

Poucos dias depois de lá estar veiu a encorporação de recrutas; formáram-se duas companhias e eu fui comand.te de uma delas e deram-me por subalternos os alferes Leonel Vieira e David Montêiro.

Foi um periodo agradavel, esse. Passados os primeiros tempos mais maçadores da instrução, comecei a da-la fóra do quartel, nos terrenos que dominávam a baía; e por vezes em marchas até á Ponta da Piedade — admiravel local onde ha um farol sobranceiro a uma caldeira em que o mar entra por arcarias cujo encanto se não descreve.

Dava aos dois pelotões missões separadas, marcava-lhes o farol para ponto de reunião; e emquanto os subalternos cumpriam as missões dadas, eu seguia para a Ponta da Pie

dade e sentava-me numa espécie de cadeirão formado pela Natureza nas rochas, na parte saliente do aglomerado — e ali me ficava a olhar...

Metia no bolso da farda um livro; mas em regra não o abria. Aquele deslumbramento prendia-me e assim esperava a reunião dos pelotões para lhes dar um pequeno descanço e comentar com os alferes a beleza de tudo aquilo.

Voltei lá uns 40 anos depois. A comissão de Turismo construiu uma estrada alcatroada, ajardinou o local e levantou bancos para os visitantes. Teria feito bem; mas eu lembrei-me com saudade do aspecto natural que tudo aquilo tinha em 1915, quando fantasiava com o Leonel Vieira a cadeira q. Vitor Hugo descreveu nos <u>Travailleurs de la Mer</u> que nós comparávamos á que estava ali, naquela Ponta da Piedade, talhada simplesmente pela Natureza.

Enfim... A Civilização exige que se banalise tudo.

A instrução de recrutas acabou nos ultimos dias de Abril; e eu posso dizer que foram ~~...~~ umas semanas admiraveis que

na minha vida ficaram, felizmente, a marcar com pedra branca.

Voltando um pouco atraz...

O regimento não tinha, na altura, medico militar. O serviço de saude era feito pelo facultativo civil dr. Faria, irmão do general Bernardo Faria. Depois da sua formatura estabeleceu-se em Lagos como medico municipal e foi residir para uma hospedaria na rua de Gil Eanes — a pitoresca rua de Gil Eanes que eu tanto apreciei.

Essa hospedaria era dum casal de gente nova e dizia-se que o filho desse casal que era o tenente Rato de quem já falei, era nem mais nem menos do que filho do dr. Faria. Seria ou não seria; a verdª porem é que a cabeça do tenente era do mesmo feitio com tanto ou quanto acepuloso da do dr. Faria e em especial a forma da testa.

Mas deixêmos a má lingua.

O dr. Faria era o chefe carrachista de Lagos. Quando pela primeira vez dei com ele no quartel, cumprimentei-o logo, tanto mais que era já pessoa de certa idade e muito respeitado. Não sabia, do começo, que era

homem do Brito Camacho; achei-o simpático e ele correspondeu ao cumprimento com toda a afabilidade. E conversámos ligeiramente.

Nisto, em 15, rebentou o artigo d'A Luta e o dr. Faria apressou-se a procurar-me com um exemplar do jornal e a felicitar-me pela justiça feita, etc. etc. Ao mesmo tempo falou vagamente numa carta recebida do general Alberto da Silveira que fôra ministro da Guerra, na qual eu era falado como amigo e pessoa de confiança.

E' claro q. a conversa levou-me a contar como as coisas se passáram em Castelo-Branco; e o dr. Faria parece q. ficou convencido de que eu não poderia proceder de outro modo.

No final ficámos se não amigos, pelo menos simpatisantes; e durante a minha permanencia em Lagos tive muitas e muitas ocasiões de conversar com ele que era, de mais a mais, um excelente cavaqueador, espirito liberal e muito desempoeirado.

Ora do artigo do Brito Camacho e da carta do Gen.^al^ Silveira resultou que em 22 de Fevereiro fui procurado solenemente no hotel

pelo dr. Faria, pelo pintor e director da Escola Industrial Falcão Triposo e por outro individuo que me não lembra já quem era, que, em nome da Comissão Municipal Unionista de Lagos me cumprimentavam e ofereciam os seus prestimos.

Conversámos, é claro; eu dei as minhas impressões acerca da terra, impressões que os lisongearam; falámos vagamente de politica e ficámos todos quatro satisfeitos...

Estava, pois, consagrado na boa cidade lacrobrigense. E devo dizer que os poucos democraticos que lá havia mantiveram comigo, quando por acaso nos aproximavamos, a mais correcta posição.

E em vista do artigo d'A Luta e da visita da Comissão Municipal do partido, entendi que devia escrever ao Brito Camacho, a agradecer-lhe tudo.

Na verdade, eu não poderia querer mais. Foi quase uma consagração que fez calar a má vontade de grande parte dos correligionarios.

Matutei, fiz rascunhos, e por fim, em 24 de Fevereiro mandei a carta seguinte ao chefe unionista. Aqui fica para memoria e

agora, já passados 46 anos, ao relê-la, confesso que a não achei muito mal escrita, porem, talvez, um pouco pretenciosa...

« Ex.mo Sr. Dr. Brito Camacho: Recebi ha muitos dias uma carta do dr. Moura Pinto (1) escrita a pedido de V.Ex.ª carta que era extremam.te amavel p.ª mim. Quiz agradecer, como era dever meu, quando li num artigo de A Luta assinado por V.Ex.ª umas referencias a um oficial unionista, referencias que eu só vi que me diziam respeito, quando o dr. Moura Pinto mo afirmou em nova carta (2) — tão exageradamente amaveis elas eram e tão pouco eu sou para merecer que de tal forma se ocupem de mim! — Esse artigo atrapalhou-me e por esse facto tenho demorado os meus agradecim.tos sem contudo essa demora representar menos reconhecimento ou menos consideração por V.Ex.ª — Quando adversarios politicos

(1) Está guardada na coleção de cartas.

(2) Parece haver aqui qualquer discordancia com o que disse na pag. 204 quando o dr. Faria me procurou. Não me lembro já se o q. ficou na carta seria para dar mais força ao agradecim.to É possivel. Já lá vão 46 anos bem puxados.

exploráram com a minha atitude e muitos correlegionarios já duvidavam de mim e eu imaginava, neste fim de mundo, que para aqui ficaria esquecido, Vª. veio com a carta que pediu ao dr. Moura Pinto para escrever e com o artigo d'A Luta, dar-me a certeza de que ainda vale a pena proceder-se conforme se fala e falar-se conforme se pensa. — Por tudo, pois, creia Vª. sempre na dedicação pessoal e politica do que é, etc. »

E assim a vida em Lagos foi correndo, (poderei dizer) suavemente.

No regimento era bem tratado; com a população civil, mas poucas relações travadas, vivi sempre em boa e correcta harmonia.

Procurei um dia na Camara Municipal de que era chefe da Secretaria, o Manuel João Paulo Rocha, o historiador de Lagos que eu quiz conhecer não só por curiosidᵉ. natural de colega mas tambem para ver se obtinha esclarecimentos acerca dos meus ascendentes algarvios de apelido Burstorf.

O Paulo Rocha era então pessoa já de certa idade; recebeu-me bem mas tive a impressão de que era creatura pouco sociavel.

Deu-me, todavia, umas notas relativas a varios algarvios meus antepassados que usavam o sobrenome de Bustorf; mas quero crer que me não daria as notas ou referencias mais importantes — no que, devo dizer, fez muito bem.

Isto de trabalhar, investigar, queimar as pestanas, para dar de mão beijada, a um quidam o produto de canceiras, não é realmente razoavel. Eu que o diga pois tenho sido, nesse capitulo, um tanto ou quanto trouxa como hoje se diz em linguagem fina.

Poucas vêzes falei com ele; não era conversador; no entretanto via-se que tinha certa ilustração e era sabedor da historia algarvia e neste assunto entretinha um bocado embora fosse necessario dar-lhe corda, isto é, dar-lhe o tema e depois puxar-lhe pela lingua.

Dei-me tambem, não obstante com certa cerimonia, com o pintor Falcão Trigoso de quem já falei. Era bonita figura, máscula, barba romantica, chapeu de aba larga bastante amolgado, tudo a dar-lhe a aparencia de artista — que, na verdade, era.

Visitei-o algumas vezes na Escola Industrial onde tinha a sua oficina. Cavaqueavamos um pouco, mostrava-me os seus quadros em que predominavam os motivos algarvios com as suas apregoadas amendoeiras. Umas vêzes o surpreendi na Ponta da Piedade a pintar o entardecer na costa leste do farol, quando as ribas altas tomam a côr quase de gêma de ovo. Ele chamou-me a atenção para esse fenomeno pois varios artistas seus colegas, perante alguns quadros com esse motivo, negávam a possibilidade daquele colorido.

E a verd.ᵉ é que eu verifiquei que essas cores, a certas horas da tarde, e com a atômosféra mais densa, apareciam á nossa vista para regalo inédito dos olhos.

Era bom cavaqueadôr, parecia sempre bem disposto, contava anedotas. Simpatisei com ele e por isso não fugia á convivencia.

Vim a saber, anos depois, que abandonára a esposa, uma bela senhora de Lagos, m.ᵗᵒ distinta e tambem artista, por uma discipula qualquer que lhe deu volta ao miolo. Fraquezas humanas que não teem grande explicação. Adeante.

N-14

Encontrei-o, passados quase 40 anos, na Socied. Nacional das Belas-Artes, durante uma exposição dos seus quadros; mais velho, é claro, quase todo branco, mas ainda com o mesmo ar donjuanesco, bem disposto, faladôr.

Morreu muito pouco tempo depois.

Aparte estes intervalos de Arte, a unica pessoa com quem tinha um ou outro entretem mais ou menos literario, era o alferes Leonel Vieira.

Eu já tinha lido então uns livros de Teixeira Gomes [(1)]; comprei lá, ainda em Fevereiro, o _Inventario de Junho_; e como o Leonel era algarvio cem por cento e achava a prosa desses livros admiravel, as conversas acerca deles eram frequentes, demoradas e agradaveis.

No final da instrução de recrutas tivemos um exercicio de bivaque junto do lugar de Bensafrim, ao norte de Lagos; eu meti no bolso da farda a _Gente singular_ comprado

---

(1) Eram eles o _Agosto Azul_ e as _Cartas sem moral nenhuma_.

pouco antes numa especie de alfarrabista q. descobri na cidade, porque ha nesse livro umas paginas com impressões recolhidas exa tamente na encosta da serra que domina pe lo norte aquela curiosa aldeia.

Num qualquer intervalo de serviço, na manhã seguinte, eu e o Leonel subimos um pouco pela encosta da serra, coberta nessa altu ra de estêva; e desde que avistámos o mar sentámo-nos numas pedras altas e eu li essas perfeitas paginas descritivas que são, certamente, duma pureza e exactidão de pro sa. O Leonel exultava; os seus vinte e pou cos anos e as suas tendencias literarias, dá vam-lhe certo entusiasmo que eu, franca mente, compreendia.

Na verdade não se pode descrever me lhor; o quadro era exacto; não havia redun dancia de termos ou qualquer hiperbole de bairrismo; a descrição era concisa e perfei ta. No final da leitura ficámos calados, absor vidos pelo encanto do largo panorama em frente, pela musicalidade da prosa e até pelo cheiro acre da estêva em completa floração.

Eu, que pela primeira vez conhecia o Algarve e nunca vira uma extensão de estê-

va como aquela; perante tal cenário de serra e mar, de colinas verdes onde os figueirais cobriam encostas inteiras — senti-me transportado a mundo diferente. Aquela luz especial que tudo inundava com carícia, a serenidade da região, o mar a brilhar tão tranquilo, davam-me sensação de bem estar q. há muito não sentia nem pensava sentir.

O Leonel, relendo a descrição do Teixeira Gomes, voltado para os lados do mar, tomava atitudes românticas; tudo aquilo foi, em reduzido tempo, uma bebedeira de Beleza...

Posso quase apropriar-me deste bocado de prosa de Teix.ª Gomes noutro livro:
« Conservo fielmente inesculpida na memó"ria a paisagem dessa manhã extraordiná"ria, porq. á sua deliciosa claridade é que pe"la primeira vêz se me ofereceu perguntar,
"entre mim, se Deus não enchera o mundo
"todo de uma beleza igualmente intensa, sem
"escolha de lugares, que só á nossa obstinada
"cegueira apareceram uns mais cativantes

(1) Inventário de Junho, pag. 51-52 (1.ª edição)

"que outros..." Realmente o Creador espalhou muita beleza pelo mundo; esta que tinha ali em frente era uma delas — e naquela gloriosa eu não me lembrei dos negrumes da Beira Baixa...

Um toque de corneta chamou-nos à realidade; descemos a encosta; a Gente Singular voltou para o bôlso da farda; e chegámos ao bivaque para reentrar na vida normal de instrutores de recrutas. E ainda hoje mantenho bem nítidas as impressões dessa manhã de Abril, já quente, com o céu límpido e m.to azul; e ainda é das consolações da vida que conservo, aquele conjunto de graças espiritual e de tão belas coisas da Natureza.

O mesmo direi dumas praiasinhas que há a poente de Ôapos, recatadas, escondidas entre rochas altas, com rochedos salientes das águas, talhados quase com arte, como monstros que ali surgissem e ficassem petrificados. Muitas vezes fugia para uma ou outra e ali ficava um bocado entretido a ler e a ver as ondas tão brandas quebrárem-se nas pedras. Quando a maré estava vasia passava-se dumas praias para as outras por area

rias de certo mistério, musgosas, que lembravam desenhos de Gustavo Doré.

Um encantamento. Causava um estado de alma como Alphonse Daudet definiu: « On ne pense pas, on ne rêve pas "non plus. Tout votre être vous échappe, s'en "vole, s'éparpille ... »[1]

Hoje creio, pelo que oiço dizer, que o Turismo banalisou tudo aquilo.

Apesar de as lembranças de Castelo-Branco me darem a impressão de pesadelo, certo número de pessoas com quem lidei mereceram-me, contudo, a atenção de lhes escrever e dar notícias minhas.

Escrevi cartas « literarias » e o tema delas, como era natural, foram as belezas da provincia algarvia. Logo em Fevereiro escrevi ao João Mamede Grave e ao Professor Eurico Sales Viana; ao primeiro, dando impressões da cidade de Lagos e arredores, ao segundo, com ironia, acerca da falta de obras de arte comparativamente com a

---

(1) Le Phare des Sanguinaires, in Lettres de mon moulin, pag. 63, vol. I (Ed. A. Fayard, 1947).

abundancia delas em Castelo-Branco. Escrevi ao meu condiscipulo Julio Carrão de Oliveira que fôra desterrado para Bragança e lhe pedia noticias; é possivel que ele não atingisse a ironia inocente com que enchia a carta. E ainda mandei outra ao Augusto Casimiro, então no Congo Português, creio que governador do Distrito, dando-lhe conta do meu caso de Castelo-Branco.

Parece-me que de nenhum destes destinatarios tive resposta.[1]

E assim ia correndo a vida em Lagos, sem solavancos nem apreensões. Ás vêzes surgia uma caturrice com o major Veloso Leotte. Este pobre homem, nada inteligente, quando lhe dirigiam qualquer pergunta ou lhe punham qualquer duvida, começava sempre a resposta pela frase sacramental:

— Vamos ver a cartilha...

A <u>cartilha</u> era o regulamento que ele, em regra, mal sabia interpretar. Muitas vêzes havia discussões a que ele, pobre homem, não reagia. Parece que no seu intimo ha-

---

(1) As cartas são as n.os 33 a 36 do 2.º vol. das <u>Cartas</u>, a pag. 270 e seg.tes

via a noção da sua inferioridade e de que não nascera para cavalarias altas.

A certa altura, em fins de Março, o coronel Saromenho largou o comando e foi colocado, como desejava, em Lisboa; sucedeu-lhe o coronel Lazaro de Almeida Corte-Real, homem distinto, inteligente, natural de Lagos e com a sua casa de familia na terra.

Era simpatico e sempre temperava as catURRices do major Leotte com a finura da sua boa educação. Chamavam-lhe «o Lazarinho» por ser homem de estatura media na e magro e para o distinguirem dum primo, tambem chamado Lazaro Corte-Real, homemzarrão forte conhecido por «o Lazarão.»

Este Lazarão era sogro do Falcão Trigoso e, se me não engano, tambem era oficial de Infant.ª já reformado.

Ao terminar a escola de recrutas aproveitei os tres dias de dispensa e fui passa-los a Sagres, numa hospedaria, a unica, dum sargento de marinha reformado.

A descida de Vila do Bispo para o Promontorio, naquele tempo quase desprida de

vegetação, dava a ideia dum convés colossal por onde a carripana deslizava; dum lado e do outro, via-se o mar cada vêz mais proximo, o vento varria livremente a terra, até que, ao chegar á hospedaria, em frente da muralha que separa o Promontorio propriamte dito, o mar bate tão perto que se ouve muito bem o marulhar das ondas.

A' direita, o Cabo de S. Vicente atraía-me pelo seu velho prestigio. Lá fui, numa das manhãs, a pé, encosta fóra, ruminando reminiscencias historicas.

Tudo aquilo, na verde., tem grandeza; mas a verdade tambem é que eu não encontrei nessa grandeza que se póde classificar de austera, qualquer coisa que me comovesse e me fizesse evocar o Grande Infante. A muralha é quinhentista, salvo erro; lá dentro, no Promontorio, uns casebres velhos sem qualquer atractivo; o sólo parecia saido duma convulsão geologica; na extremidade, um farol moderno como qualquer outro. Um ar agreste varria a superficie do Promontorio; em tudo se sentia dureza natural e se são verdadeiros os retratos que os cronistas dão do Infante, o ambiente estava

perfeitamente adequado. Aquilo se em 1915 era ainda inospito — o que seria nos come-ços do seculo XV?

A contrastar, porem, a amenidade da Praia da Mareta, logo a leste, em frente ao hotelsinho, atraía os meus olhos. A meio ha uma ilhota coberta de verdura, quase como um açafate ali caído; era um viveiro de pombas que, a qualquer ruido mais forte, esvoaçavam em bandos alegres.

Voltei para Lagos, na tarde do 3º dia, um tanto ou quanto desiludido; e quando em 1954 por lá passei, em tarde ventosa a prometer chuva, notei que o Turismo alindára os terrenos fronteiros á muralha com jardins á moderna, plantio de arvoredo resistente ao clima e sinalização profusa para os automobilistas se não enganarem no caminho.

Continuei a não encontrar motivos de comoção; a mesma dureza do clima, a mesma asperêza da terra — só o mar estava magnifico, ligeiramente movimentado pelo vento noroeste forte, deixando em baixo, nos rochedos, espectaculosas girandolas de espuma.

Ultimamente, por ocasião do barulhento centenario, o Promontorio foi preparado para a profanação de multidões de curiosos; o solo arrazado para se poder pizar sem perigo; os jardins mais floridos com plantas resistentes á razoira do vento; tudo proporcionado á ostentação patriotica da grandiosa festança.

Assim entrou Maio e a vida regimental caíu na monotonia do costume, na rotina vulgar que me dava ensêjo a fugir para o tal retiro do Brito Rebelo, no alto da cerca ou a uma ou outra escapada em barco, ao longo das praiasinhas pitorescas, em ocasião de mar calmo embora com ondulação larga e alta que me parece não ser vulgar nas costas do norte.

Essas escapadas eram feitas em companhia do Leonel Vieira e ás vezes com um tenente Baptista,[1] curioso tipo de rapaz inteligente e ilustrado mas que nunca cheguei a perceber. Foram intervalos agradaveis, para mim inéditos, e que não esqueceu.

---

(1)

O Leonel, romantico, ia para a prôa do barco, em pé, cruzava os braços como em desafio ao Oceano; o Baptista, mais prosáico, observava o fundo do mar, atravéz da agua transparente e notava os peixes, um ou outro polvo agarrado ás rochas e a variedade de pedras.

Eu apreciava o pitoresco das margens, das praiasinhas recatadas, dos rochedos ponteagudos que afloravam as aguas; e pensava que aquela tranquilidade de vida não poderia durar muito como, de facto, não durou.

Em certa manhã, ou em 13 ou 14 daquele mês de Maio, veiu ordem de prevenção rigorosa; em Lisboa estalára uma revolução... O que seria, o que não seria?

As hipoteses não faltavam e eu de nada sabia. E afinal era nem mais nem menos do que o fim da ditadura do general Pimenta de Castro.

Em Lagos tudo correu normalmente; as noticias eram lidas com curiosidade, as prevenções acabaram e a vida continuou sem alteração. Naquele fim do mundo, tudo chegava tarde e atenuado pela distancia. Era quase um paraiso...

Um dia, nos jornais, veio a notícia de que os oficiais transferidos por motivo da «manifestação das espadas» seriam colocados nas unidades de onde saíram. Ao ler isto sobressaltei-me... Então iria eu, outra vez p.ª Castelo-Branco?

É certo que, se para lá voltasse, seria recebido por aquela canalha com os braços abertos. Mas eu é que não estava disposto a receber tal prova de delicadeza e de afecto.

E é possível que assim fosse. A seguir ao 14 de Maio vi nos jornais que a guarnição de Castelo-Branco foi das primeiras a prestar vassalagem ao novo governo.

Que nome poderia dar a esses homens?

Mas, enfim, esperei os acontecimentos e resolvi não pedir nada e não me fazer lembrado. O Alvaro de Castro, porém, lembrou-se e escreveu-me a perguntar o que eu queria; ele estava então no ministério da Guerra não me lembro em que situação.[1]

Respondi, é claro, agradecendo; já não sei o que teria explicado mas certamente diria que não desejava voltar para Castelo-

---

[1] A carta deve estar guarda na coleção.

Branco e preferia regressar a Coimbra, em qualquer situação.

De facto, em 20 desse mês de Maio, chegou a Lagos, á tarde, ordem telegrafica para me apresentar no regimento de Inf.ª n.º 23. Requeri a demora regulamentar dos 10 dias e tencionava aproveita-la para dar uma volta por Faro e Tavira, pelo menos.

O comand.te Corte-Real, apesar de creatura desembaraçada, teve suas duvidas acerca da concessão da demora por a ordem ser telegrafica e por consequencia implicar urgencia. Todavia telegrafou para a Divisão, em Evora, transmitindo o pedido.

Não me recordo quem era o general que comandava a Divisão, mas era ainda dos colocados durante a ditadura do Pimenta de Castro. Certamente o homem concluiria que a minha transferencia seria por castigo ou razões politicas e ... negou a demora!

E' claro que tive de largar a bela baía de Lagos, as praiasinhas romanticas, a Ponta da Piedade, quase á pressa — e devo confessar que com certa pena.

E' certo que desejava voltar a casa; mas aquele sossego, a tranquilidade da vida da

guarnição, a beleza do ambiente, a boa correcção da oficialidade de que só podia dizer bem, fez-me muita vez pensar se não seria melhor deixar-me estar ali mais algum tempo e deixar esquecer os sucessos que me puzeram em fóco e no futuro me poderiam trazer complicações na vida.

Fiz despedidas apressadas e o que me valeu foi haver só um combóio diario para Lisboa e esse mesmo de noite; ainda fui jantar á Praia da Rocha ao melhor hotel do tempo que tinha o nome de Viola, salvo erro; e á noite fui para Portimão tomar o combóio para Lisboa depois de marcar lugares em compartimento-cama.

Assim acabou a minha temporada algarvia de que ainda me lembro com as melhores recordações.

Quase 40 anos depois, voltei lá em excursão com a familia. Em Lagos já havia combóio e na cidade notei certas mudanças; mas praiasinhas que tanto me encantavam, a poente, e iam até á Ponta da Piedade e na propria Ponta da Piedade, o Turismo modificou

muito os locais mais aprazíveis, banalizou quase tudo, com um hotel de luxo, explanadas, miradoiros, etc. — na verdade próprios para quem quer ir ver com comodidade, facilidade e sem qualquer espécie de sentimentalismo, aquela costa maravilhosa, mas não sei se lhe tiraria o encanto da Natureza sem artifícios.

Retirei de Lagos sem ter sentido o Lagos de 1915. É possível que os olhos já fossem outros, com mais 40 anos de muitas voltas e reviravoltas.

O que é certo é que, dizem-no as minhas notas feitas com toda a consciência e veracidade, no dia 23 de Maio, nove dias depois da revolução me apresentei em Coimbra, no regimento de Infª nº. 23, colocado no 3º. Batalhão e comandante da 10ª. Companhia.(1)

Ora antes de abandonar o Algarve por uma vez, sempre quero deixar uma lembrança a respeito do major José Veloso Leotte de quem acima falei a propósito das suas

---

(1) Confirmada a transferencia pela Ordem do Exército nº. 10, 2ª serie, de 22 do mesmo mês.

duvidas quando algum oficial lhe ia fazer qualquer pergunta:

— Vamos lá ver a cartilha...

Esta frase era, por assim dizer sacramental; mexia e remexia o regulamento e nem sempre a resposta era o que devia ser.

Mas se volto a lembrar a pobre creatura é porque ainda agora, passados estes quarenta e sete anos, sinto vagos remorsos de o ter um dia molestado.

Num exercicio qualquer pela estrada de Portimão queria ele que eu mandasse estender a m.ª companhia em atiradores, numa altura em que a estrada atravessava uns esteiros inundados quase em frente da Mexilhoeira-Grande (salvo erro). Eu observei-lhe que na estrada, com poucos metros de largura, era impossivel uma linha de atiradores, a não ser... teoricamente.

Palavra puxa palavra, o major alegou disposições da cartilha que ele, aliás, não trazia consigo; e o certo é que eu me exaltei e falei-lhe desrespeitosamente, deante de todos. Ja me não lembro, nem isso importa, do que lhe disse. Ele, de cima do cavalo, torcendo os bigodes fartos, pareceu-me admira

N-15

do da minha lingnagem, talvez para ela novidade; mandou retroceder e voltámos para o quartel.

Fiquei depois com pena dele; exaltei-me de certo sem razão. Com tal creatura ninguem se devia exaltar. Ele foi, porem, indulgente com magnanimidade, pois eu esperava que ele se queixasse — e tinha razão.

O que fica aí escrito é para deixar a confissão de que fui pouco (e injustamente) respeitoso e de que fiquei arrependido e com pena do pobre homem. Ficou-me isto a roer na consciencia.

E acabou-se.

Ah!... Esqueci-me de dizer que conheci no hotel, um dia, o poeta e dramaturgo Dr. Coelho de Carvalho que depois voltei a ver em Coimbra reitor da Universidade.

Foi a Lagos, dizia-se, para vender umas propriedades que tinha no concelho; almoçou e jantou no hotel; não falava a ninguem, quase nem fazia os cumprimentos habituais de simples educação.

Ainda estou a ver a sua figura respeitavel, bigodes e cabelo branco, concentrado,

sobranceiro, quase olímpico, parecendo que na sala de mesa (ainda de mesa redonda) não dava pela presença de outras pessoas.

Era, na verdade, o senhor do maravilhoso castelo de Arade, na barra de Portimão — que ainda tenho nos olhos desde a manhã da chegada, quando ia de Castelo-Branco e deparei com o quadro que mais ou menos acima descrevi. O dr. Coelho de Carvalho descêra do castelo encantado e viéra á terra vil...

Fraquezas dos grandes homens.

Q.ta da Paz: Mafra:
2 de Setembro de 1961 — a
— 8 de Agosto de 1962.

VIII

« Aí vai a verdade núa e crua ... »

Felinto Elisio: *Obras completas*, vol. I, pag. 21-22 da ed.ᵃᵒ de 1817-1819.

« Estes bastidores da Historia são abomi-naveis. »

José Caldas: *Historia de um fogo morto*, 1ª ed.ᵃᵒ, pag. XXI.

Chegado a Coimbra e apresentado no regimento de Infant.ᵃ nº. 23, não consegui fugir ás solicitações do ambiente politico e dos amigos que me não queriam deixar isolado — tanto mais que se aproximávam as eleições e o Partido Unionista iria concorrer.

Eu, é claro, vinha com propositos de me não meter na salgalhada; o caso de Castelo-Branco magoou-me e os poucos mêses passados em Lagos, quase como contemplativo, tiraram-me veleidades e o meu desejo era o sossêgo e o trato dos meus livros.

Contudo os amigos e correlegionarios cercáram-me e dentro em pouco fui alçado a candidatô a Deputado pelo circulo de Coimbra ao lado do dr. José Rodrigues de Oliveira que se proporia como Senadôr.

Eu não queria. Disse que não. Acompanharia o Partido mas não me apresentaria ao sufragio; as impressões com que fiquei das eleições de 1911 assim impunham. O que eu queria é que me deixassem.

Porem os arranjos eleitorais em que era mestre o Albertô de Moura Pinto fizeram com que houvesse alteração nos candidatos unionistas: eu passava a Senador para beneficiar das relações e amizades no circulo de Arganil e o dr. José Rodrigues de Oliveira descia a Deputado por Coimbra pois o seu prestigio no distrito dava-lhe grandes vantagens eleitorais.

Eu continuei a recusar a honra de ser Senador até vir uma carta do dr. Britô Camacho para o dr. José Rodrigues na qual solicitava deste toda a sua boa vontade para me convencer a aceitar a candidatura ao Senado. Perante um pedido desta ordem que vinha rodeado de amabilidades, eu embatu-

quei e pensei que, depois do que o Brito Camacho fez por ocasião do meu caso de Castº Branco, eu não teria muito direito a recusar.

Disse então que aceitava se bem que com a reserva mental (oh! os jesuitas!...) de me não esforçar muito pela vitória. No entretanto dei algumas voltas e consultei varios conhecidos do circulo de Arganil; no circulo de Coimbra ficaram essas voltas a cargo do Professor Eloy do Amaral, bom amigo da Figueira da Foz que se bateu a valer pela minha candidatura.

E o certo é que, a certa altura da campanha, quiz-me parecer que tinha grandes probabilidades de ganhar — pois no circulo de Arganil havia grandes divergencias entre os candidatos evolucionistas e na propria Junta Central do partido, divergencias de que eu beneficiaria.

Estavam as coisas neste pé e os unionista de Coimbra convencidos do meu triunfo pela minoria, quando na semana anterior ao dia da eleição recebeu-se um telegrama do Moura Pinto então no circulo de Arganil a mexer e remexer todas as in-

fluencias eleitorais, solicitando reunião dos principais unionistas em um café que havia no Largo das Acacias, esquina para a Avenida Navarro, pois tinha urgencia em expôr a situação e ouvir a minha opinião.

Isto cheirou-me a trapalhada, mas lá fomos, salvo erro, o dr. Carlos da Costa Mota, o dr. Antº da Rocha Mauso, o Apolinario José Leal, talvez o bom Sebastião de Almeida e não me recordo se mais alguem.

O Moura Pinto apareceu, um tanto ou quanto esbaforido, a sair dum automovel; sentámo-nos a uma mêsa; vieram uns cafés e... rebentou a bomba!

A qual bomba era o seguinte: O Moura Pinto tinha a sua eleição bastante tremida; desintelipencias que ele não especificou complicaram o caso; e resolveu com o Dr. José Afonso Paleta Neves o cambalacho de este lhe ceder a sua influencia em Gois que iria contrabalançar as perdas em outras assembleias e eu autorizar que o meu nome fosse na mesma lista com aquele medico porque a minha votação iria ajudar muito a dele tambem um pouco periclitante no circulo.

Era verdadeiramente um *cambalácho* nada limpo e de mais a mais com um cavalheiro como o Baeta Neves, antigo monarquico influente e *adesivo* de fresca data. Eu, verdade verdade, não tinha razões pessoais de queixa contra o Baeta Neves; mas sempre o considerei como *politicão* sem escrupulos, egoista, velhacote e até certo ponto o que vulgarmente se diz «má rolha...»

É possivel que seja um tanto ou quanto injusto (e oxalá o seja); mas esta é a minha impressão pessoal que os factos nunca desmentiram.

Ouvi, a exposição, e sem querer, (lembro-me bem!) tive um gesto rude no final da arenga, cortada como sempre pelos ditos de espirito em que o Mauro Pinto era fertil. Vi claramente que tinha na minha mão a eleição dele; mas não tive hesitações e disse-lhe logo rudemente que não aceitava a proposta.

Ora dias antes, o Brito Camacho em artigos de fundo na *Luta*, a respeito das eleições, dizia que os unionistas concorreriam ás urnas *sós*, sem alianças ou *cambalá-*

chos; que era necessario mostrar que não tinhamos ancia do poder e eramos independentes e desinteressados.

Perguntei, pois, ao Moura Pinto se achava bem que o Camacho estivesse a escrever e a aconselhar uma coisa e nós fizéssemos outra. Ele não se alterou, apenas respondeu que o dr. Brito Camacho não percebia nada de politica...

Eu repliquei que respeitava a opinião do chefe do partido (opinião com que, aliás, de boa mente concordava) e que, alem disso, repelia, por questões de principios, a companhia que me queriam dar.

Enfim, a conversa azedou-se um bocado; o Moura Pinto ficou claramente contrariado e quero crer que só por ver que eu tinha razão é que não teria disparatado.

Os presentes á discussão calávam-se, apenas o medico Rocha Manso, politico velho e da velha escola, quiz opôr certos argumentos favoraveis á proposta do Moura Pinto. Mas eu mantive-me na recusa e a certa altura, o Moura Pinto cortou a discussão puxando do relogio e dizendo que tinha de ir ainda não me lembro se a Tábua se a Oliveira do Hospi-

tal; despediu-se um pouco terrivelmente, meteu-se no automovel e desapareceu.

Isto seria, salvo erro, a uma 5ª feira. Os companheiros da reunião ficaram a olhar uns para os outros; não sei se todos concordariam com a minha decisão porque os vi calados; eu ainda disse qualquer coisa para ver se os animava a falar mas só percebi que talvez o dr. Carlos da Costa Mota, espirito mais integro e mais ligado aos principios, tivesse concordado comigo. Despedi-me e regressei a casa.

O Moura Pinto não mais deu sinal de si nem em Coimbra se soube que voltava. No dia da eleição, no domingo seguinte, á tarde, meu Pai chamou-me ao telefone; como de regra, estava de prevenção no seu gabinete dos Correios e chamou-me para me dizer que os telegramas chegados do circulo de Arganil davam a minha lista com 3, 4 ou 6 votos em cada assembleia eleitoral; do lado da Figueira tinha mais alguns mas muito poucos.

E' claro que a eleição estava perdida e eu vi logo nisso manobra do Moura Pinto. Não tive duvidas. No dia seguinte alguns dos meus simpatizantes ou amigos do circulo

de Arganil perguntaram-me, por carta, porque é que eu desistira da eleição; o Eloi do Amaral, da Figueira da Foz, mostrou-se indignado com a m.ª desistencia depois de tanto trabalho na propaganda.

Em conclusão e para encurtar razões: o Moura Pinto, ao largar de Coimbra, percorreu o circulo e disse a todos que eu desistira da eleição em seu beneficio; e com o dr. Bap-tista Neves arranjaram as coisas de modo que ambos ganharam...

Escrevi aos amigos e simpatizantes a agradecer e a afirmar que não tinha desistido, que alguem abusara do meu nome, etc. etc. E escrevi ainda ao dr. Brito Camacho tambem a agradecer a boa vontade dele mas q. a politica tinha interesses que nem sempre se coadunavam com os bons principios. Não cheguei a saber se ele comentou a carta mas eu fiquei satisfeito com o que fiz.

Mais outra eleição perdida.

Passáram-se uns tres meses sem que soubesse qualquer coisa do Moura Pinto até que, em meados de Setembro, durante a Escola de Repetição, na marcha que se fez desde

Góis para Arganil, em certo ponto da estrada em que havia um pequeno souto de castanheiros, nas alturas em que se começa a descer para esta última vila, se bem me lembro no Alto ou Portela de S. José, estava um grupo de indivíduos á sombra junto de um automovel. Eram pessoas de Arganil que vinham ver a tropa desfilar; e desse grupo destacou-se o Moura Pinto, com ares um pouco contrafeito e disse-me que tinha que me falar quando chegasse á vila.

Eu fiz um cumprimento vago, com modos de quem se aborreceu com a intromissão.

— Para cá vens tu bem! disse eu para comigo e continuei á frente da minha companhia.

Em Arganil, ao estabelecer o bivaque na Mata da Misericordia, apareceu-me o bom do Alfredo Costa, negociante na vila, que vinha oferecer os seus serviços, a sua casa, a sua mesa com toda a sinceridade. Era um excelente rapaz, muito dedicado ao Moura Pinto. Segundo o meu costume não aceitei nem cama nem mesa, mas pedi apenas que me arranjasse agua quente

com sal para os pés que trazia um pouco magoados e prometi não me demorar.

Assim fiz. Arranjado o bivaque, deixei um subalterno a substituir-me e fui a casa do Alfredo Costa; levou-me a um quarto bem mobilado com cama já feita para mim; a esposa, amavelm.te, veio com a agua quente numa antiga bacia de cobre; meti-lhe os pés logo a seguir e gozava consolado o banho simples e contemplava o arranjo do quarto que me estava destinado quando entrou pela porta dentro, sem cerimonias, o Moura Pinto com mais uns cavalheiros arganilenses dos quais só me lembro um, o Frederico de Freitas Gonçalves Simões, escrivão de Direito e alferes miliciano já meu conhecido há algum tempo.

Recebi-os sentado numa cadeira, com os pés dentro de agua; ao Moura Pinto falei friamente mas ele não se desconcertou e passados os cumprimentos e as frases banais do momento, disse-me que me queria explicar o caso da eleição pois tinha por mim muita consideração, estima, etc.

Eu então, com certo assombro dos circunstantes, interrompi o exordio com estas pa-

lavras que quase posso afirmar estarem certas, tão bem me lembro do episódio:

— Olhe, dr. Moura Pinto: pode dizer o q. quizer que me não enfada; mas o que lhe afirmo é que não acredito em nada do que me quer expôr...

E fiz um gesto de certo desprezo.

Ele apenas respondeu, lembro-me muito bem:

— Assim... de parti pris... é escusado tentar.

— É realmente escusado, confirmei.

Seguiu-se, como era natural, silencio contrafeito. Limpei os pés, calcei-me, despedi-me de todos, agradeci muito ao bom do Alfredo Costa e fui para o bivaque.

Soube depois, por este bom Alfredo Costa que o Moura Pinto ficára acabrunhado.

A cêna realmente foi bréve mas de certa dureza para o caracter maleavel e até certo ponto frivolo do Moura Pinto — de mais a mais passada deante de influentes e amigos seus que notariam alguma queda no seu prestigio de chefe politico.

Mas que lhe havia eu de dizer?... Foi melhor assim.

Enfim, segunda eleição perdida que na verd.^e me não preocupou. Não tinha interesse em ser Senador e fiquei com mais esta experiencia politica que me serviria no futuro embora com pouco exito.

Não fiz diário como fiz em 1911; o que ficou aqui escrito, é simplesmente resumo que a memoria e algumas breves notas que guardei conseguiram dar.[1]

Q.ta da Paz: Mafra:

9 a 10 de Agosto de 1962.

---

(1) Na coleção de recortes e na pasta dos docum.tos ha varias especies referentes á eleição.

IX

«... ce sont des détails très importants et qu'il est bon de conserver à la posterité...»

Theophile Gautier: _Mademoiselle de Maupin_, cap. XII.

O Partido Unionista em Coimbra, como o Direito Romano na frase atribuida a certo professor universitario, começou por não existir...

Meia duzia de _carolas_ mais ou menos simpatizantes com o grupo politico do Dr. Brito Camacho, constituiram, sem formulas de qualquer especie, o núcleo de que viria a sair o Partido.

Reduzida meia duzia, mas felizmente boa. O vulto principal dessa meia duzia era, sem duvida, o medico José Rodrigues de Oliveira, figura de prestigio na cidade pelo seu valor profissional, pela seriedade da

sua vida e compostura politica. Poucos mais eramos: o medico Carlos da Costa Mota, da familia dos escultores do mesmo nome, rapaz aprumado, sincero republicano e profissional já com nome; outro medico Judice Formosinho, algarvio que fôra para Coimbra como medico escolar e ali creara simpatias como homem e como clinico; o comerciante José Sebastião de Almeida, homem sério e sem pretensões; o ainda estudante de Ciencias mas já explicador do ensino liceal Apolinario José Leal, algarvio q. as circunstancias levaram p.ª Coimbra — e ainda mais um medico Antonio da Rocha Manso, unico de nós todos que trazia ainda agarrados alguns vicios da politiquice monarquica, dos tempos em que foi influente politico em Santarem, mas que não deslustrava o conjunto porque sabia manter-se nos devidos termos.

Em 1913 a Imprensa deu os primeiros rebates da formação dum Centro Unionista[1]; é claro que se foram juntando outros individuos, uns sinceramente, alguns

[1] Ver coleção dos recortes, fl. de 1913.

N-16

por calculo aliás errado pois o Unionismo não dispunha da cornucopia das graças e o nucleo conimbricense do partido era perfeitamente alérgico ás tentativas de favores ou interferencias para beneficios.

O certo é que se formou o Centro Unionista primeiro num acanhado primº andar no Largo da Portagem (nesse tempo de Miguel Bombarda); depois na rua do Quebra Costas em amplo 1º andar em que havia salão proprio para reuniões e que hoje é grande armazem de moveis.

Eu creio que pouco entrei nestes arranjos e digo creio porque me não lembro bem dos tramites seguidos para se chegar á festiva inauguração das instalações na rua do Quebra-Costas no dia 25 de Junho de 1916, inauguração que deu certo brado em Coimbra e foi, na verdade, uma festança politica de certo relevo.

Foram, de Lisboa, alguns magnates como o José Barbosa que era o secretario do Directorio, o Jorge Nunes, o Aboim Inglês, o Moura Pinto e outros que discursaram e comeram e beberam durante um «copo de agua» que lhes oferecemos na mesma

sede do Centro, com bom serviço de qualquer restaurante da cidade.[1]

Do Porto e Gaia foram alguns unionistas mais importantes como o Dr. José Maria de Oliveira, o coronel de Artelh.ª Belchior de Figueiredo, Alexandre de Barros e outros.

A Luta deu notícia circunstanciada da festança, com resumo dos discursos e com a alocução, na integra, com que o dr. José Rodrigues de Oliv.ra abriu a sessão inaugural.[2] Foi, de facto, uma sessão interessante que deixou em todos a melhor impressão e até nos adversarios que assistiram — pois não se fechou a porta a estranhos ao Partido.

Mas . . . o Partido Unionista em Coimb.ª não tinha valor eleitoral. Era este o seu grau de calcanhar.

Constituído por gente boa, gente que se impunha ao respeito dos proprios democraticos,[3] o Partido não singrava porque era a negação do favoritismo, de tricas e conluios politicos. Creio até, se a memoria

---

(1) Ver fl. de recortes de 1916.

(2) Conservei o recorte do n.º da Luta em que vem a notícia; ver fl. de 1916

(3) Ver fl. de recortes de 1913.

me não falha, que não concorreu ao Congresso do Partido em Agosto seguinte, em Lisboa, congresso que deu certo brado pelo conjunto de elementos de alto valor intelectual e moral que ali se reuniram.

Dava-se até o caso interessante (mas honroso para nós) de o Moura Pinto que se arvorára em mentor político unionista no Distrito, não ter qualquer influencia em Coimbra. O Moura Pinto queixava-se até de que a cidade lhe escapava devido a mim; que eu lhe cortava sempre as vazas, que lhe não deixava pôr pé em ramo verde, armado em defensor dos Principios que para ele eram perfeitamente bagatelas.

Havia verdade, alguma verdade nestas queixas. Não quero aqui vangloriar-me nem deixar este testemunho para a Posteridade me enaltecer; mas o Partido, em Coimbra, tinha como chefe visivel e oficial, o dr. José Rodrigues de Oliveira que todos respeitavam e acatávam; mas quem mais chefiava e impunha directrizes era eu, em regra através do bom dr. José Rodrigues que me ouvia sempre que o procurava e que se me dirigia quando tinha qualquer resolução de mais vul-

to e não queria ou receava resolver só por si. Continuo a dizer: isto não é vanglória, isto é a verdade talvez hoje difícil de confirmar testemunhalmente porque serei, quero crer, o único sobrevivente desse grupo de, afinal, bons políticos.

O chefe visível era o dr. José Rodrigues; o invisível era eu que estou aqui a escrever, já velho, em dia quente de Setembro, nesta quintarola da Paz onde perante tantas recordações boas doutros tempos, em que não havia Patrão a pensar por nós todos Portugueses, e perante a serenidade da consciência de quem, com quase 83 anos, nunca procedeu na vida com vilania — não apetece mentir e falsear sem necessidade estas páginas que vão escritas como «clara certidão de verdade» nos termos em que Fernão Lopes ensinou há alguns séculos.

Mas a verdade também é que o tempo passou e particularidades dessa quadra de certa actividade política e social varreram-se-me da memória; já me seria difícil

---

(1) Isto foi escrito, na Paz, no dia 5 de Setembro de 1962.

reconstituir episodios que poderiam ter interesse e ajudariam a descrever o periodo; nem sempre tomava notas que seriam apenas bases boas e seria necessario rever colecções de jornais para avivamento da memoria.

Mas não tenho ocasião nem tempo para esse trabalho e o que me preocupa agora é andar depressa enquanto os olhos deixam ver e o pulso deixa escrever com letra mais ou menos firme.

Os sucessos terão que ser contados com certa brevidade a não ser que passe por alguns de que deixei apontamentos subsidiários ou de que a memoria, ainda não falha de todo, possa ditar certo.

E deste ano em deante os sucessos foram graves até á eclosão do sempre celebrado 28 de Maio; nalguns me vi envolvido e hoje lastimo não os ter deixado anotados com suficiente largueza para que fique um ou outro subsidio historico razoavel.

Como escreveu o prof.or Luis Halphen (1)

---

(1) Introdução á Historia, tradução portuguesa, Coimbra, 1961, pag. 15.

muito recentemente, «todos nós, mais ou "menos, fazemos história como Monsieur "Jourdain fazia prosa...»

Vamos a ver, pois, o que posso contar sem faltar á verdade. Istó de, aos 83 invernos querer contar sucessos de ha uns 45 anos pouco mais ou menos, é sempre tarefa arriscada quando a intenção é contar com a possivel exactidão. Terei até, talvez, que deixar em branco um ou outro episódio de menor valor não só para não alongar muito estas «memorias» que vão já alem do que eu queria, como tambem para não estar a perder tempo com possiveis leapatélas.

E vamos lá a istó com paciencia e enquanto, como acima disse, o meu estado fisico autorizar esta extravagancia de escritor honorario...

E digo <u>honorario</u> porque creio que nunca o fui <u>efectivo</u>. Pelo menos nunca assim me consideráram.

Ora pois.

O Partido Unionista em Coimbra com o qual dei começo a este capitulo, lá foi vi-

vendo sem nada de notável a recomendar notícia a não ser um episódio curioso que se deu quando começou o período sidonista — episódio que não esquecerei de contar mais adeante.

Eu acompanhei sempre com dedicação os trabalhos que, aliás, não foram muitos; uma das maiores tarefas era a de contrabalançar ou desfazer manobras políticas do Moura Pinto que se queixava de os unionistas de Coimbra nada saberem de política.

De facto, os unionistas conimbricenses, eram pouco ou nada conhecedores de trapaças de campanário; de forma que o Moura Pinto que nesse assunto era mestre de capelo e borla via-se ás vezes em palpos de aranha para conseguir os seus fins e acusando em regra a minha oposição que ele bem sabia efectiva se bem que (deve dizer-se em sua honra) não a levava a mal.

Dizia-me o bom Alfredo Costa (o amigo que lhe recebia as confidencias) que apesar da minha oposição, aliás sempre correcta, o Moura Pinto tinha certo fraco por mim.

Ele era dotado de inteligencia m.to viva e de espírito compreensivo; e daí talvez

viésse a complacencia com que sempre suportou as minhas investidas.

Não me lembro se já contei aqui a maneira como eu, pela primeira vez, cheguei á fala com ele. Quero crer que não e vou contá-la rapidamente.

Quando, por 1913, se pensou em organizar em Coimbra o Partido Unionista, como referi, um dia fui procurado em casa pelo medico Ant.º da Rocha Manso que me disse que o Moura Pinto estava na Baixa com o Dr. Costa Mota e me queria conhecer.

A minha primeira reacção foi de recusa e respondi:

— Se ele tem interesse em me conhecer que venha a minha casa.

O Rocha Manso, que me conhecia bem, não se agastou; deixou passar o repente e, com paciencia e alguma velhacaria, convenceu-me a sair de casa e ir conhecer o homem que já então começára a ter nome e valimento no alto-distrito.

Ora o Moura Pinto, nos ultimos tempos da Monarquia, militára no Partido Progressista e fôra Administrador do Concelho em Arganil, durante um governo de influen-

cia desse Partido. Apesar de tal, o Moura Pinto meteu-se na campanha republicana e alguns correligionarios de Coimbra me citaram o nome dele como elemento de ligação com os republicanos do alto-districto e, se bem me lembro, me contou-me que sabia das boas relações politicas e revolucionarias com o João Chagas.

Isto não me caía bem. Ser administrador do Concelho e ir receber indicações do João Chagas... não me parecia procedimento dos mais proprios. De modo que, quando o Rocha Manso me convidou para me ir encontrar com o Moura Pinto, eu tive a natural reacção que referi; mas o Rocha Manso teve artes de me levar e lá fui, um tanto ou quanto contrariado, até á Baixa, á Calçada, onde encontrámos o Costa Mota e o homem encostados á porta dum estabelecim.to (ourivesaria, salvo erro) hoje a Agencia do Banco Ultramarino.

O Moura Pinto, mal nos aproximámos, dirigiu-se a mim, cerimoniosam.te, com certa reverencia, e logo me disse que me conhecia ha muito de nome, que me desejava conhecer pessoalmente e outras ama

bilidades que terminaram por esta frase infeliz, dita com ar de mágua:

— ... porque, afinal, nós eramos tão poucos...

Eu ia mal disposto; a frase que ele largou com intenções de certo lisonjeiras, soou-me mal. Aquele <u>nós eramos</u> queria dizer que ele, Moura Pinto, era dos republicanos historicos. Subiu-me qualquer coisa á cabeça que me não deixou conter:

— Perdão, sr. dr. Moura Pinto: eu não era progressista...

E' claro que isto, de minha parte, foi inconveniencia manifesta; porem ele era de bom estofo, não se desconcertou e salvou a situação com qualquer amabilidade como se não tivesse ouvido o que eu dissera. E a conversa seguiu, com certa riveza cordeal; o Costa Mota e o Rocha Manso procuráram desanuviar a atmosfera que eu carreguei malcreadamente — e eu proprio consegui fazer esquecer o caso, tanto mais facilmente quanto era certo o Moura Pinto ser um excelente cavaqueadôr.

Bons tempos! Hoje seria capaz de armar frase equivalente a qualquer cida-

dão que me aparecesse, como o Maura Pinto, a alegar primazias?

As minhas relações com o Maura Pinto foram sempre amistosas mas sujeitas a estes contratempos bruscos que ele deixava resvalar pela sua insensibilidade. Ultimamente, vencido, doente e quase abandonado, lastimei-o; escrevi-lhe umas cartas amaveis para a Quinta dos Vales [1] onde se refugiára, cartas que ele recebeu com gosto e a que respondeu com sinceridade.

A aproximação da morte e o abandono e dificuldades de vida em que se encontrou, fizeram-no ser sincero.

Mas voltando ao Partido Unionista em Coimbra... Com altos e baixos foi vivendo com numero reduzido, mas bom, de correligionarios.

Com a subida do Sidonio Pais ao poder, em fins de 1917, e com a fama de que o dr. Brito Camacho protegia a situação para a qual dera tres ministros (um dos quais o Maura Pinto) logo apareceram creaturas a

---

(1) Patrimonio de familia, perto de Vila-Cova-de Sub-Avô, concelho de Arganil.

filiaram-se com a mira evidente no interesse. Foi quase, não direi uma avalanche de aderentes, mas uma grande cabazada deles que iam afirmar a sua concordancia com os principios de ordem, de moralidade, de tolerancia, etc.

Lérias...

Os velhos unionistas sentiam-se um tanto ou quanto aturdidos e desgostosos no meio daquela inundação; não havia sinceridade de qualquer especie naquele afan de adesões; e a verdade é que, passado o periodo sidonista e com a balburdia das Juntas Militares e da Monarquia do Norte em 1919, o Partido Unionista em Coimbra ficou reduzido ao que era antes da revolução salvadora. Tinha de ser assim e antes assim.

Ficámos livres de toda aquela ancia de interesses que zumbia desagradavelmente á nossa volta. E como tal se viveu até fins de 1919 quando, a seguir á eleição do Dr. Antonio José de Almeida para a Presidencia da Republica se resolveu a dissolução do Partido Evolucionista para com aquele se constituir o Partido Liberal Republicano dirigido por um Directorio.

Houve reuniões em que o caso se discutiu e em que foi aprovado a nossa dissolução e integração no novo agrupamento político. Eu aprovei tudo e declarei muito terminantemente que ficaria de fóra, que não ingressaria no novo Partido e reconquistava a m.ª independencia — no que fui seguido por muitos poucos.

Para mim foi um alivio e nunca mais me vi envolvido em matéria politica. Não simpatizava com os evolucionistas locais q. aliás me fizeram tapetes para ingressar nas suas fileiras; pareceu-me melhor não tentar nova experiencia. A anterior foi suficiente para me incomodar se bem que serviu bastante para conhecer homens e certas situações.

Não sei já o resultado que deu em Coimbra a fusão dos dois grupos em que o grupo unionista foi absorvido pelo outro como era de esperar; creio que me não preocupei com isso e se por acaso então notei alguma tudo se apagou, e felizmente, da memoria.

Devo confessar, todavia, que a experiencia de inspirador do Partido Unionista em Coimbra por vezes me deu satisfação.

Achava interessante ver como não era muito difícil, em certas emergências, convencer homens; e como em certos episódios consegui impôr os bons princípios sem ferir ninguem e até percebendo q. os meus intuitos eram compreendidos e menos mal aceitos.

Mas mesmo assim, terminada a minha acção, achei que foi um grande alivio e que não valeria a pena meter-me noutra experiencia.

Continúo a insistir: não conto isto por vaidade; assim mesmo é que tudo se passou. A minha interferencia foi na realidade grande na vida do Partido; e sinto ainda hoje, passadas umas décadas, a consolação de me lembrar que me acataram sempre e muitos dos correlegionarios se mostráram meus amigos.

Ora deixêmos o Partido Unionista entregue ao juizo da Historia e continuêmos com a m.ª triste vida...

Estâmos em 1916 e eu era ajudante do regimento de Infantaria n.º 23 desde Setembro de 1915, proposto em Agosto pelo então coman

dante, o coronel José da Silva Bandeira. Estava, se não me engano, em Arganil, no decorrer da Escola de Repetição quando a Ordem do Exército chegou[1]; deixei, por isso, o comando da Companhia e assumi em 22 o cargo que era até então exercido pelo capitão António Pereira de Sande promovido, na mesma ordem, a major.

Vivia-se, nessa altura, na perspectiva da guerra e com mais visos de verdade do que no ano anterior quando se preparava a Divisão Auxiliar que ficou apenas em projecto. Agora, o caso era diferente: em Fevereiro foram apreendidos os barcos alemães que se refugiaram no Tejo, o que provocou, em 9 de Março, a declaração de guerra por parte da Alemanha.

Como é natural, isto causou no País grande comoção e no exército começaram murmurações principalmente depois dos exercícios de Tancos organizados com mão dura, pelo ministro Norton de Matos que era, por assim dizer, quem mandava no Governo.

---

[1] O.E. nº 18, 2ª série, de 18 de Setembro.

Vivia-se num ambiente excitado; os democraticos berravam pela nossa partici-pação imediata na guerra duma maneira, quero ainda crer, pouco politica; e as diver-gencias partidarias continuávam embora o governo se entitulasse da «União Sagrada.»

No exercito começou a conspirar-se e em Dezembro, nas guarnições de Tomar, Abrantes, Castelo Branco e Figueira da Foz, rebentou no dia 13 a primeira sublevação a sério. O nome de Machado Santos era o centro de convergencia dos revolucionarios; como não era mt.o inteligente e ao mesmo tempo cheio de vaidade pela sua acção em Outubro de 1910 (que na verd.e parece ter si-do decisiva), foi facil convence-lo de que seria de novo salvador da situação e como tal foi para Tomar onde chefiou o levantamen-to que talvez sem ele se não realizasse.

Creio dizer a verd.e escrevendo que em Coimbra não se sabia, ou muito pouco se suspeitava, do que se preparava. Tenho a lembrança de que a sublevação foi surpre-za se não p.a todos, pelo menos para grande maioria dos oficiais da guarnição. Porem a revolta falhou e os oficiais da Figueira da Foz

foram presos para Coimbra onde chegá-ram á noite não me lembro se no mesmo dia 13 e alojados no edificio da Penitenciaria, onde estavam as secretárias e a residencia do directôr, e onde á pressa se arranjaram camaratas nas salas do rez-do-chão, do lado esquerdo de quem entra.

No quartél de Infª 23, fronteiro á Penitenciaria, estavamos, é claro, de prevenção e vimos chegar a leva dos presos.

Fez-me impressão aquele espectaculo de vencidos, quase todos á paisana, carregando cada um com suas maletas, com ar de cansaço, a sairem dos automoveis e a dirigirem-se para a Penitenciaria acompanhados por outros oficiais segundo as regras.

Na sala do quartél para onde deitava a secretária, o conselho e o comando, eu e alguns oficiais comentámos o caso e resolvemos, sem discrepancia de opiniões, ir visitar os homens e oferecer-lhes os nossos serviços.

Lembro-me de que no grupo estavam o Luis de Castro e Almeida, o Joaquim Mendes não sei se ainda tenente, os alferes Alexandre de Morais e Vitorino Peres Fur

tado Galvão saídos recentemente da Escola do Exercito; havia ainda outros de quem já me não lembro.

Saímos, atravessámos a rua e fomos ás camaratas improvisadas cumprimentar os presos; a recepção não foi muito amistosa, possivelmente como acusação por nós nos não termos revoltado tambem; mas em fim atenderam-nos o melhor possivel e perante o conhecimento de que eles ainda não tinham comido desde a manhã, nós resolvêmos cotizarmo-nos e mandar vir jantar para todos, encomendado com urgencia num restaurante da Alta — como de facto se fez.

E regressámos ao quartel mais ou menos satisfeitos.

Ora o comand.^te^ do regimento José da Silva Bandeira andou todo o dia numa roda viva, furioso contra os revoltados, e pôz dificuldades no fornecimento de objectos necessarios ao alojamento dos presos, com afirmações de puro facciosismo politico, com ameaças, etc.

Quando soube que um grupo dos seus oficiais fôra cumprimentar os traidores, foi

o bom e o bonito! Quase todos nós, os do 23, por acaso estávamos reunidos na sala já citada a que chamávamos «dos passos perdidos»; entrou ele estaforido e increpou-nos em termos violentos.

Ainda estou a ver os oficiais, instintivamente formaram um semi-círculo, calados, a ouvir os impropérios do comandante. Estava presente o major António Ezequiel David que cofiava as barbas brancas, a olhar assustado, medroso como era, a fúria do coronel.

Devo dizer que o Bandeira era, fundamentalmente, boa pessoa; a sua vida particular provava as boas qualidades pessoais; era capaz de se interessar por alguém que dele necessitasse. Contudo, naquela quadra em que a política dominava, o Bandeira perdia a tramontana quando lhe tocavam no seu Partido Democrático ou nos seus chefes.

A ida de um grupo dos seus oficiais cumprimentar os revoltosos que, de mais a mais (dizia-se) não queriam ir para a guerra, era para ele um acto de insubordinação e, até certo ponto, de clara adesão à revolta. Perdeu a cabeça e ameaçou-nos.

Eu vi em todos o mal-estar produzido por tão insólito procedimento; ninguem falava mas percebia-se, alem do mal-estar, certa indignação. Não me contive e como eu fôra um dos principais autores da diligencia amigavel junto dos presos, fiz a minha continencia e pedi licença para falar.

Estou ainda a ver a cêna... As palavras é que não sou capaz de reproduzir com fidelidade, já lá vão 46 anos; mas lembro-me de que, um pouco nervosamente, disse que não se tratava de simpatia ou adesão á revolta mas simplesmente de um acto de mera cortezia para com camaradas vencidos que poderiam necessitar de qualquer auxilio material; e frizei que bastava ser eu um dos que se lembráram do acto praticado para afastar a ideia de qualquer solidariedade politica.

As minhas palavras que deveriam acalmar a furia do coronel, lembro-me bem (e com admiração) iam sendo apoiadas por quase todos; o comandante cada vez se exaltava mais e rompeu em objurgatorias violentas de tal modo que, no grande

grupo que se formára se falava alto, cada qual reprovava a seu modo a atitude do comandante, com gestos de desagrado e de protesto. Era quase uma insubordinação que se esboçava.

Eu disse que me admirei do apoio ás minhas palavras porque, na verdade, quando comecei a falar, no meu sub-consciente pensei que iria ter novo caso de Castelo-Branco embora de origem diferente e me encontraria só exposto ás revindictas; mas o comportamento do coronel foi tão estranho que os oficiais presentes possivelmente animados pela minha intervenção, começaram a dar largas á sua má vontade e, a pouco e pouco, como a bola de neve, essa má vontade foi aumentando até ao ponto de o Bandeira sucumbir.

Perante o crescente tumulto, o coronel de repente, calou-se; olhou-nos com arrogancia e disse com ar ameaçador:

— Estou a ver que me não querem cá; pois vou-me embora.

Entrou no gabinete, esteve um bocado fechado e saiu depois armado e disse ao major Esquivel David que era então o

oficial superior mais antigo e, se me não engano, o 2º. comandante:

— Vou ao Quartel-General...

E saiu furioso. Ninguem o acompanhou á escada. O proprio majór Esquivel ficou atarantado — o que, aliás, não era de estranhar. E todos nós ficámos a olhar uns para os outros...

E quando se começou a falar, concordámos todos em que o coronel se iria queixar (como foi) ao General.

Comandava então a Divisão o Tamagnini de Abreu que era creatura ponderada e conhecia suficientemente o Bandeira; dizia-se até que na organização do Corpo Expedicionario Português se poz de lado a numeração dos regimentos que constituiriam a Brigada que teria de marchar para França (Infantaria 23, 24 e 28) para passar o comando para Inf.ª 24 onde estava o coronel Péres,[1] oficial distinto, sabedor e com cabeça, quando, no plano, esse comando deveria caber a Inf.ª 23. Quer o General Tamagnini quer o proprio ministro Norton de Matos,

[1] José Péres, depois promovido a General.

não queriam, segundo corria de boca em boca, o coronel Bandeira em tal cargo.

E tinham razão.

O que se passou no Quartel-General não se soube; uns tres quartos de hora depois o major Esquivel David, chamado ao telefone, recebeu ordem de assumir o comando da unidade e todos nós passámos a noite em claro á espera do que desse e viesse.

Afinal... o episodio ficou quase por aqui. O Bandeira foi colocado em qualquer situação que já me não lembra e não voltou ao regimento e para este veiu, pouco tempo depois, o coronel Hermenegildo Augusto dos Santos Pestana em quem caiu a tarefa da mobilisação do 1º Batalhão para França, ainda de tres companhias de reforço para Moçambique e Angola e em que ele trabalhou abnegadamente, e com a maior seriedade sem se poupar a qualquer esforço.

E o caso do Bandeira passaria á historia se ele não désse, no fim do ano, ordem ao Esquivel, ainda comandte interino, para lhe mandar os impressos das informações anuais para ele preencher.

Eu observei ao major que me parecia irregular o desejo do cor.el Bandeira; deixára de ser comandante em 13 de Dezembro e as informações seriam assinadas em Janeiro seguinte. O Esquível, medroso como era, não entendeu assim e mandou a projetada toda.

E o cor.el Bandeira vingou-se nas informações daqueles oficiais que mais se salientaram na manifestação de desagrado. A minha informação, que vou aqui deixar transcrita, prova certa inferioridade; o facciosismo político e a ferida aberta no seu orgulho de comandante que se julgava estimado e respeitado, levaram-no á baixeza de envenenar o _juizo ampliativo_ como envenenou.

Baixeza?... Não sei se será justo classificar de baixeza; mas espírito inferior de vingança foi de certo.

Aos nove quesitos regulamentares respondeu bem; o _juizo ampliativo_ é que trazia o veneno — que afinal (assim como a nota de anarquista dada pelo cor.el Duarte Ivens) me acompanhou sempre, quero crer, até á porcaria do generalato.

Ei-lo:

« E' inteligente, ilustrado, bom chefe de
"familia e tem m.to boas qualidades morais.
"Como ajudante do regimento desempenha
"as suas funções com m.to criterio e metodo,
"mantendo os seus subordinados numa dis-
"ciplina firme e benevola. E' muito estudio-
"so e versado em assuntos historicos ao mes-
"mo tempo que se põe a par da moderna cien-
"cia da Guerra. Com todos estes bons requi-
"sitos será para lastimar que o seu sectaris-
"mo politico ou um mal compreendido es-
"pirito de camaradagem o possa impelir al-
"gum dia a faltar aos deveres de disciplina
"e á confiança inerente aos deveres do seu
"cargo. Estou porem certo que saberá refrear
"esses impulsos, se um dia os tiver, e bem
"merecer sempre da Patria e da Republica
"de que é fervoroso apostolo. Julgo-o digno
"de promoção. — (a) José da Silva Bandeira,
"coronel. »

A' primeira vista parece um louvor; mas repare-se na venenosa insinuação a respeito do meu sectarismo politico (!!!...) ser capaz de me levar a faltar aos deveres e á confiança, etc. etc.

Enfim, assinei e deixei correr; não sei se fiz bem se fiz mal. Houve quem me aconselhasse a reclamar; o Augusto Casimiro que, ao tempo, estava em Coimbra, contou o caso ao Norton de Matos e este respondeu que reclamasse que ele lá estava para atender com boa vontade.

A verdᵉ. porem é que a reclamação, nestes casos, não ia para o ministro mas sim para o Conselho Superior de Promoções e eu já tinha a experiencia de 1910 que me deu algumas dôres de cabeça — fóra os transtornos que me causou.

Deixei correr. O Destino tinha que se cumprir... A minha vida tinha que ser o que foi, infelizmente.

E' claro que eu e o Bandeira ficámos com relações bastante frias; nunca deixei de o cumprimentar mas depois, com o Sidonismo e a Monarquia do Norte, tivemos de nos encontrar uma vez por outra e as relações voltaram se não ás antigas que eram bastante amistosas, pelo menos a um aparente bom entendimento.

Com o tempo, envelheceu, enviuvou e adoeceu gravemente; fui visita-lo pouco

tempo antes de morrer, umas duas vêzes a Coselhas onde fôra viver com uma antiga creada de quem teve dois filhos e com a qual veiu a casar.

Morreu num dia de Julho, salvo erro, em que houve forte trovoada e inundações.

Passado este episodio da revolta, tratou-se no regimento da mobilização para França. Foi um trabalho duro a que o Cor.^el Bestana se não escusava; nos fins de Janeiro de 1917 partiu o prim.^to contingente para o Corpo Expedicionario e outras levas se seguiram, um pouco a trouxe-mouxe devido ás más vontades, a toda a especie de resistencias e, por vêzes, a actos de rebeldia que o Norton de Matos ia esmagando.

Foi um máu periodo, esse, em que parte do exercito com o pretexto de que queria saber as razões da mobilização, se recusáva á partida ou dificultava a organização dos contingentes. E, por outro lado, os democraticos excitavam o mal-estar com acusações de traição em vez de procurarem apaziguar os animos com moderada politica. Passaram-se maus bocados e os odios

politicos exarcebaram-se ainda mais depois da queda do ministerio da *União Sagrada* e da subida ao poder, em fins do mês de Abril, dum ministerio completamente *democratico* presidido pelo Dr. Afonso Costa.

De França vinham más noticias; cá dentro continuava o mal-estar; e percebia-se que no *sub-solo* havia forte fermentação.

Assim chegou o verão de 1917 com as mobilizações realizadas; consegui, mesmo assim, uns tempos de descanço na quintarola da Paz em Outubro. Nos começos de Novembro regressei a Coimbra, voltei á tarefa de ajudante do regimento e as coisas iam correndo com a possivel normalidade quando apareceu em cêna o Sidonio Pais.

Foi mudança completa de cênario e por isso mesmo merece capitulo á parte...

Q.ta da Paz e Lx.a

Aos 20 de Agosto, 5 de Setemb.o

e 16/19 de Outubro de 1962.

X

«São achaques da velhice
Virêmos de remembrança
E em longas falas fazermos
De tudo comemorança.»

Ant.º Gonçalves Dias: Sextilhas de Fr. Antão, Pag. 29.

Em certa noite de Novembro de 1917, bateram á porta da minha casa de Coimbra. Eu estava só porque a familia ficára ainda na Paz. Abri e apareceu-me um individuo com ar distinto que me entregou um bilhete de apresentação escrito pelo Dr. Brito Camacho com poucas palavras mas as suficientes para eu farejar tramoia revolucionaria na forja.

Era um engenheiro Nogueira Soares, do Porto, que me disse logo que vinha em nome do Dr. Sidonio Pais de quem era proximo parente por parte da esposa deste.

Lembro-me de que rasguei, à vista dele, o cartão do Brito Camacho para ficar ciente de que compreendi as razões da visita e dispus-me a ouvi-lo, verdade, verdadinha, um pouco contrariado.

Nunca tive feitio para conspirador; tinha a impressão (pelo que já tinha visto) de que conspirar a sério era coisa muito difícil; nem sempre os princípios dominam e os interesses surgem na maioria.

Mas, enfim, depois do bilhete do Camacho, a minha obrigação era ouvir atentamente a mensagem sidoniana.

O engenheiro Nogueira Soares era pessoa muito correcta e pareceu-me inteligente e sério. Expôs-me o caso com simplicidade e clareza: estava em marcha uma conjura chefiada por Sidónio Pais, mais ou menos á sombra do Partido Unionista, com a finalidade de expulsar os democráticos do poder e fazer entrar o regime em caminho diferente. Havia na conjura elementos fortes militares e civis que asseguravam o êxito se bem que se previa luta dura atendendo a que o ministro Norton de Matos não era homem para se render com duas palavras.

Sem citar nomes, afiançou o apoio de varias guarnições e, no plano geral do movimento, verificava-se que Coimbra não tinha representação de qualquer especie. Viera, por isso, a Coimbra, informar-se do que havia e com que se poderia contar — pois o dr. Sidonio admirava-se dessa falta e não a compreendia.

Embora a exposição do exmo. não fosse longa deu-me tempo suficiente para pensar na resposta. Fiz um exordio relativo á minha falta de habilidade para conspirar; mas entrei depois a serio nas informações pedidas e expliquei que na guarnição não havia grandes simpatias pelos democraticos e que ainda não tinha dado por qualquer tendencia revolucionaria. Os bons elementos que havia e não foram mobilisados, não eram creaturas para se meterem na organização e um ou outro capaz de o fazer não tinham, a meu ver, a idoneidade necessaria para se lhes confiar trabalho dessa ordem e com o inconveniente de, no caso de vitória, seriam perniciosos para o restabelecimento da ordem necessaria — o que aliás é de todos os tempos e de todas as revoluções.

Não sei se o engenheiro Soares ficaria convencido da verdade da exposição desanimadora que lhe fiz; mas entendi que o não devia iludir acerca do valor da guarnição q. com as anteriores mobilizações ficára desfalcada dos elementos que poderiam ter pêso no assunto.

Depois, a conversa derivou para o estado geral da politica do País e a certa altura o Nogueira Soares foi-se embora apenas com a promessa de eu ir ver com atenção o caso e, se a memoria me não atraiçôa, com um bilhete meu de apresentação ao José da Costa Figueiredo, capitão mto recente e receoso de ir para a guerra... Unico que me pareceu capaz de se interessar.

Levei a noite a pensar no incidente; no dia seguinte avistei-me com o Costa Figueiredo que se mostrou muito honrado com a incumbencia e me disse que ia trabalhar — tanto mais que estava a ver que ia ser nomeado para a Africa... como, afinal, foi pouco depois.

E aqui estão as minhas responsabilidades no movimento sidonista que andava na forja.

O Sidonio era, de facto, republicano em-bora republicano escondido ou cauteloso pois noutros tempos era arriscado mostrar-se como tal. Dizia-me o José Augusto Pereira de Vasconcelos que nas vesperas de eleições o Si-donio ia sempre ao escritorio dele pedir-lhe uma lista republicana, mas fazia-o com certo recato.

Isto, é certo, provava que o homem não era monarquico, mas tinha o inconveniente de provar tambem que não era creatura para assumir, nessa altura, grandes responsabili-dades. Adeante.

Mas quem é que o cercava? perguntava eu aos meus botões. Como se déra tal trans-formação, de cauteloso e receoso para chefe revolucionario em ocasião tão perigosa? Não haveria manobra reaccionaria á sombra de ~~b~~ se vulto que creára já certo prestigio?

Eu desconfiava e para comprazer com o bilhete do Dr. Brito Camacho é que respondi co-mo respondi. Se não fosse isso diria clara-mente que não a qualquer solicitação de carac-ter revolucionario.

Não gostava dos democraticos; mas deita-los abaixo com ajuda dos reaccionarios é que

eu não faria. Alem disso, eu não sabia ~~os~~ quem eram os promotores da sublevação alem do Sidonio Pais que, tambem, não sei porquê, me não ~~merecia~~ uma confiança por aí alem. E depois... vinha da Alemanha, com tendencias militaristas segundo se dizia — ele que foi sempre um paisano ás claras.

Enfim, era mais uma revolução que em nada iria melhorar o regime e ajudaria a confirmar lá fóra a nossa incapacidade de governo, no momento em que as nossas tropas se envolviam na grande luta que se apresentava de máu cariz para os paises ocidentais.

O Costa Figueiredo andava entretido na sondagem dos animos creio que sem resultados apreciaveis; e eu esperava os acontecimentos com certa preocupação até que, em 5 de Dezembro, estoirou a bomba.

Em Lisboa, grande numero de tropas da guarnição saira dos quarteis e tomara posição na Rotunda comandadas pelo Sidonio Pais; o governo organizou energicamte. a resistencia e os boatos fervilhavam.

Nós, em Coimbra, estavamos de sipaio na prevenção e as noticias oficiais eram um pouco contraditórias como sempre acontece

em casos identicos. Depois, em 6, soube-se que em Vizeu o Machado Santos com os oficiais que lá estavam presos desde a revolta do ano anterior, tinham insurreicionado a guarnição e certamente iriam marchar contra Coimbra.

Comandava então a Divisão o general João Evangelista Pinto de Magalhães, meu antigo instrutor de Infantaria na Escola do Exercito e director dos trabalhos no campo e dos chamados das salas. Era nessa altura capitão de Caçadores e alcunhado de o Caneco certamente por ser indio. Não era má pessoa, tinha muita paciencia para nos aturar e não lhe faltava indulgencia para todas as nossas irreverencias.

Muitas vezes se deram episodios curiosos com ele com os quais se não agastava. Uma vêz, ao dispersarmos na parada depois de um exercicio de Infant.ª e ao descermos a rampa para a arrecadação do armamento, o Mario Silvio Ribeiro de Menezes sempre bem disposto, levantou a espingarda e cantarolava em voz bem clara:

« O Caneco e mais a amiga
Fizeram uma patuscada ... »

Neste passo da cantiga viu que, em cima, na grade da parada, que deitava sobre a rampa, o capitão Pinto de Magalhães, meio serio meio irónico, lhe dizia:

— Oh sr. Meneses! No fim do mês eu lhe darei o Caneco e mais a amiga...

Todos nós reprimimos o riso mas o Mario Meneses ficou preocupado; e, depois de arrumar a espingarda, foi ter com o capitão. Este recebeu-o a rir e perguntou-lhe logo se estava com medo de ele se vingar... O Meneses riu-se tambem, conversáram e continuáram amigos da mesma maneira e no final do mês a classificação, como de costume, foi de 12 valores para todos.

Nos exercicios de quadros não sei se do 1º se do 2º ano, na serra de Alferrapide, a norte de Carnaxide, houve no final almoço ao ar livre no terreiro junto da capela da Sª da Rocha; o Pinto de Magalhães, director do exercicio, presidiu com bonomia e a conversa generalizou-se fraternalmente.

Mas o João Duarte Bemfeito que era muito garoto, misturou aguardente nas garrafas do vinho destinado ao capitão; e como este era fraco bebedor, a certa altura do almoço come-

çou a dar sinais de que lhe caira um grão na aza... Foi o que o Benfeito quiz; ao terminar a refeição convenceu, aliás facilmente, o Magalhães a fazer parte dum côro que organizára e a verdade é que o bom do capitão, remoçado, cantou com os rapazes uma cantilena que o Benfeito improvisára e que, não sei por que lutas, e com que significação começava:

«Remington, tom, tom...
Remington, tom, tom...»

Risota, alegria e confraternização por momentos. Bons tempos...

Bons?... Não sei... Mas melhores, incomparavelmente, do que os de hoje.

O Pinto de Magalhães engraçára comigo; nas salas de trabalho da Escola do Exército vinha conversar, por vezes, amigavelmente. Ele era conhecido como republicano e tinha cargo preponderante na Maçonaria — razões, talvez, que o levávam a aproximar-se.

Quando assumiu o comando da Divisão fui cumprimenta-lo no Q.el General como antigo instruendo; recebeu-me muito bem, cavaqueámos e lembro-me de que ele me expoz o seu desgosto pelo caminhar da politica

e mostrou os seus receios pela segurança do Regime.

Voltando, porém, á revolta sidonista.

A expectativa mantinha-se. Quem venceria? Finalmente, em 7, soube-se que o ministério Afonso Costa então praticamente dirigido por Norton de Matos porque o Presidente e o Dr. Augusto Soares, ministro dos Estrangeiros, estavam em Londres, demitira-se e por consequencia a revolução vingára e o Sidonio estava senhor da situação com agrasimento, soube-se depois, dos representantes inglezes em Lisboa.

Mistérios da politica internacional.

Ora aconteceu que em 7 ou 8, não posso já afirmar em que dia, fui chamado ao Quartel General. Lembro-me de que estava a essa hora no quartel a conversar com o Prof.[or] Apolinario José Leal e o Carlos Raposo, proprietario rico que acompanhava o Unionismo e muitas vezes me procurava p.[a] um pouco de palestra. Estes dois correlegionarios tinham ido ao quartel para saber noticias, calculando que eu as saberia — pois andava no ar a impressão de que o Partido Unionista subiria ao poder com a vitoria do Sidonio Pais, o que muita gente garantia.

Entardecia e chuviscava. O Carlos Raposo quando informei da chamada ao Quartel General ofereceu-se-me para me levar lá no seu automovel que deixára á porta. O que haveria ?... Ele e o Apolinario ficaram com curiosidade e lá fomos.

No Quartel-General havia barafunda; oficiais dum lado para o outro com papelada e com ordens. Andava por lá um coronel Alexandre Martins Mourão, comand.^te^ do Regimento 35 não sei a fazer o quê mas com ares de importancia. Estava-se debaixo da ameaça, segundo me disseram, da vinda do Machado Santos à Coimbra para assumir o comando da Divisão — tanto mais que, conforme corria, ele fazia parte do ministerio organizado na Rotunda.

O General recebeu-me afavelmente. Estava sereno se bem que com aspecto preocupado. Disse-me que me chamára porque queria confiar de mim um serviço delicado e de certa importancia. E expoz-me: o Machado dos Santos estava em Luso com as tropas aquarteladas em Vizeu e um esquadrão de cavalaria de Nelas; queria entrar em Coimbra com toda essa gente e já trocára com ele, Ge-

neral, telegramas um pouco asperos especialmente porque não era tratado por Almirante — posto a que se julgava com direito. Ora ele, General, não queria agravar a situação e parecia-lhe que o Machado Santos (que pessoalmente conhecia muito bem) teria conselheiros máus que não deixariam explicar as coisas como elas eram.

O Pinto de Magalhães queria que as tropas regressassem a quarteis e se deixassem de basofias de conquistadores; e queria que o Machado Santos seguisse para Lisboa com os seus oficiais e compreendesse que o não podia tratar por Almirante porque o não era; não havia Ordem da Armada ou Diario do Governo onde viesse o decreto de promoção. Desde que esse decreto aparecesse oficialmente, não tinha a menor duvida em lhe dar as honras do Almirantado.

Depois de varias considerações acerca da desordem politica e, baixando a voz, de mostrar preocupações pela vitoria do Sidonio que considerava vitoria reaccionaria, acabou por me pedir para eu ir ao Luso, como seu delegado oficioso, falar ao Machado dos Santos, expôr-lhe a situação e solicitar-lhe a desistencia da

entrada triunfal em Coimbra e explicar-lhe o caso do tratamento que tanto melindrára o homem da Rotunda.

Eu fiquei-me a olhar para o General: então eu, um simples capitão, desconhecido certamente do Machado dos Santos, é que ia, como medianeiro num caso tão complicado e, até certo ponto, melindroso? Expuz as minhas duvidas amavelmente; o General ria-se e confessou-me que não conhecendo a oficialid.e da guarnição, confiava em mim, como velho amigo e conhecido, e alem disso correligionario, a missão que reputava importante para o seu prestigio.

Tive que lhe dizer que ia...

~~Ele~~ então deu-me um abraço e pediu ~~pa~~ que fosse o mais depressa possivel.

Desci á rua onde o Raposo e o Apolinario Leal me esperávam; disse-lhes o que havia e o Carlos Raposo, radiante pelo inedito da aventura, ofereceu o seu carro dispensando o do Comando que o General pôz á minha disposição.

Tive de voltar ao Quartel para explicar ao Cor.el Bastaua a missão de que fôra encarregado e justificar a minha ausencia.

Estava, nessa altura, no gabinete do Coronel o Major Luis Augusto de Campos Figueira que, ouvindo a minha narração, farejou logo maneira de se evidenciar; e quando saí do gabinete, para ir á aventura que me surgia, veio pedir-me, com muito interesse, licença para me acompanhar. Respondi que o carro não era meu e só o Raposo poderia autorizar; estranhei o interesse dele, fiquei com a impressão de que não deixar perder a ocasião de parecer que prestava serviços á revolução vencedora e assim ficaria um tanto ou quanto crédor á nova situação politica.

Seria ou não seria. O certo é que desceu logo a escada e foi pedir ao Raposo, seu visinho e conhecido, a autorização para ir — o que este, um pouco admirado, não viu razões para recusar.

Era já noite, havia chuviscos e frio. Ainda fui a casa arranjar agazalhos e... lá fômos, estrada fóra, para Souzelas, encurtando caminho, apesar da estrada má.

Passada esta vila, nas alturas do Botão, numa curva, surgiram dois homens com cara encoberta e pistolões em punho que

mandáram parar o carro. Episodio um tanto ou quanto rocambolesco...

Foi para mim, que ia sentado na almofada de traz, do lado esquerdo, que o homem mais avançado apontou a pistola. O carro era descoberto, a capota ia caída, e eu fiquei-me a olhar a creatura sem responder ás suas perguntas a respeito de quem eramos e para onde iamos.

Houve um silencio de alguns segundos que eu ia quebrar perguntando com que autorid.e ele estava ali; mas o Figueira não deu tempo e com a sua natural loquacidade explicou quem éramos e a missão amigavel que nos levava ao Luso, etc. etc.

Os homens baixaram as pistólas e pediram desculpa da paragem forçada. E nós seguimos, estrada fóra p.º o Luso.

Ao chegar á estação do carrinho de ferro, via-se soldadesca por todos os lados, um pouco ao Deus-dará; mas ao descer do carro fiquei bem impressionado ao reconhecer á porta da estação o meu condiscipulo e amigo Alberto da Silva Pais. Fui direito a ele que se admirou da minha presença ali; démos um abraço e eu expliquei rapidamente

a minha missão e pedi que me levasse ao Machado dos Santos, recolhido segundo me disse na casa do chefe ferro-viario.

Entrámos. Havia movimento de gente, soldados entravam e saiam, tudo com ar de confusão. O Alberto Pais mandou chamar o homem e levou-me para um compartimento cheio de rolos de cordas grossas e mercadorias misturadas onde me apareceu o Machado dos Santos, fardado de oficial de marinha, agazalhado com um grosso sobretudo do chefe da estação. Vinha acompanhado pelo Lobo Pimentel, tenente ou capitão de Caval.ª, uma das «almas danadas» do Sidonio, que olhou p.ª mim com ares policiais desconfiados.

O Machado dos Santos não: veiu para mim de braços abertos, sorridente e abraçou-me familiarmente. Eu aproveitei a recepção para o saudar sobriamente, é claro, como almirante e ministro, dando ao mesmo tempo as saudações do general Pinto de Magalhães.

E para não arrefecer, comecei a expôr os fins da minha missão que ele ouviu atentamente.

O Lobo Pimentel espriava desconfiado... Ao meu lado, o Alberto Pais ouvia com interesse; e o Machado dos Santos com modo amavel agradeceu a minha ida e a boa vontade do general em que não houvesse mais mal-entendidos. Concordou com o regresso das tropas aos seus quarteis visto que em Coimbra se aceitára o triunfo da revolução e nesse sentido ele ia dar as suas ordens; porem quanto ao tratamento a que tinha direito de almirante é que se mostrou um tanto ou quanto resistente.

Eu então reforcei a minha pobre dialectica:

— Vxcª. tem todo o direito á promoção a almirante e creio que ninguem o contesta... A verdade, porem, é que ainda nenhum documento oficial o comprova e o sr. general Magalhães, formalista e cumpridor como é, tem relutancia em empregar um tratamento ainda não reconhecido por lei. O sr. general mostrou-me o seu pesar por essa circunstancia e pediu-me que fizesse ver a Vxcª. a situação em que ele, como comandante da Divisão,

se colocaria se saisse fóra das normas regulamentares.

O Machado dos Santos passava por pouco inteligente e quero crer que, realmente, assim era. Ao ouvir-me, pareceu-me que não sabia bem o que responder; o Alberto Pais deu-me uma pancadinha nas costas que eu interpretei como estimulo para continuar. E de facto continuei:

— Mas, Sr. almirante: ha maneira de solucionar, talvez, estes problemas delicados; é que (acrescentei maldosamente) Vcê. é ministro do Governo Provisorio e, como tal, está acima de qualquer posto militar; assim se o Sr. general se dirigir a Vcê. como ministro, desaparecem as duvidas e tambem os melindres...

O homem sorriu-se e abraçou-me dizendo que não haveria mais questões; estava assim tudo mto. bem e não queria complicar a situação. O general que ficasse descançado, tudo correria como ele desejava; no dia seguinte iria para Lisboa e gostaria de ver o general na estação á sua

passagem no comboio por Coimbra, para lhe confirmar as suas resoluções, etc.

Ora eu, com a dialectica que desenvolvi e, de começo, com preocupações de mau exito, senti escorrer o suór apesar do tempo frio; quando percebi que o homem cedia e concordava senti alivio e fiquei satisfeito quando a conversa acabou. Tratei de me safar...

As despedidas foram afectuosas; o Machado dos Santos veiu até á porta da estação, abracei o Alberto Pais que me disse, sorrindo, ao ouvido:

— Você chegou para o homem...

Se estas palavras fossem escritas, o Alberto Pais teria escrito homem com maiuscula...

E largámos para Coimbra, debaixo do mesmo chuvisco meúdo e incomodativo. No caminho encontrámos os mesmos embuçados que não fizeram qualquer sinal e nos deixaram passar em paz. Fui ao Quartel General dar parte ao Pinto de Magalhães que me agradeceu muito e fui depois a casa jantar; desde a chamada até esse momento, não tivera tempo de comer qualquer coisa.

Os companheiros acháram a diligencia divertida; mas eu, ao entrar em casa, monologuei asperamente:

— Arre Diabo!... Para mim só vêem as espigas!...

Ora bem. Passado este episodio que ao fim de 46 não deixa de ter seu aspecto comico, continuêmos.

A revolução vingára e era voz corrente que o Dr. Brito Camacho protegia a nova ordem de coisas; e na verd.ᵉ assim parecia porque passados os primeiros dias dum governo provisorio, apparizou-se um ministerio em que havia tres graduados unionistas entre os quais a na pasta da Justiça, o nosso Moura Pinto.

Houve até uma relação de Governadores Civis que o Camacho aconselhou, escrita em meia-folha de almaço, quase toda por sua letra; o Moura Pinto guardou essa folha que eu vi, passado tempo, na qual está na o meu nome indicado para Governador Civil de Coimbra — mas riscado com traço a tinta pelo Sidonio que emendou adeante com o nome do Solano de Almeida, capi-

N-19

tão de Cavalaria,(1) meu condiscípulo na Escola do Ex.to nas cadeiras comuns.

A minha escolha para o cargo, escolha que eu ignorava, devia constar logo no Alto Distrito, certamente porque o Moura Pinto a fizera constar no seu círculo eleitoral; e a prova foi que em 14 desse dito Dezembro, ainda se não considerava a situação completamente em ordem, recebi o seg.te telegrama de Oliveira do Hospital:

« Il.mo e Ex.mo Capitão Belisario Pimenta, meretíssimo Governador Civil — Felicito V.ex.a pelo cargo que lhe foi confiado felicito o Distrito por ter V.ex.a como chefe. — (a) Antonio Pegado. »(2)

O signatário era um fidalgote de Nogueira do Cravo, conc.o de Oliv.a do Hospital, grande influente unionista e muito amigo do Moura Pinto; eu tinha com ele m.to boas relações e era pessoa estimável, m.to simpática e prestável. Foi mau administrador do

---

(1) Nome completo

(2) O telegrama ficou arquivado como outros.

que era seu, arruinou-se estupidam.te e mercê de uns amigos, veiu empregar-se no Casino do Estóril e morreu mais estupidamente, poucos anos depois, num desastre de automovel no parque da mesma estancia.

Ora este telegrama é que me deu a novidade; não sabia que o meu nome fôra lembrado e com franqueza, não gostei. É certo que, nessa altura da vida, eu conhecia muito bem a politica do Distrito, principalmente na parte correspond.te ao circulo eleitoral de Arganil; tinha nele muito boas relações pessoais e até alguns amigos que me estimávam. Não necessitava de informadores para regular como entender-se a politica devida.

A situação, porém, não me parecia segura; eu desconfiava dos seus dirigentes, desde o Sidonio Pais de quem não gostava, até aos seus cadetes, rapaziada brava e sem escrupulos que o cercava e que ajudou a perde-lo. Alem disso, o Mauro Pinto no ministerio trazia-me complicações, com certeza, porque era ministro e eu, ás duas por três, discordando da sua politica no Distrito, teria de me demitir, etc. etc. Felizmente os sucessos viéram ajudar-me.

Talvez nesse mesmo dia (não me lembro já) o Solano de Almeida que comandava o esquadrão do regimento de Lanceiros[?] que viera até Luso com o Machado dos Santos, entrou solénemente em Coimbra pela rua da Sofia, a passo, muito aprumado, seguiu Avenida Sá da Bandeira acima, rua de Alexandre Herculano, Arcos do Jardim, até á rua Larga onde parou em frente do Governo Civil; apeou-se, deixou o esquadrão á espera, subiu a escadaria do edificio e foi tomar posse do cargo de Governador Civil.

Depois... desceu e foi arrumar o esquadrão em qualquer quartel. Assim ficou a dirigir o Distrito, em regime republicano, o monarquico Solano de Almeida que no proprio acto de posse não teve duvida em declarar, sem rebuço, as suas ideias politicas.

Foi, ao menos, sincero. Nem todos o foram nessa quadra; em regra escondiam o seu monarquismo ou com o amôr da Patria ou com o criterio de obediencia ás ordens recebidas.

Havia de tudo.

Dias depois da posse do Solano como Governador Civil, teve a infeliz ideia de mandar

encerrar o Centro Republicano Dr. José Falcão, o centro do Partido Democrático, mas verdadeiramente o centro político histórico e, por sinal, de boas tradições.

Quando isso se soube, fui falar com o dr. José Rodrigues a quem expuz a necessid. de o Centro Unionista protestar e solidarizar-se com aquela arbitrariedade; o bom dr. José Rodrigues achou bem e fizemos convocar a direcção do nosso Centro para essa mesma noite.

Na reunião, exposta a razão da chamada, foi aprovada a m.ª proposta de se ir entregar a chave do nosso Centro ao Governador Civil como prova de solidariedade com o que foi ilegalmente encerrado. Esta minha proposta, lembro-me bem, causou surpresa e notei que um ou outro sócio não seria bem recebida por algum receio de represalias; mas depois de discussão amável, em que eu fiz ver que era necessario dar uma lição ao novo chefe do Distrito que nos estava a tratar como soldados, todos vieram a concordar.

Ficou assente que, no dia seguinte, depois de se retirar toda a papelada poli-

tica (actas, correspond., notas, etc.) o presidente da Direcção que então era o advogado Arnaldo Sacadura, acompanhado de algum vogal da mesma, fosse ao Gov.º Civil entregar a chave da casa dizendo que o acto nada tinha de pessoal para com o capitão Solano de Almeida mas era de não concordancia com o encerramento do Centro Dr. José Falcão e por consequencia de solidariedade politica republicana.

De facto, no dia imediato, o dr. Sacadura, velho advogado, monarquico, e homem sério e ponderado, lá foi ao Governo Civil acompanhado pelo dr. Julio Machado Feliciano, medico oftalmologista, vogal da Direcção. O Solano de Almeida estava a dar despacho á correspondencia com o 1º. oficial Augusto Gonçalves e Silva que fazia as vezes de Secretario Geral; contou-me depois este funcionario a quem chamavam por troça «o Governador Civil de Castelo Viegas» [1] que o Solano ao dizerem-lhe que estava lá fóra a Direcção do Centro Unionista á espera

---

(1) Devido a certa influencia politica nesta freg.ª sub-urbana.

de ser recebida, suspendeu tudo e mandou logo entrar os comissionados, de certo convencido de que iriam cumprimentá-lo e afirmar a sua adesão ao novo estado de coisas ou, como o Sidonio proclamava, á República Nova.

A recepção foi cordealissima; porem, quando o dr. Sacadura, com grande calma e uma grande chave na mão, começou a dizer as razões da visita, o Solano de Almeida ficou passado... De começo recusou a chave, alegando que não tinha dado qualquer ordem contra os Unionistas; mas o dr. Sacadura insistiu, poisou a chave na secretária e com vénia cerimoniosa retirou-se com o companheiro de missão.

A cêna devia tér sido curiosa.

Quando a porta se fechou, o Solano sentou-se na sua cadeira, esteve um tempo calado e depois disse para o Gonçalves e Silva com gésto sacudido:

— Aqui anda tramoia do Belisario...

E na verdade andava tramoia minha. O certo foi que, no dia seguinte, a ordenança do Governo Civil, em nome do sr. Governadôr, foi entregar a chave do Centro Unionista e

o que é mais importante, a do Centro Republicano Dr. José Falcão.

A tramoia, como se vê, dera resultado.

Todavia, esta atitude intransigente de solidaridade republicana não foi completamente mantida; com o tempo, alguns unionistas, entre os quais o proprio dr. Julio Machado, começaram a tentar aproximação com as autoridades; outros entendiam que a minha proposta fôra severa de mais, que cortava completamente a possibilid. de qualquer entendimento util.

E' possivel, é até muito natural, que andasse nisto influencia do Moura Pinto que era homem para todos os entendimentos e o certo é que, alguns socios do Centro chegáram á fala com o Solano de Alm.da não como socios mas, debaixo de qualquer razão aparente, simplesmente como cidadãos simpatizantes com a nova politica.

O Centro, porem, como organismo politico manteve-se, felizmente, á parte, nem deixaria de se manter sem o meu protesto e, quero crer, do proprio dr. José Rodrigues.

O Solano de Almeida, a certa altura, largou o cargo sem, apesar dos seus desejos

e esforços, ter qualquer contacto politico comnosco.

A *Tramoia* manteve-se a do mesmo modo com o sucessor, o Luis Alberto de Oliveira, ainda capitão e meu velho amigo dos tempos do Liceu, companheiro de patuscadas e serenatas ao luar, apesar de este não se afirmar monarquico como tambem não se dizia republicano.

Era bom rapaz, sem valor intelectual, mas tinha a garantia, para nós republicanos, de ser cunhado e fiel mandatario do João Tamagnini Barbosa então, se me não engano, ministro do Interior.

Visitei-o, uma vez, no hotel onde se hospedára, como velho amigo e disse-lhe que, politicamente não nos entenderiamos; ele não levou a mal e ficámos amigos como dantes.

Ora neste entrementes a minha situação militar mudou. O bom cor.^el Francisco Gomes, já aqui muito falado, estava Inspector de Inf.^a na 5.ª Divisão e nos fins de 1917 como se desse a vaga do Encarregado da Instrução Militar Preparatória da zona sul

da Divisão, ofereceu-ma e eu aceitei-a logo pois me livrava da papelada do regimento e me daria certas largas para me lançar com mais persistência á ilusoria e infeliz monografia de Miranda do Corvo.

Em 30 de Janeiro de 1918 recebi guia de marcha para a Inspecção e lá me apresentei em 31 — o que equivalia á colocação no Estado-maior de Infantaria; a confirmação oficial veiu depois.[1]

O trabalho era moderado e dava-me o ensejo a certas deslocações agradaveis a varias terras e terrestas inspeccionar a Instrução M.ar Preparatória dada aos rapazes das escolas primarias em regra pelos respectivos professores.

Assim, corri os lugares de Ceira, a séde do concelho de Tábua, a Assafarge, a Figueira da Foz (por 3 vezes), a Serrido, a Arganil, a V.a Nova de S.to André (Mir.da do Corvo) a Penela, á Lousã, a V.a Nova de Anços e ia fazendo os relatorios em regra pouco favorá-

(1) Determinação 5.a da O.E. n.o 2, 2.a serie, de 30 de Janeiro, recebida na Inspecção em 10 de Fever.o

reis, não á instituição da Instrução M.ar Preparatória mas porque em muitos locais que visitei os instrutores, em geral os professores primarios, não eram competentes e alguns sem condições fisicas.

Lembro-me de que, em Vila Nova de Anços o professor era homem de idade e reumatico; notei-lhe boa vontade acentuada mas a eficiencia da instrução era muito pouca.

Assim foi correndo o ano de 1918 sem novidade para mim. A politica sidonista ia dando os seus frutos; a opressão acentuava-se, os desmandos dos chamados cadetes do Sidonio eram cada vez maiores. Eu mantive-me sempre á margem de qualquer movimento contrario; o Centro Unionista ia vivendo sem qualquer acto de relevo e eu passei excelente mês e meio, em Julho e Agosto, com a familia, em Miranda do Corvo, na casinhola do Outeiro das Maias, correndo o concelho em busca de informações e documentos, copiando documentações dos arquivos das Confrarias, da residencia paroquial e de um ou outro particular — tudo para a desejada monografia q.

me consumiu anos de trabalho, canceiras e despesas e ficou em « aguas de bacalhau » como a maior parte dos sonhos ambiciosos.

Com o meu compadre José Ferreira de Carvalho, chefe da Estação Telegrafo-postal, fiz grandes caminhadas pelas aldeias afastadas, corri a serra e o aglomerado interessante da Serrinha, esquadrinhando os cantos menos conhecidos, subi ao Monte de S. Gens onde ha uma capela que creio ser um problema que deixo para os posteros que queiram resolver bagatelas — até que regressei a Coimbra já preocupado com a m.ª proxima promoção que exigia uma ida a Lisboa para a inspecção da Junta de Saude e certo cuidado com a possivel colocação em Coimbra.

Alem disso as trovoadas politicas aproximávam-se... A situação sidonista era má; sentia-se que qualquer coisa se iria dar, no ambiente havia sinais maus.

Eu, como disse, andei sempre afastado de toda essa agitação mas notava sintomas que me levávam a crer num proximo movimento revolucionario quer de

um lado quer do outro, isto é: dos republicanos que viam no Sidonio o caminho p.ª a Monarquia; dos monarquicos q. viam no Sidonio um entrave para os seus planos de restauração.

Realmente o Sidonio Pais não agradava nem a uns nem a outros; e a sua rapariada ia afastando certas simpatias. Havia muita gente presa e maltratada; havia muita gente escondida aqui e alem; lembro-me por ex.º, de que o Flaro Henriques para não ser preso teve de se refugiar no Distrito de Bragança, junto dum amigo e fingia de eng.º á cata de minas não sei de quê para não causar suspeitas.

Enfim, a 12 de Outubro de 1918, em Coimbra, rebentou uma revolta militar.

Não sei já contar o que se passou nem isso importa para estas memorias porque não tive nela qualquer parte; os jornais do tempo dirão com mais verdade. Eu estava em casa quando se ouviram os prim.os tiros e em casa fiquei todo o dia porque o tiroteio foi quase constante e eu sentia o assobio das balas por cima do telhado e, alem disso, a minha situação militar não me

obrigava a comparecer em qualquer dos quartéis.

Sobre a tarde, a bernarda acabou; vi passar, na rua de Alexandre Herculano, em grupo, os oficiais de Infª nº 23, com o corᵉˡ Pestana á frente, a caminho do Quartel-General — e á noite não houve mais novidade.

No dia seguinte vim a saber mais ou menos o que houvera. A' frente da revolta estavam, entre outros, o capitão de Infantª Romano Barnabé Ferreira e o de Administração Militar Alcide de Oliveira e já me não lembro quem mais. Fôra uma carrapata sem valor que só agravou a situação e levou os monarquicos a expirem mais e mais severas repressões.

Nessa altura começou a grassar a chamada grippe pneumonica que fez grandes estragos em todo o País e de que eu fui vítima em pequena escala: uns dias de cama, assim como minha Mulher, com pessima assistencia porque a creada tambem caiu e foi hospitalizada; a filha foi para casa duma senhora amiga que teve a coragem de arrostar com a força do contagio e atura-la durante uns dias. Da minha cama via frequentemente

pela Ladeira do Castelo para os Arcos do Jardim, desceram carros funebres com os respectivos acompanhamentos; o proprio medico, o Armando Macedo a certa altura faltou porque tambem foi atacado, embora ao de leve. Chegámos a passar uma noite sem ninguem em casa.

Enfim, uma quadra m.to má em que, alem da doença, me preocupava a situação politica e a minha propria situação militar pois esperava a todo o momento ser promovido e ... para onde?

Em Setembro anterior, no dia 9, tinha ido á Junta no Hospital da Estrela, em Lisboa para os efeitos da promoção, estava pois pronto para ser major e sem saber o que me aconteceria.

Deu-se o caso (já agora vou contar) de, na Junta, me ver em riscos de ser dado por incapaz para o serviço e, por consequencia, reformado. O seu presidente, um coronel medico "Fulano" Salgueiro, embirrou que eu estava mal do coração e dizia-me que antes ser capitão toda a vida do que major por poucos dias... Nunca soube em que ele se teria fundado para tal diagnostico; valeram-

me os outros dois medicos que não concordaram com o seu presidente e lá fiquei dado apto para todo o serviço.

Dias depois do regresso a Coimbra fui ao consultorio do Dr. Daniel de Matos e contei-lhe o caso da inspecção; ele observou-me cuidadosam.te, perguntou-me quem era o coronel-medico e disse-me q. ficasse sossegado, que o meu sistema cardiaco estava em bom estado; e acrescentou que o coronel Salgueiro fôra seu condiscipulo ou contemporaneo na Universid.e e que o conhecia bem e por isso dizia que os seus diagnosticos deviam ser sempre sujeitos a confirmação...

Maneira delicada de chamar, ao colega, ou ignorante ou estupido...

Em Agosto anterior requerera ao Ministro da Guerra para ser colocado na guarnição de Coimbra; fui entregar o requerimento ao Gen.al Jaime Leitão de Castro que então comandava a Divisão. Este recebeu-me bem, dizendo que se os dois comandantes dos regimentos informassem bem a meu respeito, ele propunha-me para qualquer das vagas ~~[illegible]~~ existentes, mais provavelmente para a do regim.to

de Infantaria nº. 35 e despediu-me amavelmente apesar do seu feitio sêco e rígido.

As informações dos dois comandantes de regimto. foram muito boas especialmente a do corel. Alexandre Martins Mourão, de Infª. 35 que se espraiou em considerações de certo lirismo... E em virtude disto desceu do Ministério da Guerra a nota seguinte:

« S. R. — Secretaria da Guerra — 1ª. Direcção Geral — 2ª. Repartição — Nº. 9047 — Lisboa, 5 de Setembro de 1918 — Ao Sr. Inspector de Infantª. da 5ª. Divisão do Exercito — Coimbra — Do Chefe da Repartição — S. Exª. o Director Geral encarrega-me de dizer a Vª. Eª. q. foi deferido o requerimento que acompanhou a sua nota nº. 692 de 16 de Agosto ultimo no qual o capitão de Infantaria B. P. em serviço nessa Inspecção pede a sua colocação em Coimbra quando promovido a major. — (a) Frederico E. F. Oliveira, corel. »

Estavam, pois, as coisas neste pé quando o Armando Macedo, já restituido á vida clinica, me deu alta e autorizou a sair e a voltar ao serviço.

N-20

Saí de casa em 8 de Novembro; a guerra estava a dar os ultimos alentos; os alemães recuavam perante as manobras do ilustre Foch; havia alegria em todos; acabára o pesadelo. Apresentei-me ao bom coronel Franc.º Gomes nesse dia e largam.te conversámos acerca dos ultimos acontecimentos desde a revolta de 12 do mês anterior, da grippe pneumonica, da politica sidonista, da guerra que ia acabar, etc.

E finalmente em 9 desse Novembro chegou á Inspecção a Ordem do Ex.to n.º 19, da 2.ª serie, de 31 do mês anterior, que me promovia a major por Decreto de 17.

Era colocado no Regim.to de Inf.ª n.º 35, comand.te do 3.º Batalhão. Fiquei, porem, demorado na Inspecção para entrega do serviço pendente e do arquivo desde 10.

Deixei a Inspecção com muita pena; o serviço era-me agradavel e deixava-me fóra das constantes trapalhadas das unidades sempre de prevenção, com sobresaltos de proximas revoltas, certas suspeitas de uns e de outros, etc. Mas tinha de ser; e apresentei-me em 18 no regimento e assumi o comando do Batalhão.

Comandava interinamente a unidade (porque o cor.el Alexandre Mourão estava preso desde 12 de Outub.º) o ten.te cor.el António Gomes de Sousa e fazia de 2.º comandante o major mais antigo Basso de Figueiredo — dos quais terei de falar bastante nas páginas que se seguirão mais adeante.

Estávamos livres da guerra desde 11 de Novembro mas não da inquietação interna que ainda iria dar os seus frutos bem amargos em que eu me haveria de ver envolvido bem contra vontade e me haviam de dar certas dores de cabeça.

Hoje, com 43 anos passados, esses sucessos dão-me impressão curiosa como se fossem não uma realidade mas uma história que eu arquitectasse com a imaginação que sempre foi fertil e facil em arranjar complicadas situações

Mas não, infelizmente.

Estes sucessos foram verdadeiros e constituiram na minha vida uma quadra de q. me não orgulho; mas foi vivida com seriedade e em que consegui, contrariando a minha indole e talvez alguns principios

manter-me como identificado com toda a barafunda surpida.

E' talvez um caso interessante para o psicologo: como eu, sem temperamento belicoso e tendo, pela luta armada intima aversão, tenha conseguido dar a impressão de que era um comandante de tropas que mereceu louvores oficiais exactamente como comandante de tropas!

Duplicidade curiosa em que eu muitas vezes penso e que, naquela balburdia da chamada Trauliťânia ficou bem evidenciada.

Lembro-me de que um dia o meu amigo já falecido, o Dr. Geraldino da Silva Baltazar Brites que me conhecia bem dos tempos de rapaz, me fez notar esse desdobramento de personalidade com certa estranheza.

Coisas que talvez se expliquem pela mistura de sangues ou... mais rudemente, quem sabe? por verdadeira falta de caracter.

Assim será...

Isto dava para largas considerações e para me espraiar em comentarios acerca de muitos outros episodios vividos; mas eu quero apressar este meu rosario de recordações enquanto os olhos deixarem ver

e o pulso direito deixar escrever. E como a minha promoção a major alterou bastante a minha vida, vou passar a outros capítulos — onde se tratará da tal quadra da vida de que, aliás, me não orgulho.

Lisboa

19 de Outubro a 19 de Novembro de 1962.

XI

«A memoria é um museu, uma variedade imensa de estatuas e quadros...»

Teixeira de Pascoais: Livro de memorias, pag. 33.

Como acima disse, apresentei-me no regimento de Infantaria 35 no dia 18 de Novembro de 1918 e assumi o comando do 3º Batalhão. O regimento estava aquartelado no edificio do Convento de S.ta Clara, casarão sem conforto, mal adaptado e até de dificil adaptação; tinha a grande qualid.e de estar em local de onde se disfrutava a magnifica paisagem sobre o Mondego quer para Norte quer para Sul e o casario da cidade por de traz do qual fechava o cenario a serra do Boa Viagem e mais longe, á esquerda, o Buçaco.

Era comand.te o tenente-coronel Antonio Gomes de Sousa J.or, interino desde a

prisão do cor.el Martins Mourão em 12 de Outubro anterior.

Este Gomes de Sousa era bom oficial, correcto, sabedor — se bem que presumia saber mais do que sabia. Conheci-o em Mafra, quando lá passei como aspirante; não foi meu instrutor mas tivemos boas relações. Ele afastava-se um pouco dos rocinantes; sendo de familia mais do que modesta de Leiria, mantinha aprumo de pessoa superior, ás vezes impertinente, que o não tornava muito simpatico á rapaziada.

Quando, anos depois, foi á Alemanha uma comissão de oficiais tecnicos assistir ao fabrico da espingarda Mauser-Vergueiro, para a Infantaria, presidida pelo General Rodrigues da Silva, este quiz levar como secretario o Gomes de Sousa então creio que ainda tenente.

Aqueles quatro anos na Alemanha foram quase uma estrada de Damasco... Encontrou no ambiente alemão, em especial no militar, o seu proprio habitat. No regresso vinha outro; e quando voltei a encontrar-me com ele, em 1911, no Grupo de

maravilhadoras, dêmos-nos bem, mas nas suas conversas havia sempre uma especie de dominador comum: o exercito alemão, a sociedade alemã, a ciencia alemã... E quando se falava do exercito em geral, ele, em regra, tinha uma frase que proferia com ares dogmaticos:

— O exercito é a pedra de toque da civilização dum povo!

Ouvi-lhe sempre esta frase e escreveu-a num artigo que publicou no Instituto e num livro com o titulo de Cinquenta anos de vida militar — livro que não vale um caracol. O artigo no Instituto foi uma especie de titulo de candidatura a socio, por obra e boa graça do Dr. Francisco Miranda da Costa Lobo que o teve por inquilino no palacete da rua dos Coutinhos por alguns anos e o tinha em muita conta.

O Dr. Costa Lobo parecia andar empenhado em crear influencia junto do exercito e possivelmente julgaria que por ali achava base para qualquer das embrulhadas politicas que arquitectava contra o regime republicano. Enganava-se, porem, redondamente: o Gomes de Sousa não era

creatura para se deixar levar para aventuras de qualquer especie.

Ora era este germanofilo cheio de basofia que fui encontrar a comandar o regimento; naquela quadra sidonista era, evidentemente, um sustentaculo politico e fazia boa parelha com o comandte. do Grupo de Artelharia aquartelado nas antigas hospedarias do convento, o major Monteiro de Barros meu antigo condiscipulo nas cadeiras comuns da Escola do Exercito, a quem por especial conformação do crânio nós chamávamos o *cabeça de apito*.

Este Barros era pessoa de confiança para ali levado pelo general Jaime Leitão de Castro quando este fez instalar o Grupo de Artelhª em Coimbra como necessario á segurança da guarnição que não vivia em cheiro de santidade. Como homem, o Barros era um pobre diabo; chegou a general como não podia deixar de ser e foi comandte. da Guarda Republicana e Governador Militar de Lisboa onde, se me não engano, creio ter terminado a sua carreira militar apanhado pelo limite de idade. Um insignificante a quem os vaivens da Politica deu certa importancia.

Quer este Barros quer o Gomes de Sousa eram considerados sustentáculos da situação sidonista de modo que a minha entrada no baluarte de S.ta Clara não seria vista com bons olhos. Mas, enfim, démos-nos bem até certa altura enquanto as coisas corriam sem grande novidade.

Um dia, na primeira quinzena de Novembro, surgiu a Junta Militar do Porto; e uns dias depois da m.a apresentação no regimento, o Gomes de Sousa chamou-me para me mostrar as proclamações impressas distribuidas largamente. Eu ouvirá já falar nesse movimento politico mas m.to por alto; porem os homens da Junta já trabalhavam com algum afinco uns tempos antes.

Pelas memorias do general Tamagnini de Abreu que pertenceram ao polerinho, o coronel Salvador Pinto da França (1) que me confiou os cadernos respeitantes a esta quadra politica, vi que já naquela prim.ra quinzena de Novembro, a Junta solicitou a sua adesão ao que ele, general, respondeu que

---

(1) Hoje estão depositadas e seladas até 1968 (salvo erro) no Arquivo Hist.o Militar.

proclamara, pouco antes, á Divisão, em termos que se coadunávam com os propositos apresentados.

Com esta resposta, é claro, fugiu a tomar posição e conta que reuniu os comandantes das unidades que declararam estar a seu lado.

Todavia (oh circunstancia do coração humano!... como diria qualquer poeta sentimental) os mesmos comand.tes pouco depois, aí por 19 ou 20 do mês, responderam ás circulares da Junta informando de que, incondicionalmente, estavam a seu lado.

O general Tamagnini, em vista disto, reuniu novam.te os comandos e ficou resolvido confirmar a adesão aos propositos da Junta do Porto. Isto consta das ditas memorias do general e passou-se pelas alturas, como disse, da m.a apresentação no regimento — e quando o Gomes de Sousa me chamou p.a mostrar as proclamações eu ignorava estes factos que só agora, pelas memorias confiadas fiquei sabendo com clareza.

O Gomes de Sousa de certo quiz ouvir a m.a opinião, mostrou proclamações já co-

nhecidas ha tempo e não me confiou o sucedido anteriormente. Eu dei-lhe, então, a m.ª opinião com toda a franqueza porq. o considerava homem leal; vi bem que ele era favoravel ao movimento juntista o que me não admirava — pois «o exercito é a pedra de toque da civilização de um povo...» mas não deixei de lhe falar abertamente como a pessoa amiga.

Dizia-me ele que era necessario que o exercito afirmasse a sua vontade e outros estribilhos equivalentes e eu procurava fazer-lhe ver que o Sidonio era pessoa para levar a tarefa ao fim e, embora eu não concordasse com a sua politica, entendia q. a intromissão da Junta do Porto não deixava de ser uma intromissão da classe militar, sempre perigosa e poderia trazer como consequencia revoltas — o que era pior.

Ele ouvia, discutia fracamente mas percebia-se bem que ficava na sua, sem fazer afirmações claras; e eu hoje vejo pelas memorias do gen.^l Tamagnini que ele foi velhaco comigo, só me quiz ouvir para avaliar o que eu poderia ser dentro da unidade onde, devo dizer sem basofia porque

digo a verdade, tinha certo pêso como os factos demonstráram em breve.

Os dias passavam incertos. Conta o general Tamagnini que por vezes falou (telefonicamente?) com o Governador Civil do Porto e aconselhou certa prudencia afirmando que divergia dos intuitos das proclamações espalhadas pela Junta — o que, francamente, não se percebe muito bem.

Conta o general tambem que o Governo entabulara negociações com os homens dirigentes da Junta; que alguns ministros foram ao Porto sem tirarem resultado satisfatorio da missão. Menciona ainda casos de indisciplina, de opiniões desencontradas, de ordens e contra-ordens, enfim, uma barafunda completa que ele remata com estas palavras: «decorreram dias em que eu "sem ter definido ainda a m.ª atitude para "com a Junta Militar, isto é, a colaborar com "os seus membros...»

Quer isto dizer que o general não teria opinião formada e andava um tanto ou quanto ás aranhas sem saber bem o que deveria fazer. Antes de ler as memorias não o julgava assim tão irresoluto.

Até que ... certa noite em que o major Passos de Figueiredo me pedia para ficar por ele de prevenção á noite, e eu estava, é claro, no quartel, o major Monteiro de Barros, de Artelharia, chamou-me ao telefone para me dizer que estava no seu gabinete o ten.^te-cor.^el de Cavalaria Jaime Carvalho da Silva com outros oficiais da guarnição do Porto e me desejava falar; respondi que não tinha duvidas em o receber e mandei logo chamar os oficiais que constituiam, comigo, o grupo de prevenção. Queria que eles estivessem presentes á visita.

De facto, daí a um pouco, fui receber ao cimo da escadaria o Carvalho da Silva que era um dos primeiros signatarios das varias proclamações da Junta.

Pequena estatura, mas muito empertigado, de monoculo, fardado com elegancia que poderia parecer, a muitos, impertinencia. Ia acompanhado de uns tres ou quatro oficiais, um dos quais era oficial de Engenharia (se me não engano) e filho do dr. José Pedro Teixeira, professor da Universid.^e do Porto e neto do velho professor de Coimbra, dr. Manuel da Costa Alemão.

Este rapaz veiu a morrer em combate, perto de Vila-Real de Traz-os-Montes, durante a campanha que se seguiu depois de 19 de Janeiro do ano de 1919.

Fiz aos junVistas uma recepção cordeal e convidei-os para o gabinete do comando. Os meus oficiais entraram tambem; mandei-os, a todos, sentar mas ficámos todos de pé. Ainda estou a ver a cêna...

Eu tomei o lugar junto da secretária do comandante que, aliás, eu ali representava; voltando-me para o Carvalho da Silva disse-lhe com o melhor dos modos:

— A que devo o prazer da visita honrosa de Vlcê.?

O Carvº. da Silva, de monoculo em riste, começou sem grandes preambulos a reproduzir o frazeado das proclamações já conhecidas, a repisar os argumentos da necessidade de o exercito impôr a sua vontade para acabar com as contendas politicas e terminou por solicitar a nossa adesão aos propositos da Junta Militar do Norte...

Eu então, procurando ser sereno, agradeci a visita e fiz justiça ás intenções dos oficiais da Junta mas não só eu como os

oficiais do regimento que estavam presentes, não viamos com simpatia o movimento por nos parecer que, em todas as afirmações, aliás patrioticas, não havia afirmação clara de que o Regimen Republicano não corria perigo. Alem disso o Presidente Sidonio em cujas mãos a Republica estava entregue, pretendia o mesmo saneamento politico proposto pela Junta e assim nos parecia que era inutil e prejudicial á paz e socêgo de que necessitavamos, o movimento de protesto começado no Porto.

E' claro que ao fim de 44 anos não posso garantir que as palavras fossem precisamente estas; mas o que afirmo é que o sentido e o espirito da minha fala foram absolutamente os mesmos.

Fui ouvido em silencio e notei que os oficiais que acompanhavam o Carvalho da Silva me olhavam e observávam com curiosidade.

Quando cheguei a esta altura da parlenda, o Carvalho da S.ª quase cortou:

— Muito bem, sr. major, não vale a pena gastar tempo com palavras; o que desejamos saber é se poderemos contar com

a adesão efectiva do regimento de Infantaria nº. 35.

Eu respondi então com um gesto amavel mas com firmeza:

— Não, sr. Tenente-Coronel, não podem contar comnosco... Lastimo muito estas divergencias que nos separam; mas devo ser verdadeiro com Vex.ª.

O Carvalho da Silva teve, em resposta, esta frase que não correspondeu ao aprumo com que até ali se mantivera:

— Está bem... Tambem de pouco serviria o auxilio dum regimento de impedidos...

De facto, o efectivo da unidade ia pouco alem do numero de praças impedidas; mas eu, sorrindo, ainda objectei:

— Mesmo assim, sr. Ten.te-coronel, não era tão pequeno auxilio que não valesse a pena Vex.as subirem a ladeira ingreme até cá acima...

Quase bruscamente, o Carv.º da Silva despediu-se; eu passei-lhe para a esquerda e fiz sinal aos meus oficiais para nos acompanharem; ao descer a escadaria e ao chegar a um ponto em que havia um degrão quebrado, com certa extensão, e ao ver que o

tenente-cor.[el] ia a pôr o pé em falso e notando que ele via pouco, meti a minha mão direita no braço esquerdo dele como a segurá-lo e disse-lhe:

— Cuidado com o degrão, sr. Ten. Cor.[el].

Não sei o que ele julgou; empertigou-se de repente, teve um gesto de reacção mas caiu logo em si e balbuciou um «Muito obrigado!» amavel. A' porta das armas estava parado um automovel; ao abrir-se o portão observei-lhe que havia degráos e no intervalo destes para o carro umas poças de agua porque estava a chover; o homem caiu em si, agradeceu a recepção e as minhas atenções e depois de fechadas as portinholas ainda lhe ouvi umas «boas noites!»

Subindo com os oficiais reuni-os no gabinete que me pertencia como comandante do batalhão e perguntei-lhes pelas impressões colhidas. Não me recordo já quem eles eram mas lembro-me de que aprovaram as minhas palavras e ficámos depois comentando o episódio.

Eu não gostei do caso. O que viria a sair daquilo?

Passada uma meia hora ou pouco mais fui chamado ao telefone. Era o Gomes de Sousa que me disse que fôra procurado em casa pelo Carvº da Silva e este lhe contára o que se passou na visita ao quartel; mostrou-se contrariado com a minha atitude, que eu não devia ter afirmado que o regimento não acompanhava a Junta, tanto mais que o general Tamagnini tivera uma conferencia com o Carvalho da Silva e resolvera aderir ao movimento juntista. Acrescentou ainda que a Junta ia nomear o Tamagnini comandante das tropas que estivessem a seu lado. E o Gomes de Sousa terminou a conversa por me dizer que eu colocára mal o regimento o que me obrigou a responder que, se entendesse, pedisse a minha saida imediata para não ser entrave ás suas resoluções, pois eu não voltaria atraz.

Realmente, nas memorias do general Tamagnini diz-se que o Carvº da Silva lhe afirmára sob palavra de honra, que a Junta não tinha intenção de restaurar a Monarquia e por isso ele, general, para não «jogar com páu de dois bicos» resolveu prestar a sua adesão — mas, á cautela, man

dou cortar pela censura a notícia que os jornais iriam dar dessa adesão e a de que iria ser nomeado comand.te-chefe das tropas que aderiram — comando que, aliás, não veiu a aceitar.

O Gomes de Sousa dissera, de facto, a verdade; mas tambem a verd.e é que a palavra dada pelo Carv.o da Silva não seria muito séria; por debaixo de afirmações pomposas de salvação da Patria e de moralidade na administração publica, as intenções dos homens da Junta eram a imposição ao Sidónio Pais para abandonar o poder e proclamar-se a Monarquia.

Isto mais ou menos me foi confirmado, muitos anos depois, em Caldelas, durante conversa amena e sem responsabilidades na varanda poente do Hotel da Bela-Vista com o major reformado Borges, ao tempo gerente da Empresa das Termas e que foi um dos signatarios do decreto que proclamou no Porto a mudança de instituições.

Com isto tudo, a situação começava a agravar-se; e a morte violenta do Sidonio em 14 de Dezembro mais a agravou.

Eu estava de prevenção no quartel, nessa noite de 14 de Dezembro. O Gomes de Sousa mandou-me chamar ao gabinete onde estava um alferes ou tenente miliciano Perez, funcionario dos Correios que, confidencialmente mostrava uma fita dos aparelhos Morse com a comunicação da morte do Sidonio recebida em Coimbra pouco antes e particularmente dada pelos colegas de Lisboa. O rapaz, que fôra a correr ao quartel com a nova sensacional, lia a fita com tremulos na voz; o Gomes de Sousa parecia sucumbido e eu, mais sereno porque o sucesso não me abalou, tentei tirar conclusões, pretendendo filiar o desenlace tragico na politica seguida até aí que sempre me pareceu impropria.

Enfim a conversa seguiu amenamente mas em tom de preocupação — pois decerto (pensava eu) a <u>Junta</u> sentir-se-ia mais á vontade e começaria a trabalhar mais á claras. O Sidonio, dizia-se, era lhe contrario e a sua ida ao Porto teria o proposito de a anular ou, pelo menos, de a obrigar a outra direcção.

O que é que se seguiria à tragédia? A _rapaziada_ que rodeava o ditadôr o que é que faria, agora, sem o seu chefe?

Nessa noite, passámos as horas em claro, cada qual com pensamentos diferentes mas ambos, eu e o Gomes de Sousa, visivelmente preocupados. Conversou-se, tambem, pelo telefone, com o Barros da Artelharia, que me pareceu ter ficado desorientado; no seu espirito de vistas pouco largas deveria estabelecer-se grande confusão e, possivelmente, certos receios.

Recordo-me de que a comunicação oficial da morte do Sidonio veio ainda de noite já adeantada; reforçou-se a prevenção desde a madrugada por ordem do Tamagnini que, como comand.te da Divisão me pareceu não se portar como seria de esperar dum homem que soube comandar o Corpo Expedicionario Portuguêz em França.

Nas suas _memorias_ já aqui citadas, procura defender-se mas fiquei com a impressão, ao lê-las, de que não o conseguiu.

Depois de aderir á _Junta_ perante a palavra de honra do Carvalho da Silva, diz que

se desligou porque não quiz comandar as suas tropas. Que concluir de tudo isto, destas indecisões ou hesitações ou falta de um critério seguro?

Não sei.

O que aí fica relativo ao general foi extraído do caderno manuscrito que o Salvador Pinto da França me confiou, do qual fui autorizado a copiar o que quizesse.

E ficou-se á espera... O que é que se queiria? As prevenções continuáram. Lembro-me bem de que, durante o periodo de 15 de Dezembro a 4 de Janeiro seguinte, a prevenção era excessivamente rigorosa e de que eu dormi nove noites seguidas no quartel, mal acomodado na minha cama de campanha — o que equivale a dizer que nessas nove noites não dormi bem.

Mas era assim.

Parece que todos tinham medo uns dos outros e, com efeito, a mutua desconfiança era quase geral.

E depois...

Houve outro episodio em que eu tive um papel curioso e que merece ser contado.

Um dia, não me lembro se em Dezembro se já em Janeiro (mas mais provavelmente em Janeiro passadas as prevenções rigorosas) anunciou-se que uma companhia de Infantaria de um dos regimentos do Porto (salvo erro) ia a Coimbra em nome da Junta cumprimentar os "camaradas" conimbricenses.

Realmente essa força chegou um dia e foi apresentar-se no Quartel-General que a mandou alojar no quartel do Grupo de Artª Maria nosso visinho — pois no de Infantaria nº. 23 alegáram qualquer razão para a não receber e no meu, escusado é dizer, a visita seria contraproducente.

A companhia vinha de Viseu onde foi cumprimentar a guarnição. Esteve uns dois ou tres dias em Coimbra e deu passeios pela cidade, em formatura, com certos arreganhos como a querer provar, quem sabe, que a Junta tinha força suficiente para o que désse e viesse.

Ora aconteceu que certa tarde sentimos o toque de oficiais; reunidos estes no corredor á porta do comando, o Gomes de Souza mandou-nos entrar no gabinete e disse-

nos que o major Monteiro de Barros, o vizinho comand.te do Grupo de Artelh.a queria prestar homenagem a companhia de Infanteria das forças da Junta Militar que lá tinha hospedada e convidava os oficiais do regim.to n.º 35 para um «copo de agua» nessa mesma tarde em honra dos camaradas do destacamento.

E terminou por dizer que depois do toque da ordem esperava os oficiais que o quizessem acompanhar. E despediu-nos.

Os oficiais ouviram e não disseram palavra. Cá fóra, no corredor, olhámos uns para os outros; e muitos vieram ter comigo para saberem o que eu faria. A todos respondi que procedessem como entendessem, que eu ainda não tinha resolvido o que faria e o caso era com a consciencia e os principios de cada um.

Percebi que os oficiais ficáram desorientados mas eu não quiz influir nem mesmo ao de leve — mas tive a impressão de que o caso iria dar carrapata.

De facto, pouco depois do toque da ordem o Gomes de Sousa veiu para o corredor, ao cimo da escadaria, calçando as luvas, com

o ar superior que usava em situações semelhantes; os oficiais foram chegando e, quando viu que estavam todos, desceu as escadas, atravessou o Pátio sem dizer palavra.

A' sua direita ia o Tasso de Figueiredo; á esquerda ia eu. Nas janelas do quartel de Artilharia havia muita cabeça a espreitar.

Ao transpôr o portão do Pátio e no momento em que o Gomes de Souza se inclinava para os lados do quartel dos artilheiros, eu fiz a minha continencia e disse muito a sério e com firmeza:

— Meu Ten.te-Coronel: se não necessita dos meus serviços, eu sigo para minha casa.

Ele evidentemente não esperava o golpe; olhou-me com ligeiro ar de surpreza e, com uma vaga continencia, respondeu qualquer coisa que significava não precisar de mim. Eu voltei-me para o grupo dos oficiais que ia atraz e muito naturalmente disse-lhes:

— Até amanhã!

E cortando á esquerda, meti á calçada de S.ta Izabel sem olhar para traz. Andados foram uns 20 ou 30 metros ao pensar na cara do Gomes de Souza e do insignificante Tasso de Figueiredo, ao mesmo tempo que

olhava o poente magnifico que caía sobre o casario da cidade e sobre o Mondego naquela altura cheio de lado a lado, senti passos cadenciados atraz de mim. Não quiz olhar para ver quem vinha descendo — mas em pouco tempo fui abordado pelos oficiais que, na quase totalid.^e se despediram como eu do comandante e vieram atraz de mim.

Eu fiquei um tanto ou quanto admirado e observei-lhes que talvez tivessem feito mal; eles responderam com vivacidade q. procederam assim porque não estavam para ir ao «copo de agua» confraternizar com os homens da Junta. E seguimos, ladeira abaixo comentando o episodio.

E' claro que eu calculei logo que o Gomes de Sousa lançaria as culpas sobre a m.ª pessoa, que teria sido eu o autor da cêna espectacular nas barbas do artilheiros e dos oficiais homenageados; mas q. fazer?

O dardo fôra lançado e onde iria parar e bater é que se não sabia.

Ora eu devo confessar que, ao resolver despedir-me do Gomes de Sousa como fiz, para acentuar bem a m.ª posição, não pensei nas consequencias. Eu poderia ter dito

ao comand.te, no gabinete, a seguir ao convite, que não ia ao «copo de agua» e o assunto ficava liquidado sem mais barulho; mas o Gomes de Sousa era muito capaz de me justificar a ausencia com motivo qualquer forte e assim, implicitam.te eu ficaria considerado como aceitante do convite.

Resolvi, pois, acentuar ás claras a minha recusa e, francam.te, sem pensar em que poderia arrastar os outros a quem essa atitude poderia prejudicar.

Enfim, as coisas são o que são e a cêna deu-se com certo escandalo pois averiguadas as contas, o Gomes de Sousa entrou no quartel de Artelharia acompanhado só pelo Tasso de Figueiredo e por mais dois ou tres oficiais — ou simpatizantes com a Junta (e está muito bem) ou cagarolas (o que já não está tão certo...)

Ora no dia seguinte é que foram elas. Quando, segundo as boas praxes, entrei no gabinete do comando para cumprimentar o Gomes de Sousa e levar-lhe a papelada que me competia levar, recebeu-me com ar carrancudo, não me estendeu

a mão e, antes de lhe mostrar os documentos, desfechou-me um sermão acerca do meu procedimento da vespera, com linguagem violenta que nunca lhe ouvira empregar.

Eu afirmei-lhe que o meu procedimento foi de caracter individual, que nada dissera aos oficiais e que, se estes se recusaram a ir ao quartel de Artelharia, foi porque assim o quizeram; e como tinha certa familiarid.e com ele, disse-lhe quais quer coisas de reprovação relativamente ás amabilidades para com os homens da Junta, etc. A discussão azedou-se um pouco; a certa altura ele perguntou-me se eu queria mandar no regimento; eu respondi que não, que não mandava e nem queria mandar mas que ele, Gomes de Sousa é que foi o culpado do sucedido porque não quiz ouvir o que eu lhe dissera acerca dos sucessos correntes e era de esperar este ou outro desfecho desagradavel.

O homem exasperou-se e, já congestionado, saiu-se com esta:

— O major passa a entrar neste gabinete só por motivo de serviço!

Eu fiz uma ligeira menção de assentimento como de quem diz: estamos de acordo! Puxei da papelada que lhe devia mostrar e, cumprida a formalidᵉ saí. Estavam, pois, interrompidas as relações — e assim ficaram até ele morrer.

Felizmente, até ao dia 19 de Janeiro, não houve nada de notavel que podesse pôr em perigo a boa paz fóra das prevenções em que se continuava a viver. E o interessante é que o pobre diabo do Tasso de Figueiredo sempre com o seu sorriso parvo, parece que me evitava ~~...~~ porventura com receio de o comandante reparar nos nossos encontros.

Este Tasso de Figueiredo era filho de um oficial de Marinha que deixou certo nome como marinheiro desembaraçado e competente, mas não herdou do Pai essas qualidades de desembaraço, aprumo e saber; era verdadeiramente o que, em calão, se chama um coquinchas...

Quando se deu o episodio que atraz contei com o Carvº da Silva, eu estava de prevenção por troca com ele que, nessa noite, disse ter qualquer coisa que o obrigava a ti-

car em casa; foi melhor assim pois ele estivesse no quartel diria ao visitante que sim, que o regimento estava de alma e coração com a Junta e isso daria pior resultado.

Não quero levantar falsos testemunhos mas quem sabe se lhe cheirou a proxima visita e, fugindo ás responsabilidades, me solicitou a troca? Tenho a impressão de que era homem para isso; mas assim, e felizmente, o Cap. da Silva encontrou a necessaria resistencia.

Adeante.

Encontrei-o depois, em Tomar, no ano de 1935 a comandar o regimento de Infantaria n.º 15; mas quando lhe chegou a vêz de ir até aos Altos-Estudos, passou á reserva voluntariamente ou por decisão da Junta de Saude, não sei. Mas estou certo de q. se não aguentaria no balanço do curso de Caxias; quer de inteligencia quer de elementar cultura, não possuia o suficiente para duas semanas de trabalho.

E a vida continuou e a situação politica continuava a agravar-se.

O ministro da Guerra que sucedeu ao Amilcar Mota, o cor.el de Cavalaria Alvaro

de Mendonça, ordenou a transferencia de material e animal para o Porto, como reforço ás tropas da Junta; e um dia apareceu-me no regimento, em ocasião em que o Gomes de Sousa e o Tasso de Figueiredo não estavam e eu tive de arcar com responsabilid. de comando, um oficial do Quartel-General com um recibo assinado pelo coronel do Est.º Maior João de Almeida (então comand.te interino da Divisão por ausencia do general chamado a Lisboa) e pelo major Alberto dos Santos Pereira Monteiro que, por obra e graça do Tamagnini exercia funções de Chefe do Estado-maior (!!), recibo, dizia, de certa quantia de dinheiro, quase todo o numerario existente no nosso Conselho Administrativo.

Eu recusei-me a entregar o dinheiro; disse ao oficial que voltasse quando o comand.te do regimento estivesse presente.

E' claro que fui chamado logo ao telefone pelo Monteiro, um pouco zangado pela minha desobediencia; eu disse-lhe coisas desagradaveis que ele ouviu sem se comover — pois era páu para toda a colher como sempre; mas o dinheiro só saiu quan

do o Gomes de Sousa voltou e autorizou sem discutir.

O dinheiro foi logo transferido para o Porto como depois me informaram.

Nesses dias de interinidade, o João de Almeida fez seguir p.ª o Porto dois vagões com munições de Artelharia e Infantaria recolhidas no paiol do quartel de Santana e no do Grupo, em Santa Clara. O general Tamagnini refere-se a este abuso do João de Almeida nas memorias já aqui citadas e refere-se com palavras de censura.

Maus dias se passáram então.

Não se sabia o que viria no dia seguinte. O Governo não conseguia resolver o problema da Junta Militar do Porto que continuava a dar ordens e a fazer proclamações como se exercesse soberania.

Em Santarem rebentou uma revolta em que apareceram como figuras principais o Alvaro de Castro e o Cunha Leal; cairam-lhe em cima forças importantes que depois de bombardeam.to feroz e violento forte fizeram render os revoltosos nos começos da segunda quinzena de Janeiro, se a memoria me não engana.

A barafunda aumentou. Parecia que o Governo não tinha força (como não teria) para a dominar quando, em 19 de Janeiro, estava eu a jantar em minha casa, me entrou o dr. Apolinario José Leal, bastante comovido e me anunciou que a Monarquia estava proclamada no Porto pela Junta Militar, com o Paiva Couceiro á frente, representante de S. Magestade.

Se bem que os sucessos se encaminhávam nesse sentido, a noticia surpreendeu-me algum tanto. Acabei de jantar, fardei-me e desci á cidade baixa.

Fiquei impressionado com o aspecto das ruas desde o Largo de Sansão ao da Portagem. Quasi ninguem transitava, não havia os grupos que normalmente se viam ás portas dos cafés e tabacarias; e nas poucas pessoas que passávam notava-se um ar de interrogação, como de quem pergunta: «o que ha?...»

Parecia que se estava debaixo da ameáça de uma catastrofe.

Voltei a casa, confesso, muito impressionado e apreensivo. No Governo não havia gente que inspirasse perfeita confiança;

o João Carnagrini Barbosa parece que era, de facto, republicano; mas chegaria ele para aguentar o pêso dos acontecimentos?

E o exercito, como é que comportaria, não sendo, como não era, um exercito republicano?

Com todas estas preocupações passei a noite mal. O que seria o dia seguinte?

<u>Lisboa</u>
19 a 24 de Novembro
de 1962.

[illegible]

convencido e para anunciar [illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible] de S. Majestade.

Na hora que o [illegible] manhã [illegible] jantar, fui [illegible] a cidade [illegible].

Fiquei impressionado com o aspecto das ruas desde o Largo do [illegible] ao da [illegible]. Poucas [illegible] transitavam, muito [illegible] os [illegible] que [illegible] as portas das casas e [illegible], e nem por [illegible] que [illegible] [illegible] de [illegible] [illegible] [illegible] que [illegible]

Parecia que se estava [illegible] de [illegible].

Voltei a casa, confesso, muito impressionado e apreensivo. No Governo [illegible] que inspirasse perfeita confiança;

Indices

I

— Anos —

II

~ Proprios ~

Abreu (Fernando Tamagnini de), general: 263, 314-318, 323-327 e 336-337.
Adão (Aristides Martins): 8
Albuquerque (P.e Pedro de): 97
Alcantara (Antonio Mendes): 135.
Alemão (Dr. Manuel da Costa): 318
Almeida (Dr. Ant.º José de): 17, 18, 191 e 253
" (Cor.el João de): 336-337.
" (José Sebastião de): 231 e 241
" (Luis de Castro e): 258
" (Solano de): 289, 290, 292-296
Amaral (Eloi do): 230 e 235
Amarante (Conde de): 14
Anastacio (Familia), da Louzã: 35.
Arriaga (Dr. Manuel de): 17
Banazol (João José de Santana): 139, 141, 145, 152, 166, 169, 172-174.
Bandeira (José da Silva), cor.el: 51, 52, 57, 187-191, 255-256 e 259-268
Baptista ( ) ten.te, Lagos: 219 e 220
" (Jaime) capitão: 25.
Barata (José Marques Per.ra), ten.te: 121 e 122
Barbosa (João Tamagnini), ministro: 297 e 339
" (José): 242

Bargão [Ant.º Dias]: 139, 140, 143, 154, 156, 159 e 175.
Barreira [Dr. João]: 102
Barreto [Abilio Roque de Sá]: 131
Barros [Alexandre de]: 243
" [João de], sec. XX: 11 e 12.
" [" Garcia de] Junior: 197
" [Monteiro de], major: 313, 314, 318, 326-329.
Bastos [João Pereira], ten. cor.l: 47, 52, 53, 78 e 89.
Bemfeito [João Maria Duarte]: 112 e 277-278
Borges [ ] major ref.º — 324
" [Franco] jornalista: 19.
Botelho [José Just.º Teixeira]: 31-33.
Brites [Dr. Geraldino da S.ª Baltazar]: 308
Brito [José Joaq.m Gomes de]: 124-126
Bustorff [Familia], Algarve: 207-208
Cabral [Cesar Amadeu da Costa]: 92
Caldas [José]: 228.
Camacho [Manuel de Brito]: 17-19, 73, 142, 149, 150, 184-193; 204-207, 229, 230, 232, 233, 235, 240, 252, 270, 271, 274 e 289.
Cameira [José Martins], capitão: 140, 165, 166.
Campos [Dr. Ant.º de], juiz: 57 e 59.
" [Julio de Abreu]: Ten. c.el: 152
" [Vasco Braz de]: Ten.te: 105, 106 e 110
Cardoso [Dr. José Maria]: 3, 4, 6-9, 34 e 35.
Carmona [Ant.º Oscar de Figueiredo]: 103, 116-120
Carvalho [Bento Pereira de]: 141 e 174.
" [Ferraz de]: 139, 152-156 e 159
" [Franc.º Augusto Martins de], gen.al: 29-31.
" [Dr. José Coelho de]: 226-227
" [José Ferreira de]: 300
" [Luis Guilherme Nunes de]: 92
Casimiro [Augusto]: 7, 23, 24, 33, 35, 44, 45, 54, 55, 57, 61, 215 e 267.
Castelo-Branco [Camilo]: 193.

Castro (Alvaro de): 76-79, 85, 87-89, 189-190, 221 e 337.
" (Jaime Leitão de) gen.al: 167, 175, 304, 305 e 313
" (Joaq.im Basilio Cerveira e Sousa de Albuquerque e) ministro: 151-153
" (Joaq.im Pereira Pimenta de), gen.al: 166, 170
" (José de), Dr.: 76, 77, 79-88.
Cerejeira (Dr. Manuel Glz.): 64, 65 e 68.
Cerveira (Joaq.im Basilio): v. Castro
Chagas (Fr. Antonio das): 4
" (Ant.o Fernandes do Rego), Ten.-c.el: 30
" (João): 29, 149 e 250
Chaves (Franc.o Sá): Ten.-c.el: 103
Chicharro (Dr. Vasco de Sousa) medico: 109.
Coelho (Alberto Viana), Ten.te: 50, 54, 55 e 57.
Cardes (João José Sinel de) cor.el: 103 e 105
Correia (Fernando da Silva): 11
" (Virgilio): 34
Corte-Real (Lazaro), major: 215
" " (" de Almeida), cor.el: 206, 222
Cortezão (Ant.o Augusto): 9
" (Jaime): 4, 6, 7 e 9.
Costa (Dr. Afonso): 17, 19, 76-82, 85-86, 89 e 279.
" (Alfredo): 236-238, 248 e 269
" (Antero): 19 e 57.
" (Celestino Rodrigues da), alferes: 54 e 55.
" (Dr. Franc.o José Fernandes): 51, 52 e 130
" (José Fontes), Ten.-c.el: 95.
" (Manuel Ant.o da): 131 e 133.
" (Julio Dias da): 74.
Couceiro (Henrique de Paiva): 14, 25, 98 e 338.
Coutinho (Vitor Hugo de Azevedo): 150 e 167.
Couto (Teotonio Moniz Barreto do): 46, 47, 53, 59 e 61.
Crisostomo (Agostinho do Nascimento), alferes: 139, 153 e 154.

Cruz (Alfredo Eduardo da) capitão: 58
" (Aurelio de Azevedo) ten.te: 105, 106 e 110
Curto (Amilcar Pamada), estud.te: 3
Daudet (Alphonse): 214.
David (Ant.º Espinel), ten. cor.el: 260 a 265.
Dias (Ant.º Gonçalves), Poeta: 270
" (Henrique de Carv.º), ten.te: 122
Doré (Gustavo): 214
Duarte (Afonso), Poeta: 33 a 35.
" (José Fernandes): 45, 54, 55 e 57.
" (Teofilo): ten.te: 144.
Eça (Pereira de), gen.al, ministro: 114 e 122
Elisio (Felinto), Poeta: 228
Falcão (Familia), Miranda do C.º: 35.
Faria (Dr.), medico em Lagos: 185 e 203-205.
" (Bernardo), g.al: 203
" (José Leoni Palermo de): 104.
Feijó (Cor.el): 54
Feliciano (Julio Machado) medico: 294 e 296
Ferrão (Dr. Antonio): 30 e 31.
Ferreira (Alice Sim.es da Costa): 172
" (Ant.º Aurelio da Costa): 90, 123, 166, 167, 172 e 179
" (Romano Barnabé): cap.ão: 302
Ferrer (Manuel Marques dos S.tos): 4, 34 e 35.
Figueira (Luis A. de Campos): 283 e 284
Figueiredo (Alberto Tasso de), major: 306, 318, 330, 332-336.
" (Belchior de): 243
" (José da Costa): cap.tn: 273 e 275.
Foch (Ferdinand) mar.al: 306
Fonseca (Julio de Figueiredo), medico: 43-44, 56, 83, 84 e 132
" (Rasquilho da), ten.te: 154
" (Tomás da): 124
Fontes (Virgilio de Meneses), ten.te: 139
Formosinho (Dr. Judice), medico: 241.

França {Salvador Pinto da}: 314
France {Anatole}: 62.
Franco {Conselh.º João}: 30
" {Luis Augusto de Oliveira}: 45.
Frazão {. . . Franco} da Chafrinha: 98
Galvão {Comendador}, de Gois: 7
" {Vitorino Peres Furtado}: 258-259.
Garcia {Alberto Serras}: 4 e 7.
Garrett {Visconde de Almeida}: 1.
Gauthier {Teophile}: 240
Gomes {Amaro de Azevedo}: 186-187.
" {Francisco} coronel: 60, 63, 73, 91, 102, 120, 122, 187, 297 e 305.
" {Manuel Teixeira}: 137 e 210-213
Gonçalves {António Augusto}: 141.
" {Antonio Joaq.^im} major: 138 e 144
" {Gil Pereira}: 132 e 134
" {Manuel Lopes}: 141
Grave {João Mourato}: 142, 160 e 214.
Halphen {Louis}: 246
Henrique {Infante D.}: 217 e 218
Henriques {Flaro}: 26, 51, 124 e 301.
Herculano {Alexandre}: 1, 124.
Hugo {Vitor}: 202.
Inês de Castro: 109.
Inglês {Aboim}, engenh.º: 242
Ivens {Duarte}, cor.^el: 56 e 265.
Jourdain {Monsieur}: 247
Leal {Apolinario José}: 231, 241, 279, 280, 282, 289 e 338.
" {Franc.º da Cunha}: 119 e 337
Leitão {Antonio} advogado: 7
" {Lucas Emilio Monteiro}: 141 e 174
Leite {Manuel de Oliv.ª}: 45.
Lemos {Padre}, canturario no Seminario: 66 e 67.
" {Viriato Ribeiro de}, ten.^te cor.^el de Infantaria: Escola de repetição: 122.

Leotte (José Veloso): 195, 215, 216, 224-226
Lessing: 129.
Lima (Henrique de Campos Ferreira): 30
Lisboa (Iréne): 62
Lobo (Dr. Franc.º Miranda da Costa): 312.
" (Jaime Lopes): 51.
Lopes (Fernão): 245.
" (João Carlos Craveiro), major: 145-169, 176
Lourenço (Julio da Conc.ão Pereira), ten.: 107 e 108
Macedo (Armando): 303-305.
Madail (Ant.º Gomes da Rocha): 65.
Magalhães (João Evangelista Pinto de), gen.al: 276-279, 285-288.
" (Dr. José de): 15.
Manso (Ant.º da Rocha), medico: 231, 233, 241 e 249-251.
Marianes (Cap.ão): 196.
Marques (Ant.º de Oliveira): 134.
Martins (Dr. Francisco): 69-73.
" (Dr. José Gardeté), medico: 175.
Mata (Luis Filipe da): 80
Matos (Dr. Daniel de): 10, 11 e 304.
" (José Mendes Norton de): 256, 263-264, 267, 268, 271 e 279.
Medeiros (Manuel Goulart de): 80, 81 e 87.
Melo (Antonio Borges de): 135.
Mendes (Gastão de Sousa), Prof.or: 170
" (Joaq.im Gonçalves), cap.ão: 258.
Mendonça (Alvaro de), cor.el: 235-236
" (José Gonçalves de) J.or, cor.el: 93.
Menezes (Guilherme Teles de): 131.
" (Mario Silvio Ribeiro de): 276-277.
Monjardino (Familia): 60
Monteiro (Albert.º dos S.tos Pereira) major: 336-337
" (David), alferes: 197, 201 e 202
Morais (Alexandre de): 258
Mota (Amilcar), cor.el: 335.

Mota {Carlos da Costa} : 231-233, 234, 241 e 249-251
" {Luis José da}, ten.te : 54-56 e 132-135.
Mourão {Alexandre Martins} cor.el : 180, 305, 307 e 311.
Navarro {Judite}, escritora : 38
Neves {P.e João da Silva Campos} : 67 e 68.
" {Dr. José Afonso Baeta} : 231, 232 e 235.
Nobre {Dr. Barros}, Professor : 142
Nogueira {Franc.o Inacio Dias}, Gois : 7 e 8.
Nunes {Jorge} : 242
Oliveira {Alcide de} : 302
" {Alexandre de Almeida} : 46 e 47.
" {Eduardo da Cunha} : 24-26.
" {Ernesto Judice de} : 199, 200
" {Frederico C. F. de} cor.el : 305.
" {Dr. José Maria de} : 243.
" {Dr. " Rodrigues de} : 228, 240-241, 243-245, 293 e 296.
" {Julio Carrão de}, ten.te : 112-115.
" {Luis Alberto de} cap.ão : 297
Pais {Alberto da Silva} : 284-288.
" {Sidónio} : 252-253, 269-271, 274, 275, 285, 289, 291, 301, 316, 320, 324-327.
Pascoais {Teixeira de} : 310.
Passos {Guilherme da Costa}, major : 93, 97 e 98.
Pegádo {António}, Dir.or do Hosp.al : 290 e 291.
Pereira J.or {António Pires} ten.te : 114 e 115.
" {Dr. Augusto da Costa} : 44
Péres {F. . . .} funcionario dos C.T.T. : 325.
" {José Domingues} cor.el : 263
Pestana {Hermenegildo Augusto dos Santos} cor.el : 264, 268, 282 e 302.
Pimenta {Alfredo} : 126-128
" {António M.a} : 149, 162, 168 e 234
" {Franc.o de Assis} : 7, 66 e 69
" {José Augusto} : 69, 126-128
Pimentel {F. . . . Lobo} : 285 e 286.

Pina (Adolfo Cesar), ten. c.el Engenh.º: 166
Pinto (Dr. Alberto de Moura): 186-189, 205-207, cap. VIII, todo; 242, 244, 248-252, 289-291 e 296.
" (Luis Aug.to Pimentel): 30
Pires (Eurico de Sampaio Saturio): 14.
Portugal (Felisberto), Prof.or: 56.
Ramos (Ant.º Justino), major: 192
" (João de Deus): 11-13.
Raposo (Carlos): 279, 280, 282, 283 e 287.
Rato (Raul Frederico), ten.te: 197 e 203.
Rebelo (Jacinto Inacio de Brito), c.el: 199, 200 e 219.
Reis (José Mendes dos), cap.m: 25.
" (Luis da Camara): 35
Rocha (Manuel João Paulo): 207 e 208.
Rosado (Tomás Ant.º Garcia): 103 e 114.
Russo (Dr. Antonio Lopes): 160, 161.
Sacadura (Dr. Arnaldo): 294 e 295.
Salazar (Ant.º de Oliveira): 245
Saldanha (Marechal Duque de): 149.
Salgueiro (F. . .) Cor.el medico: 303 e 304.
Sampaio (Gen.al Garjaz de): 25.
Sande (Antonio Pereira de), maj.: 256
Santos (Antonio Machado dos): 257, 276, 820-288 e 292
" (Gaspar dos): 135.
" (Hermenerico Borja dos): 34.
" (Julio Ribeiro dos): 191-192
Saraiva (Dr. Ant.º de Sousa): 7.
Sarmento (Gen.al José Estevão de Morais): 32
Schubert: 112
Seabra (Alfredo Balduino de): 178-179 e 185.
Serra (Dr. José Antunes Vaz): 41.
Silva (Albino Caetano da): 75 e 82.
" (Ant.º dos Santos e): 18
" (Augusto Gonçalves e): 294 e 295.
" (Inocencio Franc.º da): 123
" (Jaime Carv.º da): 318-326 e 334-335.

Silva (Manuel Caetano da):
" (D. Manuel Luís Coelho da), Bispo: 67.
" (Gen.al Rodrigues da): 311.
Silveira (Alberto da), gen.al: 204.
" (Portugal da), major: 173.
Simões (Frederico de Freitas Gonçalves): 237.
" (Pacheco), ten. cor.el: 31 e 32
Soares (Dr. Augusto), ministro: 279
" (Nogueira), engenh.o: 270-274.
Sobral (José Colaço Alves): 135.
Soromenho (Augusto Cesar Pires), cor.el: 195 e 216
Sousa J.or (Dr. António de) ministro: 78.
" " (António Gomes de) cap.ão: 50, 51, 307, 310-316, 323-334, e 336-337.
" (António Moreira de), Prof.or: 142
Stendhal: 3.
Talony, agrónomo: 141
Tamagnini (Fernando), gen.al: ver Abreu
Teixeira (Dr. José Pedro), Prof.or: 318
Tojoso (Falcão), Pintor: 205, 208-210 e 216
Urbano (Padre) da Parafritosa da Serra: 5 e 6.
Vasconcelos (Dr. Ant.º Garcia Ribeiro de): 63
" (José Augusto Pereira de): 274.
Viana (Eurico Sales): 141, 142, 170, 175 e 214.
Vicente (Gil): 199
Vieira (Leonel Neto de Lima) alferes: 196, 201, 202, 210-213, 219 e 220
Vigny (Alfred de): 102
Zarrith (João de Morais), major: 58

III

— Varia —

Abrantes: 178, 267.
Adesão (A minha) ao Partido Unionista: 74.
Adesivos: 2, 20, 21, 131 e 232.
Ajudante do R. I. nº 23: 255-256, 268 e 269.
Alcains, Bº Baixa: 95, 99 e 121.
Alferrarede: 177.
Algarve: 178, 180 e 182
Alheda (Ribeira do): 50 e 51.
Alpedrinha: 94, 95 e 99.
Alvôr (Algarve): 193.
Amendoeiras (As), no Algarve: 180
Angola: 264
Aniversario (O 1º) da Republica: 27 e 28
Ano de 1911: 1 e seg.tes
" " 1912: 38 e seg.tes
" " 1913: 62 " "
" " 1914: 102 e seg.tes
Arade (Bacia e castêlo do), Algarve: 181 e 227
Arganil: 230, 234-238, 256 e 298.
" (Circulo eleitoral de): 291
Arquivo da Camara Municipal de Lxª: 124.
" Historico Militar: 314
Assafarge: 298
Azueira: concº de Mafra: 110

Badajoz (Agencia monarquica em 1911): 15
Barrigudo (Monte do), Reina: 111 e 119.
Batalhão de Caçadores nº. 3: 197
" " " nº. 5: 25.
Beira Baixa: 99, 196 e 213.
Beirão (O), jornal de Castº. Branco: 171
Belisarismo: 44-45.
Bensafrim, Algarve: 210-213.
Boa-Viagem (Serra da): 100.
Botão, aldeia, Coimbra: 283.
Bragança: 215.
Cabo Mondego: 101.
" de S. Vicente: 217
Caçadores (Batalhão de): ver Batalhão.
Cadetes do Sidonio Pais: [struck], 299
Campo-Maior: 70 e 73.
Capinha, aldeia da Beira-Baixa: 94, 95, 98 e 100
Capitão (A m.ª promoção a): ver Promoção.
Carbonaria: 146 e 147.
Carlismo, em Espanha: 15.
Carnaxide, Sª da Rocha: 277.
Carrinha, Algarve: 180 e 182.
Cartas, minhas: 23, 24, 46, 58 e 215.
" Espirituais: ver Chagas (Fr. Antº. das)
" Sem moral nenhuma, de Teix.ª Gomes: 210
Cartório do Seminario: ver Coimbra: Cartório.
Carvalho (Biblioteca do Genl. Martins de): 29-31.
Castelo-Branco: 92, 93, 100, 122, 123, 135, 137-176, 179-183, 188, 189, 201, 204, 214, 215, 221, 222, 227, 228, 257 e 266
Catraia das Cabeçadas: 4 e 6.
Ceira, Coimbra: 298
Centenario do Inf.te D. Henrique: 219
Centro Dr. José Falcão: ver Coimbra.
" Unionista: ver Coimbra.
Cheleiros, Mafra: 105, 106 e 110
Cinquenta anos de vida militar, de G. de Souza: 312

N-23

Coimbra: Academia: 75
" : Arquivo Universidade: 63-66 e 102
" : Avenida Navarro: 231.
" : Banco Ultramarino: 250
" : Bibliot.ª da Universid.e: 63, 69 e 102
" : Cartorio do Seminario: 66, 67 e 102
" : Centro Dr. José Falcão: 293, 294 e 296
" : " Unionista: 241-243, 293-296.
" : Cemiterio de S.to Ant.º dos Olivais: 60
" : Convento de S.ta Clara: 24, 25 e 310.
" : Estatua da Imaculada Conceição em S.ta Clara: 89-91.
" : Largo das Ameias: 231.
" : " do Dr. Miguel Bombarda: 242
" : " da Portagem: 242
" : Orfeão Academico: 10
" : Penitenciaria: 258
" : Politica (A) Republicana: 16
" : Rua do Quebra-Costas: 242
" : Suas industrias: 53-54
" : Vale de Coselhas: 268
Colegio de S. Fiel, Beira B.xa: 121 e 188.
Comercio da Louzã, jornal: 191-192
Comicios de propaganda: 3 a 9.
Comissão Municipal Unionista de Lagos: 205
Companhia de Jesus: 14, 15, 20, 41 e 230
Condeixa-a-Nova: 48.
Congo Portuguès: 215.
Congresso do Partido Unionista em 1916: 244
Conselho Sup.or de Promoções: 267.
Conspirações monarquicas: 2, 10, 14, 15, 22, 25, 75 e 150-151.
Constituintes de 1911: 1, 3, 9 e 21.
Corpo Expedicionario Português: 263-264, 268-269 e 326.
Coruche: 177.
Cova da Beira (Beira Baixa): 98 e 100

Covilhã: 98 e 134
Cruz dos Marouços (Combate da): 29, 31, 32, 39, 117.
Debate (O), jornal de Coimbra: 184
Declaração de Guerra, da Alemanha: 256
Defesa (A) de S.ta Clara, jornal de Coimbra: 184.
Democratico (Partido): 29, 42-44, 73, 74, 132-134, 138, 170, 191, 205, 243, 257, 260, 268, 269, 271 e 274.
Diario de João Chagas: 149.
Dicionario Bibliografico de Inocencio: 123.
" " Militar, 2.ª edição:
Ditadura do G.al Pimenta de Castro: 171, 190, 220 e 222
Divino (O) Snr. da Serra de Sarride: 68
Divisão Auxiliar Portug.ª á França: 1914-1915: 143, 175 e 256.
Eleições em 1911: 229.
" " 1915: cap. VIII
Elvas: 153 e 167.
Escalos de Baixo e de Cima: 94 e 95.
Escola Central de Oficiais, Mafra: 102-115.
Escola de Repetição (A 1.ª): 47-53.
" " " de 1913: 92-98 e 137.
" " " " 1915: 235-236 e 256.
Espanha (A) e a Republica: 16
Espingarda (A) Mauser-Verqueiro, seu fabrico na Alemanha: 311.
Espiritismo em Lagos: 197-198.
Esquadra Inglesa no Tejo, em 1911: 21 e 22
Estombar, Algarve: 180
Estoril (Casino do): 291.
Estrela (Serra da): 92 e 100
Estremoz: 153
Exercicio de Quadros nas Linhas de Torres: 117 e 119.
Exercito, generalidades: 312
Evora: 153.
Faculdade de Direito (A creação da) em Lx.ª em 1913: 74 a 89.

Gajão, Pampilhosa da Serra : 4
Faro : 222.
Fatéla, Bª Baixa : 100
Figueira da Foz : 100, 146, 230, 234, 235, 257 e 298
Filosofia Positiva : 45.
Folhas Novas, Coimbra, em 1910 : 124 e 125.
Formiga Branca : 155.
Foz do Arouce : 48
Gata (Serra da), Espanha : 93 e 167.
Generalato (O meu) : 56
Gente Singular, de Teixª Gomes : 210 e 213.
Góis : 7, 8, 231 e 236
" (A demanda de) : 70-73.
Gradil : 110 e 111.
Grémio Lusitano : 80, 82, 86 e 88.
Grippe Pneumonica, em 1918 : 302-303
Grupo de Artilhª em Stª Clara (1918-1919) : 313
" " Metralhad. nº 5 : 24, 25, 46, 47, 59 e 61.
Guardunha (Serra da) : 92, 98, 100 e 167
Guerra Peninsular (Centenº da) : 26 e 27.
" de 1914-1918 : 120-122 e 306
Hotel Valenciano, Valença do Mº : 197.
" Viola, Praia da Rocha : 223.
Igreja Nova, Mafra : 105 e 110
Incursão monarquica em 1911 : 27 e 28.
" " " 1912 : 46 e 61
Informação anual de 1916 : 264-267.
Instituto Dr. Ricardo Jorge : 11
Inspecção de Infantª na 5ª Divisão Militar : 297, 298 e 306
Instituto (O) de Coimbra : 312
Instrução Militar Preparatória na 5ª Divisão Militar : 297-299.
Insubordinação militar em Infª 23 : 13-14
Intervenção Portuguesa na Guerra de 1914-1918 : 120 e 256
Intolerancia Politica : 57 e 58.

Introdução à História, de L. Halphen: ver Halphen
Inventario de Junho, de Teix.ª Gomes: 210 e 212.
Jardim-escola de João de Deus: 10-13.
Jesuitas: ver Companhia de Jesus
Junta militar do Norte, em 1918-1919: 253, 314-338.
" de Inspecção p.ª viajar: 303 e 304.
Lagos: 172, 178, 182, 183, 187, 188 e 193-228.
Lettres de mon moulin, de A. Daudet: 214.
Liga militar republicana: 1
Linhas de Torres: 111
Lisboa: 123.
Litografias: 109.
Loja Perseverança: 131 e 133.
" Portugal: 76, 83, 84, 130, 134-136
" Redenção: 132
Louzã: 48, 192 e 298.
Luso: 284.
Luta (A), jornal de Lx.ª: 14, 15, 74, 123, 185, 187, 204-207, 232 e 243.
Más vontades p.ª com a Republica: 26, 47 e 48.
Maçonaria portuguesa: 76, 80, 81, 87, 90, 129, 130-136 e 278.
Mafra: 101, 102 e 114.
" : Tapada: 22 e 23.
Manifestação das espadas, em 1915: 148-166, 221, 228 e 230
Manutenção militar: 95 e 97.
Maria da Fonte (Revolução de): 131.
Marrocos: 180
Massena (A retirada de) em 1811: 33.
Maupin (Mlle de), de Th. Gautier: 240
Meimôa, Beira B.^xa: 94 e 100.
Memorias (As): 247.
" " do Gen.al Tamagnini: 313-316
Moxilhoeira Grande, Algarve: 225
Miranda do Corvo: 40, 48, 50, 299 e 300.

Mizarela, Torres do Mondego : 49.
Moçambique : 264.
Monarquia do Norte, em 1919 : 25, 253, 267, 308 e
338-339.
Monchique [Serra de] : 194.
Monfortinho [Termas do] : 175
Monografia de Mir.da do Corvo : 60, 63, 69, 73, 91, 102,
298-300
Monsanto, Beira B.xa : 99, 100 e 167.
Morelenas, conc.º de Sintra : 108
Movimento de 28 de Maio : 20 a 246
Mucela [Serra da] : 48
Mundo [O], jornal de L.x : 19, 184, 187 e 191.
Murgeira, conc.º de Mafra : 107.
Nação [A], jornal de L.x : 148
Nelas : 292
Neurastenia : 38 a 41.
Notícias da Beira, jornal de Cast.º Branco : 170, 173
Olêdo, Beira B.xa : 144.
Oliveira do Hospital : 233-234 e 290
Organização militar de 1911 : 47.
Palheiros de Buarcos : 100
Pampilhosa da Serra : 3, 5 e 6.
Participação portuguesa na Guerra de 1914-18 : 257.
Partido Evolucionista : 44, 230, 253 e 254.
" Liberal Republicano : 253 e 254.
" Progressista : 249-250
" Republicano Português : 16, 17, 19 e 56 ; e
ver Democrático
" Unionista : 18-19, 73, 74, 203, cap.º VIII e ca-
pit.º IX ; pag. 271 e 279.
Passeios e Viajatas, mihi : 6
Penacova : 48 e 49.
Penamacôr : 94 e 100
Penela : 298
Penitenciaria de Coimbra : ver Coimbra.
Pero Pinheiro : 108 e 109.

Poiares : 48
Ponta da Piedade, Lagos : 201-203, 209, 222 e 223
Portimão (V.ª Nova de) : 179, 180, 223, 225 e 227
Porto : 243
Portugal (Loja) : 44
Praia da Mareta : Sagres : 213.
" " Rocha : 223.
Prisão (A minha) disciplinar : 167.
Promoção a capitão (A minha) : 116 e 123
" " major (A m.ª) : 300, 303-306
Questão da Faculd.e de Direito em Lx.ª : ver Faculd.e
Quinta da Paz : 20, 21, 35, 103, 192, 227, 245 e 269.
" dos Vales, Arganil : 252
Rajada, revista : 33 e 34.
Reacção ultramontana : 2, 15, 41, 90 e 147
Reconhecim.to da Republica em 1911 : 28.
Regimento de Artilharia n.º 2 : 146
" " Infantaria n.º 7 : 143
" " " " 15 : 335
" " " " 21 : 92, 123, 137-221
" " " " 23 : 10, 24, 25, 47, 222, 224, 228, 255-256, 258 e 263
" " " n.º 24 : 263
" " " " 28 : 145, 149-150 e 263
" " " " 33 : 194 e seg.tes
" " " " 35 : 25, 304, 306 e 310
" " " de Reserva n.º 23 : 53, 59, 60, 63, 102, 115, 120, 122 e 123.
Republica Nova (1917-1918) : 295.
Reunião do Curso de Inf.ª : 199-200
Revista Militar : 31-33 e 117.
Revolta de 13 de Dezembro de 1916 : 257 seg.tes
Revolução de Vinte : 49-50
" monarquica de 1913 : 101
" de 14 de Maio de 1915 : 220 e 221
" de Dezembro de 1917 : cap.º X

Revolução de 12 de Outubro de 1918 : 301 e 302
" " Maio de 1926 : ver Movimento
Ridículos (Os), jornal : 148
Runa : 111.
Sagres : 216-219
Salamonde (O passo de) : 118 e 119.
Santarem : 241.
" (Revolta em), Jan.º de 1919 : 337.
São Gens (Monte de), Miranda do C.º : 300
" João do Campo : 9
" Miguel de Acha : 94, 96, 97 e 99.
Sargentos (Os) do 2.º Batalhão do R.I. 21 : 157-158.
Seára Nova : 35.
Semide : 4 e 298
" (O Sr. da Serra de) : 68
Senhora (A) da Rocha, Carnaxide : 277
Serrinha, Mir.ª do Corvo : 300.
Setil, estação do Cam.º de Ferro : 177.
Sidonio Pais (Os cadetes do) : 291
Sidonismo : 248, 267, 279, 299 e 300
Sindicalismo : 79.
Sociedade N.al de Belas-Artes, em Lx.ª : 210
Soult (Retirada de) em 1809 : 118 e 119.
Souzelas : 283
Táboa, vila : 233 e 298
Tancos (Manobras de) em 1916 : 256
Tavarêde : 300
Tavira : 222
Tipografia Aux.ar de Escritorio : 75 e 192
Tomar : 256
Torres-Vedras : 111
Trabalhos historicos (Os meus) : 29, 31-32, 39 e 63
Trauliteira, em 1919 : 308.
Travailleurs (Les) de la Mer : 202
Tribunal militar de 1912-1913 : 54, 56-59, 61 e 63
Tunes (Algarve) : 179 e 180
Turcifal : 110, 114.

Turismo : 202, 214, 218, 223-224
União Sagrada (Ministério da) : 257 e 269
Valença do Minho : 197
Várzea de Gois : 4
Vendas Novas
Vértice, revista : 12
Vida de campo : 39, 40
Vie d'Henri Brulard : ver Stendhal
Vila do Bispo : 216
" Nova de Anços : 298 e 299
" " " Gaia : 243
" " " Santo André, Mir.ª do Corvo : 298
Viseu : 276

LIVRARIA DA UNIVERSIDADE

[illegible]